

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO

**ENTRE OS ESPAÇOS E A CIDADE: A INSURGÊNCIA DO SKATE NA
EXPERIÊNCIA URBANA CONTEMPORÂNEA**

Doutorando: Guilherme Michelotto
Böes (bolsa FAPERGS/CAPES)
Orientador: Dr. Emil Albert Sobottka
(PPGCS/PUCRS)

PORTO ALEGRE, MARÇO DE 2017.

GUILHERME MICHELOTTO BÖES

**ENTRE OS ESPAÇOS E A CIDADE: A INSURGÊNCIA DO SKATE NA
EXPERIÊNCIA URBANA CONTEMPORÂNEA**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Professor Orientador: Dr. Emil Albert Sobottka

PORTO ALEGRE

2017

GUILHERME MICHELOTTO BÖES

**ENTRE OS ESPAÇOS E A CIDADE: A INSURGÊNCIA DO SKATE NA
EXPERIÊNCIA URBANA CONTEMPORÂNEA**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Aprovado em: 29 de março de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Emil Albert Sobottka
(Orientador)

Prof(a). Dr(a). Lúcia Helena Müller
(PPGCS/PUCRS)

Prof. Dr. Gabriel Antinolfi Divan
(PPG Direito/UPF)

Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral
(PPGCCRIM/PUCRS)

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Emil Albert Sobottka pelos apontamentos e críticas. Ao financiamento da bolsa de estudo disponibilizada pela FAPERGS/CAPES.

À Escola de Humanidades e ao seu Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais comandada por meu professor e amigo Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo, muito obrigado pelos incentivos e conselhos. À Rosane Lima pelas ajudas, dicas, confidências: sem tuas orientações essa Tese não iniciava nem acabava, muito obrigado. Aos professores do PPGCS: Lúcia Müller, Fernanda Bitencourt Ribeiro, Teresa Marques, Airton Junglub, Rafael Madeira, André Salata, Maria Isabel Mallmann.

Ao Keith Hayward e Álvaro Oxley da Rocha pelos primeiros materiais e incentivos de pesquisa.

Aos colegas Thaís Marques dos Santos, Douglas Porto, Santiago Pavini, Vagner Vargas, Alexandre Kunsler, Gilse Rodrigues, Laura Hypolito, Priscila Sussin, Maria Luísa Dios, Hugo Arendt.

À Escola de Humanidades na oportunidade de manter contato com amigos e realizar novas amizades. Os incentivos e conselhos de Alexandre Pandolfo, Manuela Mattos, Grégori Laitano, Renata Guadaguinim, Marco Antônio Scapini, Paula Helena Scmitt, Paula Larruskain, Salo de Carvalho, Moysés Pinto Neto, Maria Júlia Ledur Alles, Gabriel Divan, Fernanda Tramontin, Raffaella Pallamola, Daniel Achutti, Fabrício Pontin, Ritcher Fernandes, Fábio Caires, Bruna Bortolini, Janaína Bujes, Ricardo Timm de Souza, Lívia Pithan, Henrique Brüggemann, Alexandre Morais da Rosa, Clarice Beatriz Sohngen, Augusto Jobim do Amaral, Leonardo Schaefer, Marcus Mattos, José A. Gerzson Linck, Daniel Kessler de Oliveira, Joana H. Rescigno.

À minha esposa Marianna Corleto Malta pelos conselhos, paciência, amizade, conversas.

Aos meus pais Artur e Izabel, aos meus irmãos Franken, Anildo, Karina. À cunhada Fernanda. Ao Vicente por me ajudar a ouvir, incentivando com os gritos de Dindoooo.

Para todos os skatistas que possibilitaram o drop, rasgar, quebrar, nesse trabalho.

*what the fuck is sense of pride
shut yer mouths and live yer lives
live to skate, skate or die
with this motto i'll survive
we'll rot away on that played out curb
resting on broken glass and dirt
and to all of you who stood in our way
you will get what you deserve*

*skate or die, skate or die
(Skate or Die – No-Cash)*

RESUMO

A cidade e o espaço urbano contemporâneo estão sofrendo significativas influências de novas relações culturais. A Sociologia urbana tem avançado nos estudos sobre os espaços públicos urbanos entre o ambiente de práticas, comportamentos, culturas e políticas. Assim o espaço urbano se apresenta como relação de poder das dinâmicas socioculturais entre os valores e significados da vida pública. Compreender esses fenômenos culturais que emergem nos espaços das cidades são fundamentais para avançarmos em dados etnográficos que exploraram as culturas entre e através dos locais onde as atividades e os valores que prospectam insurgências nos espaços urbanos. Para explicar a formação do espaço de cultura na cidade é necessária uma análise sobre o espaço urbano da cidade, com seus usos e contra-usos, para apresentar os significativos processos de influência da globalização no planejamento dos espaços públicos urbanos. A experiência urbana através do skate nos espaços das cidades exige encontrar o seu ritmo sobre a concepção entre o público e o privado, a sua estrutura urbana posta em tensão ao seu espaço de contra-uso. Nessa abordagem, o skate revela a experiência urbana contemporânea como um contínuo processo de contestação dos valores sociais estanques, da democratização do espaço público urbano, da destruição de sistemas de valores e a contínua formação de itinerários plurais, seja como lazer, comunicação ou interação social. Essa experiência urbana revela novas formas para as ciências sociais refletirem criticamente sobre os espaços das cidades e as suas contínuas práticas, identificando os processos formativos presentes nas culturas urbanas contemporâneas e localizando a gênese dos espaços nas cidades.

Palavras-chave: skate, espaço urbano, experiência urbana.

ABSTRACT

The city and contemporary urban space are undergoing significant influences from new cultural relations. Urban sociology has advanced in the studies on urban public spaces between the environment of practices, behaviors, cultures and policies. Thus, urban space presents itself as a relation of power of socio-cultural dynamics between the values and meanings of public life. Understanding these cultural phenomena that emerge in the spaces of the cities are fundamental to advance in ethnographic data that exploring the cultures between and through the places where the activities and the values prospect insurgencies in the urban spaces. In order to explain the formation of the cultural space in the city, it is necessary to analyze the urban space of the city, with its uses and counter-uses, to present the significant processes of influence of globalization in the planning of urban public spaces. The urban experience by means of the skateboarding in the spaces of the cities demands to find its rhythm on the conception between the public and the private, its urban structure put in tension to its space of use. In this approach, skateboarding reveals contemporary urban experience as a continuous process of contesting watertight social values, the democratization of urban public space, the destruction of value systems and the continuous formation of plural itineraries, whether as leisure, communication or social interaction . This urban experience reveals new ways for the social sciences to reflect critically on city spaces and their continuous practices, identifying the formative processes present in contemporary urban cultures and locating the genesis of spaces in cities.

Key words: skateboarding, public space, urban experience.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
1. EXPERIÊNCIA DE CIDADE, DE RUA, DE ESPAÇO	22
1.2 AS RUAS DAS CIDADES SOB TENSÃO	26
1.3 OCUPE, CONTESTE, RESISTA: EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO URBANO	34
1.4 NO ESPAÇO E NA CIDADE: A RUA É <i>SKATÁVEL</i>	44
2. CIDADE E MODERNIDADE: O SKATE COMO CRÍTICA AO ESPAÇO URBANO	58
2.1 CRÔNICA E IMAGINAÇÃO: REPRESENTAÇÃO DA CIDADE	59
2.2 ROMPER A CRÔNICA, INVENTAR O ESPAÇO	67
2.3 É <i>DOGTOWN</i> : UMA CIDADE REPRESENTANDO A EUROPA.....	72
2.4 “ELES VIERAM DO NADA PARA FAZER TUDO”	77
3 ERGUENDO MUROS. IMPOR ESPAÇOS	94
3.1 ESPAÇO GLOBALIZADO	94
3.2 A CIDADE DISTANCIADA	104
3.3 CONFIGURAÇÕES DE USO E SEU CONTROLE	113
3.4 EXPERIÊNCIA URBANA COMO CONTRA-USO	118
4 CIDADE, SKATEPARK – ALÉM DA ESQUINA: ETNOGRAFIA DA RUAS DOS ESPAÇOS	126
4.1 SKATISTAS NO SENADO FEDERAL.....	130
4.2 SKATE, MARGINAL!	132
4.3 MATRIZ.....	140
4.4 DE VIAMÃO, AO IAPI, PARA O HUMAITÁ	145
4.5 A <i>DOGTOWN</i> É NA MARINHA DO BRASIL	154
4.6 UM <i>BROOKLIN</i> NO VIADUTO DA JOÃO PESSOA.....	157
CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172

INTRODUÇÃO

As estéticas das cidades emergem pelas formas de controle que sustentam as experiências contemporâneas, exprimindo espaços *em* transformações que geram conteúdos para ações e trajetórias que fundamentam as culturas contemporâneas. Na cidade são realizadas ações que demarcam diferenças no ato de formação dos espaços, no qual tal lugar, como aponta Martina Löw, constitui os recursos para a afirmação social e política na realização da alteridade dos desejos, pulsões e encontros. É onde as apropriações grupais – e aqui falamos em temporalidade – são cruciais para as interações sociais com os outros para consentir com as suas afirmações.

Não obstante, com a escalada dos níveis de globalização no século XXI, as análises sobre as questões das culturas urbanas emergem entre esses espaços que estão cada vez mais sendo assemelhados em seus aspectos urbanos. Saskia Sassen (1998) demonstra que a partir dos cenários das “cidades globais” estamos diante de inéditos espaços de manifestações e contestações, onde a ordem disciplinar sobre a sociedade encontra na experiência urbana do skate uma espontaneidade cultural que endossa novas imaginações em seus espaços.

Esses locais, agora, estão inseridos em escala cada vez mais ampla da cidade. Eles sujeitam o movimento, a atividade e a sociabilidade em atos de interação que variam conforme os sujeitos espaciais. Isso evidencia o fato de que a sociedade cria os espaços a partir da interação cotidiana com outros. Esses aspectos possibilitam *notas para uma etnografia urbana* (MAGNANI, 2002) nas quais a pesquisa de campo compreende as culturas que insurgem diante desses espaços e possibilitam reflexões sobre a cidade e sua dinâmica social-cultural. Significa também que a cidade em si não existe sem o seu espaço de cultura e a relação que interliga o lugar e a experiência urbana.

Essas considerações nos direcionam a abordagens sobre a pesquisa da cidade em variáveis que podem conduzir criticamente a sociedade em suas relações de conflito, dominações e contestações inerentes da vida social moderna. Devemos investigar o impacto que articula os espaços das cidades globais entre as estruturas que fundamentam as práticas urbanas contemporâneas.

O skate ganha profundidade para debate na Academia com o excelente trabalho de Bastos (2006) ao analisar a prática do skate como estilo de vida e sua dinâmica de movimento humano. Ou seja, fala-se na significação do skate como esporte. Paralelamente a essa pesquisa, Alexandre Brandão (2011) aborda o skate como tribo e sua relação com a cidade, a historiografia do esporte e a constituição de sua prática esportiva em relação a apropriação do espaço urbano e a formação da identidade juvenis. Ambas pesquisas distinguiram o papel do skate como representação de resistência subcultural.

A partir dessas posições Giancarlo Machado (2014) investiga os skatistas *streeteiros*¹ na cidade de São Paulo. Sua pesquisa aborda a relação entre os skatistas e seus conflitos com cidadãos, e as negociações com o poder público.

Se para o poder público a *cidadania* se aproximava, de certo modo, do conceito de *civilidade*, para os skatistas – ou, para ser mais específico, para os *streeteiros* – a condição de *cidadão* estava mais relacionada à *sociabilidade* e, portanto, à de *cidadino*. Como pôde ser visto no decorrer da etnografia, há ainda uma espécie de repulsa a uma sociabilidade confinada a espaços que dispõem de certas regras, como as pistas, em prol da valorização de seus alargamentos por toda a cidade. Sendo assim, sujeitar esses cidadãos às competições com normas precisas, sendo muitas delas morais, e também, confina-los somente em espaços construídos especialmente para a prática esportiva, não detém os devires do universo da modalidade *street skate*. Com o andamento do trabalho de campo foi possível observar que a prática do *street skate* não é facilmente identificável somente com pontos definidos de antemão. Dessa maneira, ao circular pelo meio urbano tendo em vista, por meio do *olhar skatista*, a procura de *lugares skatáveis*, a cidade é ordenada a partir das experiências diversificadas dos skatistas (Machado, 2014, p. 215).

É a etnografia proposta por Machado que possibilita um amplo debate do skate como crítica aos espaços públicos, seja como antropologia urbana, antropologia do esporte, ou até mesmo como práticas culturais juvenis no espaço público. Como aponta Pacheco (2014), a abordagem de Machado permite que possamos ampliar as reflexões sobre as dinâmicas espaciais das cidades. Pensa-se na possibilidade de observar e identificar as formas relacionais entre os espaços da cidade e o skate para que possamos problematizar, também, onde que a experiência urbana contemporânea (re)inventa suas culturas e abaliza as existências de inter-relacionamentos que possibilitam a reflexão sobre as dinâmicas culturais dos indivíduos e seus espaços de cultura.

¹ Modalidade de skate que usa os obstáculos da rua para sua prática.

A partir desses apontamentos o primeiro capítulo deste trabalho analisa através da antropologia do *Olhar de Perto e de Longe* (MAGNANI, 2002) a possibilidade de compreender o espaço das cidades contemporâneas e suas articulações com os cenários da experiência urbana. Busca-se observar a cidade em sua dimensão espacial, que remeta a relação do indivíduo com o espaço de experiência física, material, imaginária e mental. Estamos observando a construção do aspecto que torna a experiência contemporânea em diversificadas atividades que apresentam uma imaginação de cultura e espaços. Partindo de uma construção que varia entre a etnografia e a crítica ao espaço das cidades, abordamos a articulação que identifica as diferentes situações da dinâmica cultural e social as quais estamos sujeitos.

Chegando ao segundo capítulo, vamos abordar o projeto de cidade contemporânea no século XX e como seu ideal de progresso está relacionado com a modernidade do final do século XIX e a utopia da cidade ideal. Não vamos fazer comparações, mas apresentar a experiência urbana contemporânea como um processo que desempenha e define o espaço da cidade como papel fundamental na cultura do skate. Percorreremos brevemente a história do skate e da cidade de *Venice Beach* e as possibilidades insurgentes nas quais a juventude daquela região *vem do nada para fazer tudo*. O skate possibilitou recolocar o espaço público como experiência na articulação entre as ruas, os espaços e as cidades em convergentes sentidos de interpretação de suas práticas e políticas culturais nos espaços públicos contemporâneos.

O terceiro capítulo versa sobre o *ponto crítico* (LEFEBVRE, 2001) da cidade urbana. As condições em que a globalização das cidades, em suas particularidades e tendências, organiza o local e o global em estratégias de segregação e exclusão. A abordagem nesse capítulo foca nas reflexões sobre a estrutura do espaço das cidades em seus fenômenos socioespaciais em crescente complexidade e que contribuem para a formação de espaços de expulsão e exclusão no mesmo eixo em que podemos considerar o espaço da cidade como local de diversidade e socialização entre seus cidadãos. Essa é a crítica de como a delimitação do espaço serve como regulamentação social, sendo uma estratégia de ajuste dos comportamentos e condutas através de atividades isoladas do reconhecimento de culturas no espaço social. Assinalamos a *experiência urbana de contra-uso* como

um envolvimento cultural e espacial da cidade na qual movem a cidade para uma possibilidade de re confortar os próprios significados de uso da cidade. Isso vai possibilitar a análise etnográfica desse trabalho em locais públicos com o skate e também as relações com o espaço da cidade, ou com os aspectos da globalização e da visibilidade social, além do envolvimento com os distintos fenômenos da vida urbana.

A partir dessas abordagens sobre cidade, espaços e globalização dos espaços, no quarto capítulo é encaminhada uma técnica de pesquisa etnográfica do skate em locais públicos. Nessa parte, contribui-se para a construção do skate nos espaços das cidades e como a utilização do espaço urbano para a prática de skate permite a interação do *corpo humano* com o *espaço urbano*; fazendo com que esse tipo de subcultura se desenvolva além de profissionais do skate, abrangendo pessoas que utilizam a prática do skate como uma “fuga” da rotina que os grandes centros urbanos apresentam. Desse modo, a carreira subcultural do skate e seus enclaves não devem ser vistos como problemas sociais, econômicos ou políticos enfrentados pelos jovens na cidade porque a interação do skate com a cidade mostra a possibilidade de um sustento econômico e de novas oportunidades aos jovens, a partir da interação do skate com o espaço urbano da cidade levando a apropriação dos lugares degradados e abandonados em que sustentam o aumento de criminalidade e os limites da cidade em sua administração de conflitos.

A experiência etnográfica desse trabalho possibilitou conhecer a diversidade de lugares, pessoas e culturas que interagem em pontos de troca e encontros no espaço urbano. Como aponta Magnani (2002), esse *olhar de perto e de dentro* permite conhecer as interposições de meio da quais o indivíduo participa e se envolve no cotidiano da cidade.

É neste plano que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos (MAGNANI, 2002, p. 17).

Seguindo com essas perspectivas, nas conclusões procuramos salientar como o processo de globalização dos espaços e a criação de diversas estruturas diferentes nas cidades modernas são fatores transformativos dos processos culturais que insurgem como experiência urbana de cidade. Essas estruturas e

culturas urbanas desenvolvem conhecimentos nos quais a pesquisa visa compreender a formação e o impacto da globalização a partir da experiência urbana que envolve todos os coletivos, todas as possibilidades de encontro nos espaços das cidades. Compreender essas significativas mudanças é entender os aspectos culturais da sociedade e a contextualização que as revoluções culturais insurrecionam na globalização das cidades e no ambiente urbano como cultura e exercício da experiência que transforma os valores da sociedade. Procuramos na etnografia dos espaços urbanos a experiência urbana contemporânea em promover os espaços das cidades como possibilidade de desenvolver uma cultura que surge nos espaços e encontra na cidade a possibilidade de inserção dos cidadãos nos espaços públicos.

Este é um resumo das principais abordagens que pretendemos realizar com esse trabalho. Como se trata de uma tese que foi realizada através de uma pesquisa de campo etnográfica durante quatro anos, optamos por descrever nesse espaço de introdução algumas das dificuldades e conflitos surgidos na pesquisa de campo. A colocação desses relatos logo no princípio é uma possibilidade de mostrar como a experiência etnográfica torna público os objetos que passam despercebidos pelo pesquisador e, no nosso caso, como o skate se surge na experiência urbana contemporânea.

A realização da pesquisa de campo sobre a cidade e o skate, sem especificar a localização geográfica de cidade que se pesquisa e se penetra, pode suscitar debates e críticas sobre esse trabalho. Estou convencido de que o método de análise de campo que proponho se aproxima da “ampliação” do escopo ao qual os pesquisadores estão sujeitos diante do crescente “espaço” físico que as novas tecnologias possibilitam no que diz respeito à aproximação das pessoas e à visibilidade cultural diversificada a que se tem acesso através do fenômeno da internet e das “redes sociais”.

O campo a ser pesquisado hoje sobre as culturas apresenta uma significativa “ampliação”. A globalização das técnicas hegemônicas permitiu as trocas de informação, divulgação e visibilidade cultural. O campo é “inventado” a partir da própria extensão a que as culturas estão sujeitas a criar diante dos elementos da ordem globalizada das cidades. O objeto de pesquisa incluiu a dinâmica dos espaços na constituição e redefinição do homem na sociedade, considerando que

em cada época se criam os modelos em que a complexidade dos lugares e das culturas se reconhecem em seus objetos de paisagem e espaço, estando essas relações presentes na existência desses lugares e campos (SANTOS, 2014, pp. 61-87).

O campo de pesquisa do skate na cidade se mostrou na produção de um diário de campo pessoal escrito à mão e em notas no *smartphone* com *links*, fotos e notícias salvas a partir da interação com os skatistas pelas Redes Sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*). O resultado dessas experiências não será apresentado em sua ordem de observação, mas será posto na minha posição “intermediária” (LATOUR, 1997) para organizar as observações sobre a cultura urbana do skate. Não assumirei a atribuição de um personagem fictício como propõe Latour, mas minha inscrição literária no decorrer desse trabalho assume mudanças nas conjugações verbais que possibilitam “atravessar” o conhecimento: quando apresentamos análises teóricas ou quando estou em uma incursão da análise de campo, a etnografia pode suscitar muito mais do que um referencial teórico de dados e estatísticas. A etnografia analisará o problema do espaço urbano, aplicando a vivência diante da cultura nesse espaço para que o problema seja debatido, não solucionado, permitindo oferecer uma “pista para um novo entendimento” (MAGNANI, 2002).

O campo, aqui, estaria como “análise das circunstâncias” (LATOUR, 1997) que descrevem as situações possíveis produzidas no “labirinto” que se tornou a ampliação do espaço social, na prática de pensar a natureza humana diante dos adventos repensados entre conhecimento moderno e tradicional. A análise além da conceptualização abstrata entre comunicação ou interação e a presente questão desse contexto etnográfico são a escrita etnográfica em uma troca dialógica compreendendo a cultura do indivíduo nas convenções a que está sujeito.

Essas reflexões mostram que o skate não é uma cultura da juventude ou uma cultura organizada em classes pobres e ricas. A vida social dessa cultura não está na sua prática de transgressão nos espaços urbanos. Ela é relativa à vida social que se moldou nas cidades globalizadas. Assim sendo, empreender um estudo empírico da cultura urbana vai além do campo geográfico, o “ponto de esquina”. O seu método acompanha toda forma com que a cultura do skate se apresentou para visibilidade cotidiana, da mesma forma como os padrões da globalização impactam

as noções de subjetividade das pessoas em seus espaços. Assim, o observado e o pesquisador não *estão* mais distantes em seus próprios ambientes e diálogos porque suas vidas compreendem os padrões gerais e globais de suas bases de interação, linguagem e sistemas. O observar se torna algo além da abstração etnográfica, direciona-se em um processo de repetição como conexão para que o contexto etnográfico não seja *retirado* das relações entre o observado e o pesquisador.

De fato, a conexão do campo de pesquisa e a influência no processo e contexto indicam a própria disciplinaridade da pesquisa. Dessa forma, a abstração representativa da imagem e sua característica observável resultaram nessa pesquisa também em uma observação “virtual”, de documentos, revistas e documentários, não como transferência metodológica, mas como modo de compreensão da representação do skate na cultura particular e individual.

Foi necessário colocar a observação de campo em curso. Nesses três anos de pesquisa, foram realizados encontros e observações com skatistas nas cidades de Porto Alegre e Viamão, no Rio Grande do Sul, bem como breves análises em cidades do Brasil e do Uruguai quando o pesquisador se deslocava para apresentar seus trabalhos de pesquisa. Igualmente, realizei junto com a minha esposa uma viagem há muito tempo planejada e que tem influência pessoal e acadêmica nesse trabalho. Fomos para a Califórnia, viajando entre São Diego e Los Angeles. Essas férias nos Estados Unidos foram importantes para pesquisa pois com essa experiência consegui “visualizar” o skate no seu local de maior influência. Em Venice Beach pude perceber o pertencimento dessa cultura àquele local, mas diferentemente do Brasil, o seu espaço de prática é profundamente delimitado pelas políticas públicas. Todas essas visitas possibilitaram realizar uma incursão etnográfica nas praças das cidades com a intenção de encontrar *picos skatáveis*.

Retomando o primeiro diário de campo, a primeira incursão para o trabalho de campo foi em um deslocamento até o Parque Marinha do Brasil, na cidade de Porto Alegre. Durante uma tarde de sábado, sentei com os skatistas em uma pista pública, conhecida também como um encontro de surfistas que simulam no skate as manobras de surf. Pensei que encontraria com várias pessoas conhecidas, mas isso não aconteceu. Resolvi tirar algumas fotos com o *smartphone* e usar o bloco de notas do aparelho para algumas anotações. O trabalho se iniciou praticamente por

observação, sem entrar em rodas ou conversas. Caminhando ao redor da pista, a relação com eles foi tranquila. Houve somente um momento em que senti tensão por estar naquele local tirando fotos e observando sem interação.

Sentei em uma pedra que proporcionava toda a visão da pista e ao meu lado sentou um skatista que perguntou sobre as fotos. Mostrei a ele as fotos das manobras e expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre skate na cidade. A partir desse momento o ambiente ficou mais “relaxado” e proporcionou a oportunidade de outros skatistas se juntarem para visualizar as fotos. Papel de “seda” na mão e maconha² sendo “esmugada” na outra mão. O “baseado” foi fechado, passando de mão em mão para uma “tragada” por cada um presente na roda. Recuso a oferta e ninguém exige para que eu faça uso da substância, mas em mim surge “um certo” medo por não conhecer nenhum deles e pela circulação da polícia a alguns metros de nosso grupo.

O medo a que me refiro é também inflado por algumas questões dos skatistas a mim. Nesse tempo deixo “escapar” minha formação de bacharel em Direito. A conversa toma rumos diferentes (sobre prisão e pedidos de auxílio para analisar processos criminais deles e de próximos). Tentei ao máximo esquivar-me de continuar esse diálogo e na chegada outra pessoa que não estava andando de skate, mas sim oferecendo drogas, o medo já presente se intensificou. Consegui fazer uma “deixa” e ir embora logo quando escurecia.

Depois dessa situação vi que o ambiente que buscava pesquisar não estava nas pistas públicas ou privadas, mas nos skatistas que utilizavam os espaços das cidades como “pista” coletiva. Dessa forma tive que começar do “zero”, como sugere Roy Wagner, pois até esse momento eu conhecia a cultura do skate “como uma abstração acadêmica, uma coisa supostamente tão diversa e tão multifacetada, e, no entanto monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ou visualizá-la” (WAGNER, 2015. p. 44). Essa relação é parte de um processo que traz à imaginação o instrumento particular das práticas disseminadas entre a relação pesquisador e pesquisado, com possibilidades de especificar e pensar os grupos em suas estruturas na sociedade diante das convenções que objetificaram o

² A referência à droga maconha não tem muita importância na análise grupal nesse trabalho. O seu consumo não é generalizado pelos skatistas, bem como não visualizei momentos em que eles próprios faziam distinção entre skatista que anda “sob efeito” de maconha. Nesse sentido Howard Becker (2008) realizou análise sobre músicos que fazem uso de maconha para trabalhar.

reconhecimento dos modelos de regras e controles codificados nessas relações conexas entre culturas urbanas e cidade.

Essa visualização era fruto da distância social que minha própria figura corporal transmitia sendo morador de outra cidade, pertencendo à classe média, com olhos claros, alto, etc. Em minha própria rotina de andar nas ruas da cidade de Porto Alegre, sou interpelado como estrangeiro. De tal modo, estava com uma visão parcial sobre essa cultura e necessitava entrar no campo da pesquisa para um maior aprofundamento teórico sobre a prática e o trabalho em curso.

A combinação desses fatores com o fato de eu ser surdo aumentava ainda mais a distância entre a objetividade relativa e a relatividade cultural para realizar a pesquisa. Fiquei presumindo a cultura do skate pela visão da cultura do surf, mas o skate atualmente seguiu sua imaginação e experiência própria para os espaços das cidades. Então, como experienciar essa cultura do outro e seu objeto de estudo?

Para me colocar nesses universos de significados resolvi ter um “informante”, não nos aspectos descritos por Foote-Whyte (2005). Busquei um amigo próximo que tem uma loja de skate em Viamão, o Divino. Através do Divino fui apresentado a diversos skatistas de Viamão e Porto Alegre e com o contato inicial, ficou evidente que eles não se preocupavam com minha presença, pelo contrário, até se animam com a possibilidade de visualizarem um trabalho sobre skate no âmbito acadêmico, pois alguns skatistas com os quais me conectei pela rede social *Facebook*, são jovens e adultos que têm estudo superior. Conheci professores, médicos, advogados, engenheiros, arquitetos. Ao encontrar essa pluralidade de relações, passei a pensar a cultura do skate em torno de uma atividade concreta, além da semelhança ou similaridade como único aspecto passível de relações. As culturas em seus termos comuns e compartilhados se organizam para atividades concretas por meio de ação consciente, metamorfoseando-se entre espaço e vida cotidiana.

Os atrasos na pesquisa de campo continuaram, principalmente pelo aspecto do medo do pesquisador em se deslocar por diversas localidades das cidades, o que foi agravado pela minha primeira incursão do campo, bem como por minha deficiência auditiva que faz com que eu tenha que usar aparelhos auditivos que têm um significativo valor de mercado. Ao superar essa parte, desloquei-me sozinho novamente para outra pista pública de skate em Porto Alegre, localizada no bairro IAPI. Apesar de já ter direcionado o meu foco para os locais públicos urbanos (além

de pistas/locais próprios para prática), essa foi uma nova tentativa de ampliar a rede de contato.

A nova tentativa possibilitou estabelecer excelentes interações com o objetivo de formular e conhecer a cultura do skate. No IAPI encontrei pessoas conhecidas de Viamão, fazendo com que a interação com outros skatistas fosse bastante produtiva. Contudo, um detalhe acabou por não permitir uma maior interação: o uso do celular para fotos. Percebo que eles não estão interessados em conversar com alguém tirando fotos com um celular, pois eles já fazem isso. Por essa razão, achei necessário comprar uma câmera fotográfica profissional. No entanto, como a bolsa de estudos não permite muitos gastos, adquiri uma câmera fotográfica profissional de “segunda mão”.

A partir disso, a interação mudou completamente. Nas pistas públicas, eu era chamado para realizar fotos dos skatistas em suas manobras. Foi possível criar vínculos, pois, ao perguntarem quanto me “deviam” pelas fotos, eu avisava que não cobrava por elas, bastava que eles me adicionassem no *Facebook* para baixar as fotos como bem entendessem. Nesse momento acabei por ter acesso a diversos vídeos dos skatistas e a rede de contato foi se ampliando.

Através da aproximação facilitada por Divino, conheci um skatista, a quem chamarei de Rasta, que mora próximo da minha residência em Viamão e é considerado por muitos outros skatistas como alguém que vive o skate como estilo de vida. Rasta é professor de Educação Física, usa *dreads locks* e vive uma vida “simples” em sua casa, a qual chama de Casa Mágica. A casa mágica é um projeto de ter uma pista de skate no quintal, não como concepção privada, mas aberta a quem quiser entrar e andar de skate, descansar na cama, tomar uma ducha, etc. Como Rasta não é uma pessoa com posses materiais, a construção da pista foi realizada a partir de doações de materiais, procura por objetos descartados nas ruas por não possuírem mais utilidade para as outras pessoas. Em algumas ocasiões Rasta solicitava ajuda, através de seu perfil no *Facebook*, de amigos com carros com porta-malas de grande capacidade ou *pick-ups* para irem até alguma localidade buscar materiais que haviam sido doados. Assim a Casa Mágica foi redescoberta por mim e hoje ela se tornou um ponto de referência para encontro com as pessoas com quem fiz amizades. Isso possibilita acompanhar essa “utopia de morar pelo skate”, nas palavras de Rasta, tornando esse um local de diversidade cultural com o

“pixo”, grafite, música e outras modalidades esportivas abertas para divulgação nesse ambiente.

A partir desses contatos e de alguns *rolês*³ com Rasta, percebi a dificuldade que teria em acompanhar os skatistas, seja por questões meteorológicas, seja de incompatibilidade de horários. Enfoquei em seguir suas publicações e discussões na rede social. Essa ampliação possibilitou a interação constante com os skatistas, fazendo com que o *feed* de notícias do meu *Facebook* se tornasse um diário de campo virtual.

No entanto, para evitar um distanciamento da pesquisa, ou para que a presunção da cultura não se tornasse um significado próprio do pesquisador, recorri a algumas entrevistas informais com skatistas, evitando uma “espécie de livre fantasia”. Com isso, busquei mostrar que, apesar de estar “inventando” a cultura estudada, a observação de forma objetiva se relaciona com a experiência e os atos próprios como momentos de transformação da minha personalidade diante da cultura do outro (WAGNER, 2015).

Atualmente, a tecnologia permite contato com vários programas ou aplicativos que facilitam e ajudam as pesquisas. Com o *smartphone*, baixei um aplicativo de gravação para realizar as conversas informais. Após, enviei para um amigo que trabalha com transcrições de conversas. A partir disso, consigo me aproximar da cultura como experiência e transformação, pois a leitura das conversas possibilita imaginar o momento em que me aproximava dos skatistas e sua cultura. Assim, “a cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se a situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetificar a discrepância como uma entidade – ela é delineada por meio de uma concretização inventiva dessa entidade após a experiência inicial” (WAGNER, 2015, p. 54).

Como veremos nos capítulos que seguem, a construção de um padrão urbano cultural define a comunidade em seu controle, a exclusão cultural e uma nostalgia reacionária (FERRELL, 2001), nas quais a invocação ao passado histórico social e a percepção do ambiente urbano transmitem segurança para que os antissociais e as raças (os pobres) não se misturem com a “alta” sociedade ou a “verdadeira” cultura, como investigou Teresa Caldeira em “Cidade de Muros”. Nesse contexto, os principais pontos dos campos por mim observados foram visitados mais

³ Ato de andar pela cidade com skate; dar uma volta.

de duas vezes. A observação repetida era necessária para analisar se nesses ambientes houve alguma modificação estética de sua paisagem, tal como a cidade que se urbaniza constantemente.

1 EXPERIÊNCIA DE CIDADE, DE RUA, DE ESPAÇO

O título desse capítulo considera a experiência do ambiente contemporâneo em que estamos inseridos na exposição do indivíduo em sua relação individual e coletiva. Os espaços estabelecidos em suas dimensões públicas. Na cidade moderna, o espaço é a experiência nostálgica de um lugar seguro; enquanto a cidade contemporânea é o ambiente confuso, de caos, onde a experiência é o quadro físico de pertencimento.

O processo de experiência desenvolve-se entre relações e nas formas entre potencialidades relacionais que personificam o espaço comum próximo (público) e o transformam no espaço próprio (político). Esse é o aspecto em que as redes cotidianas formam o urbano e o seu limite entre o público e o privado. A experiência está estritamente relacionada ao ritmo corporal que adquirimos no espaço e na rua, na cidade contemporânea a capacidade de abertura e desdobramentos do circular, transitar no espaço comum.

Nesse primeiro capítulo retomamos a experiência de pesquisar o espaço da cidade no aspecto de tornar a experiência contemporânea em diversificadas atividades que apresentam uma imaginação de cultura e espaços. No que podemos compreender, mesmo na distância das condições, ao encontrar novos objetos e questões atuais sobre a rica dinâmica cultural que é o espaço da cidade, há-se reflexões sobre a cidade e os seus espaços a partir das formas de sociabilidade nos espaços e nas ruas. Pensar essa experiência e esses espaços das cidades contemporâneas, imprime a descrição do olhar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002), assim como se propões com essa pesquisa.

Tal abordagem procura dar sentido ao lugar de existência no qual as questões próprias do mundo contemporâneo estão referentes ao sentido simbólico e social do espaço da cidade, a importância em que culturas globais em contrastes com os esforços hegemônicos de ocidentalização e americanização possibilitaram que as culturas tomem novas perspectivas possíveis de compreender a cidade e seus espaços urbanos.

Para levar em considerações essas categorias de espaço, rua e da cidade com a questão do skate pretendemos apontar esses aspectos de inter-relações do desenvolvimento de progresso que observamos na construção das cidades

contemporâneas. Pensar o espaço urbano é orientarmos com a vinculação relacional que interligam as atividades individuais na cidade com a sua conexão coletiva e adaptações realizadas a partir dessas experiências em que o movimento corporal espacial é sempre iterado na sua origem e se desloca por entre suas linhas de imaginação. Por essas razões, escreverei algumas lembranças de minha juventude na cidade de Viamão/RS e como surgiu o meu contato com o skate como forma de endossar o devaneio entre o pensar e o presenciar o espaço urbano.

Quando tinha 15 anos de idade, eu e meus amigos estávamos sempre andando de skate nas calçadas de Viamão/RS. Ao simular o deslizar em uma onda com o skate, conseguíamos *manter* a adrenalina do *surf* já que o litoral norte do Rio Grande do Sul estava a cem quilômetros de nós. À cidade metropolitana pertencíamos. Muito mudou desde aquela época, quando o skate era passatempo, um momento de interação entre nós, jovens rebeldes. Anos se passaram e aqueles encontros se tornaram cada vez mais breves. Constituímos família, mudamos de cidade, Estado, país. Acompanhamos as mudanças dos lugares e do skate.

Cidades ganharam novos espaços e ruas, enquanto a cultura do skate se manteve entre os jovens que depois de anos na “marginalidade” puderam ser compreendidos em suas culturas urbanas. Contudo, nem sempre isso aconteceu. Essas são as principais condições de experiência urbana, os espaços públicos que distinguidos por suas formas e limites que promovem situações de *não* permissão, ou sua tentativa de proceder ao momento de impessoalidade que envolvem situações que adquirimos nos espaços e nas ruas diante das cidades contemporâneas, ou que nos envolvermos em contestadas práticas nos espaços públicos urbanos.

Skatistas são marginais, drogados, despreocupados, vândalos que querem destruir o “espaço público”! Skatistas se locomovem, exploram, se inventam, reavivam os espaços públicos. Essa é a dinâmica da circulação, inscrição, exploração dos skatistas. As cidades se moldaram com o crescimento da globalização, com grande influência da cultura de consumo sobre seus espaços. Elas se tornaram um meio de passagem entre um ponto e outro, de nossas residências para o trabalho, os *shoppings*, à monumentos e praças públicas que provocam sentimentos citadinos.

Skatistas estão nessas circulações, nesses pontos que incluem novos significados nos espaços urbanos de sua cultura. Pretendo com essas reflexões orientar a confluência que a pesquisa de campo tem com a experiência de pensar as condições da cidade além do espaço fechado no ato de andar de skate. Isso não para restringir a cultura skatista como condições de classe ou raça, mas como insurgência cultural urbana no espaço público, sua experiência de rua, de espaço remete a essência da experiência mental na forma e formação da cidade. Como podemos distinguir na rua e nas manifestações das culturas, há uma reflexão das formas sociais, da criatividade e do território, ou seja, o significado do cidadão nos espaços das cidades. Responder a essa questão aponta para a possibilidade da cidade em pesquisa, no seu ponto de encontro entre análise cultural de cidade e espaço.

É na possibilidade de investigar a cidade em todos os seus aspectos, como ponto de junção entre as relações com outras cidades, com os espaços resultantes dos pontos, redes e lugares que as sequências moldam a vida urbana no curso da transformação das cidades. No livro publicado no ano de 1995, Frúgoli Jr. apontava que a cidade tem uma complexidade cultural e social a ser investigada, que, envolta em seus quadros de referências, se articulam em transição sobre o cotidiano e seus espaços. As cidades, em suas dimensões espaciais, promovem as culturas a partir de “várias significações, que ao mesmo tempo se entrecruzam, complementam-se, contradizem-se” (FRÚGOLI JR, 1995, p. 12).

Realizar uma antropologia na cidade, e a partir da cidade, mostra que devemos interrogar a cultura urbana dentro dos estudos que compreendem esse ambiente urbano que na produção do espaço global influencia a identificação social local. Devemos considerar os impactos da globalização dos espaços na articulação entre a cultura e a cidade.

Se as cidades passadas se constituíram a partir das imigrações de povos de diferentes culturas, hoje essas manifestações culturais e sociais já estão estabelecidas na composição histórica dos espaços e da vida cotidiana. É no entrelaçamento do desenvolvimento das cidades urbanas, em especial na cidade de *Venice Beach*, na Califórnia (EUA), que o andar de skate encontra, entre os caminhos e lugares, as cidades em que se apresenta em suas sociabilidades.

A crescente independência dos processos de transformações territoriais e domínios institucionais globais especificaram fronteiras na *perda* da cultura ou a assimilação de vida globalizadas e homogeneizada, em promover efeitos de constantes deslocamentos de culturas pelos espaços das cidades. Esses efeitos sobre as culturas apontam uma interligação mundial em que as regiões de referências são as próprias cidades. Suas múltiplas cartografias imaginárias, onde se definem e se agrupam as culturas, em seus diferentes contextos e espaços. Isso pode assinalar que a divisão pode ser tanto social como espacial. As cidades não constituem unicamente processos de socialização, pois as regiões e centros que moldam o território de cidade são as configurações culturais em transformação. Assim os skatistas, ao se deslocarem entre regiões e ao constituir ponto de prática, reafirmam as fronteiras imaginárias definidas pelas zonas regionais e seus registros de identidades (posição ética e de resistências) de aspirações do progresso de modernidade (LÖW, n/d).

Os espaços das cidades modernas motivaram nossos intercâmbios simbólicos, de referência cultural. Apontando perspectivas entre o encontro da posição geográfica e histórica do homem nas culturas urbanas. A construção dessa experiência cultural na análise dos fenômenos presentes nas sociedades citadinas implica o conhecimento de sua matéria, construção política e espaços. Reduzir as ações culturais presentes no fenômeno urbano através da pesquisa etnográfica de um grupo cultural implica examiná-los com as expectativas próprias do pesquisador no universo plural existente na sociedade, com diferenças e variedades de vidas.

O skate, portanto, não está posto nesse contexto atual como “uma cultura” que tem tradição ou geografia específica. O skate *já* está constituído como um elemento cultural que se envolve amplamente com a cidade, pois implica em relações com a sociedade, o espaço, a sociabilidade, a matéria necessária para prática dessa cultura. Compreender o skate em seus aspectos universais é me colocar no ambiente investigado para discutir a “objetividade relativa” de pertencer a essa cultura urbana e a relação que ela produz sobre a questão de igualdade cultural. Bem como abordar a “relatividade cultural” das relações entre as variadas culturas urbanas contemporâneas em seus pontos de vistas, ao que diz respeito ao pertencimento cultural social.

A investigação realizada durante o trabalho de campo passou por alguns percalços, pois a tentativa de mostrar comprometimento com o trabalho esbarrava na questão de também *pertencer* à cultura urbana do skate, ou melhor, de ter o entendimento pessoal sobre o significado do andar de skate como alguém que pratica o esporte *surf*. Esse elo entre essas duas culturas, apesar de facilitar o ingresso no ambiente mais amplo da cultura do skate, dificultava o pensamento sobre as especificidades da cultura do skate na cidade.

Ao observar o espaço e a transformação da cidade pelo skate, a presente investigação coloca a experiência da cidade contemporânea e a experiência da cultura do skate com o propósito de projetar as imagens de cidade globalizada no espaço urbano contemporâneo, ou seja, os seus aspectos que são produzidos por aquilo que podemos chamar de *caos urbano*. Para essa *cena urbana* vamos trazer reflexões a partir do skate e a sua identificação diante da estrutura de comunicação (espaço) e de sociabilidade (experiência de cidade). Magnani (2002) enfatiza o *olhar de perto e de dentro* na abordagem sobre a cidade. Já com o objetivo prático proposto, a junção de conceitos que possibilitam a descrever e a pensar a cidade numa perspectiva etnográfica de experiência.

1.2 AS RUAS DAS CIDADES SOB TENSÃO

As cidades no século XXI estão sofrendo uma massiva transformação de seus espaços. Os impactos dessas intervenções promovem relações sobre as formas econômicas, tecnológicas e culturais das cidades. Abordar empiricamente sobre essas três qualidades de intercâmbio e interdependências é compreender o aspecto da cidade local além de uma “versão anterior da Europa ou da América do Norte”. Esses processos de globalização nas cidades modernas estruturam seus espaços não como produção de uma cidade *pura*, fixada geograficamente e espacialmente, mas como um espaço de constante fluxo móvel e *desterritorializado* que não produz unicamente momentos de socialização. Essas características de cidades globais “[...] constituem objetos tão interessantes para a observação científica e política: porque elas são lugares onde o mundo adquire uma forma específica de significado” (LÖW, n/d, pp. 3-7).

Essa globalização é uma relação. Cidades sofrem influências das culturas (LÖW, n/d). As relações espaciais modificam as suas estruturas, onde as culturas que estavam restritas aos espaços determinados começam a insurgirem no ambiente das cidades. Assim a globalização promove aspirações culturais, evitando-se sociedades homogêneas. Os espaços das cidades são configurações culturais em transformações. Esses processos levam em consideração que a rua não mais pertence a uma concepção clássica e europeia de atividade pública ritualizada⁴. A ação construtiva sobre cidade que se posta localmente nos espaços globalizados.

Na possibilidade de observar e identificar as formas de relações entre os espaços e o skate é, certamente, o momento onde compreendemos a experiência urbana contemporânea em suas existências com a sociedade e as dinâmicas culturais a eles associados. Essa cultura do skate nos espaços das cidades se torna um movimento indisciplinar a partir de suas espontaneidades imaginativas nesses cenários que os espaços das cidades se apresentam.

Na observação do espaço das cidades modernas pelo skate é compreender o desenvolvimento e progresso da modernidade em andamento. Como o espaço promove vinculações relacionais com a sociedade, isso é a interligação entre os objetos culturais, da atividade individual e coletiva de conexão com as adaptações a elas realizadas no ambiente das cidades. Perspectivas, essas, evitam a discussão para problemas de estereótipos das situações e dos espaços de culturas. Conforme abordamos no início desse capítulo sobre a experiência contemporânea.

Estamos diante de um constante movimento dos espaços das cidades. A modernidade não produz um movimento estático dos espaços das cidades, mas ações que produzem relações entre os sujeitos nas suas individualidades coletivas e nas materialidades culturais. Essa *emersão*⁵ produz um campo de análise entre as distintas formas de relação da cidade e seus espaços, naquilo que Martina Löw (2013) compreende como as mudanças ocasionadas pelas tecnologias globais. Esses processos produzem ações nos espaços e na materialidade onde suas

⁴ Nesse sentido: "The Street is a space where new forms of the social and the political can be **made**, rather than a space for enacting ritualized routines" (SASSEN, 2011). Disponível em: <http://www.possible-futures.org/2011/11/22/the-global-street-comes-to-wall-street/>. Acesso em setembro 2016.

⁵ Utilizamos a palavra *emersão* no sentido em que estou saindo de um espaço da pesquisa Criminológica da Escola do Direito e encontro o *campo* etnográfico das Ciências Sociais.

intencionalidades podem, ou não, virem a serem confirmadas pelos sujeitos sociais que se encontram nesses espaços.

São ações que a globalização dos espaços institui aos fundamentos e técnicas do conhecimento e da natureza das sociedades no envolvimento com a cidade moderna. A alocação e o poder de suas ações partem dos sujeitos em suas individualidades, conectando-se no envolvimento da cultura urbana. Seus coletivos, a partir dos objetos produzidos nas convenções humanas e nos seus espaços de relações naquilo que chamamos de cidade, o espaço de convivência e pluralidade para práticas coletivas.

Compreender o espaço da cidade, a cultura urbana, e sua relação com o skate remonta após a defesa de dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, no ano de 2011. Porto Alegre começava a ganhar o Movimento do *Ocupa POA*⁶. Esses atos pediam melhoria do sistema político e financeiro para a população geral. Com um lema que “somos 99%” (das pessoas) que não se beneficiam dos generosos programas políticos financeiros apresentados pelos países para “salvar o capitalismo”. Os objetivos desses movimentos que surgiram nos Estados Unidos e se espalharam por diversos países tenta mostrar para as pessoas que a contestação ao sistema financeiro continua e continuará. O que extraímos desse movimento é que o espaço público “ainda é o instrumento mais eficaz de oposição” (HARVEY, 2014, p. 281).

Infelizmente, enquanto o espaço é considerado público e para todos os cidadãos, o Estado através de suas leis considera que o espaço público não é para todos e faz a partir desse corpo político uma ofensiva sobre as ocupações. Essa estratégia ofensiva não ocorreu somente nos Estados Unidos. José Linck, em tese de doutorado, compreendeu que essas contestações aos espaços públicos tiveram uma resposta ofensiva pela administração municipal de Porto Alegre na tentativa de “esvaziar” esses espaços. Essas ofensivas são respostas dadas por todos os governos que atuaram nesses processos de contestações dos cidadãos. O que se contestou foi o uso da política pública como resolução para salvar o capital financeiro e rentista, no qual o espaço urbano tem uma “nova” relação com o capital.⁷ Como aponta Harvey (2014, p. 212), diante desse processo de

⁶ <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=85260>

⁷ “A onda atual de movimentos liderados por jovens de todo o mundo, do Cairo a Madri ou Santiago – para não mencionar uma rebelião de rua em Londres, seguida pelo movimento “Occupy Wall Street”,

contestações diante dos espaços urbanos, o poder político atua como reorganizador das infraestruturas e vida urbana “com o objetivo de manter as populações insatisfeitas sob controle”.

Esse é o papel dos circuitos econômicos junto com os Estados ao produzirem fronteiras espaciais nacionais no contexto de estruturas formalizadas pelo capital financeiro. Portanto o urbano é o espaço de ação e revolta política, onde as configurações de suas infraestruturas desempenham um papel importante para o efetivo uso do espaço como produções da economia de aglomeração causadas pelas empresas globais a partir da concentração de recursos em determinado território. Atualmente o mundo atravessa uma massiva estruturação de sua economia global acompanhada de novas formas de conflitos culturais. Isso se torna evidente nas cidades do século XXI em que potentes forças econômicas alteram a realidade social, econômica e política das cidades globais. Utilizamos o termo cidade global não somente para designar as megalópoles como Nova Iorque, Tóquio, entre outras. Também compreendemos a cidade global atualmente como um espaço que é influenciado direta e indiretamente pela ordem econômica mundial. Portanto, o estudo do espaço urbano a partir da inserção da cidade como lugar que sofre influência global estrutura as formas urbanas e determina as funções das cidades na natureza e na vida social presente nesses locais. Não vamos nesse momento aprofundar esses aspectos, mas eles são relevantes pois constituem um posicionamento das políticas públicas dos países como constitutivos da reformulação de ordens existentes nos espaços das cidades e que contribuem para a formação de novas ordens. Essas relações entre as cidades reproduzem experiências que vão além das fronteiras que delimitam os espaços físicos. (SASSEN, 2008; 2010).

Os fatores que constituíram essa “globalização perversa” (SANTOS, 2015), implicaram em uma violência estrutural sobre o estilo de vida materializado, uma estrutura de vida cotidiana alienada culturalmente, esvaziando a ação cotidiana dos indivíduos intrinsecamente de suas experiências.

A marginalidade constituiu o mundo das normas em seus espaços, a vida social é racionalizada em seus aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos. O

que começou em Nova York, e que logo se espalhou por inúmeras cidades norte-americanas e hoje acontece em cidades do mundo inteiro – sugere que há algo de político no ar das cidades lutando para se expressar (HARVEY, 2014, p. 211)”

seu estabelecimento se desenvolveu nos expedientes de produções dos espaços sociais. Sua política é determinada em sua ação sobre o cotidiano. A “pobreza estrutural globalizada” tem como missão a própria regulação social. (SANTOS, 2015, p.72)

As ruas estão sob tensão contra a desintegração da revolução cultural. Aponta que a coerção do poder, a partir dos mecanismos de controle social e espacial, tem se expandido com o fenômeno da “financeiração dos territórios”. Ocupe, conteste, resista. Essas eram as frases que foram penduradas em um varal no centro de Porto Alegre, questão que abordaremos no tópico seguinte. Essa reivindicação colocou em movimento o intrigante processo de reivindicação da justiça social. Harvey (2014) reflete que as cidades produzem vida comunal em constante mutação e transitoriedade. Na crescente mudança dos espaços com cercamento, monitoramento e policiamento das relações sociais na tentativa de inibirem novas formas de relações sociais, os indivíduos concebem engenhosos mecanismos para desenvolverem seus interesses comuns.

É a partir das questões relativas aos interesses comuns culturais criados ao longo dos tempos, nos quais possam se tornar acessíveis a todos a partir de suas ações políticas que os cidadãos corroboram com os interesses públicos. Suas formas práticas de insurgências promovem a busca pela coletividade que alcança a todos. Como exemplo há a educação acessível, gratuita e de qualidade, pois “por meio de suas atividades e lutas cotidianas, os indivíduos e os grupos sociais criam o mundo social da cidade ao mesmo tempo em que criam algo de comum que sirva de estrutura em que todos possam abrigar-se” (HARVEY, 2014, p. 146).

Alunos e alunas de todas as escolas públicas no Brasil em 2016, os chamados secundaristas, ocuparam os prédios públicos para reivindicarem justiça social e educação de qualidade. Ocuparam e resistiram contra a ordem policial, jurídica e estatal. Jornalistas foram presos e sofreram violência. Jovens saíram às ruas para contestar o transporte público precário e abusivo. Os secundaristas com toda a sua agenda realizaram um festival musical denunciando o abuso policial contra menores de idade: “Pai! Mãe! Sou da ocupação; desculpe, mas estou no camburão; me prenderam por lutar pela educação!”. Essa disposição é a cultura se manifestando contra esses espaços privilegiados que a globalização perversa impõe em seus espaços de invenção cultural.

O processo de questionamento dos espaços urbanos pelos movimentos sociais que tencionaram esse trabalho mostrou que a articulação em redes e alianças para suas reivindicações serem “ouvidas” é apenas o resultado de suas estruturações em redes nos espaços das cidades modernas e suas experiências contemporâneas constituem as formas de suas vidas cotidianas como dinâmica da globalização no aspecto das estruturas sociais de aglomeração das cidades.

A partir dessas ocupações nas ruas e nos espaços reportaram para a questão sobre a dimensão que o espaço pode vir a ser posto em pesquisa empírica, como bem desenvolveu o dossiê apresentado por Fraya Frehse (2013). A questão de pesquisar o espaço é que se apresenta em um conjunto de relações que podem apresentar a partir de diversos aportes teóricos e metodológicos; o que incentiva as Ciências Sociais a refletir de maneira extensiva entre cidade e seus espaços. A abordagem pode partir de uma pergunta sobre que fenômenos são esses que aproximam as pessoas entre os espaços das cidades e seus desafios como sociedade?

Evidente que Magnani (2002) já vem pesquisando sobre a “experiência paradigmática da rua”, isto é: os momentos que se multiplicam entre os espaços que compõem a metrópole e produzem uma experiência de sociabilidade que promovem conhecimento, costumes, símbolos, influências. Saskia Sassen (2010) analisa com profundidade sociológica essa questão. Mostrando que essa multiplicidade promovida pela globalização é uma construção do território nacional a partir da negociação com o global. Essa negociação promove crescimento das atividades globais nos espaços nacionais, em que as melhorias promovidas nas áreas centrais urbanas, em qualquer proporção, aprofundam a pobreza e a decadência de infraestruturas. Isso faz com que a concorrência entre privado e público seja um “facilitador” para a *implementação* de novas políticas e padrões internacionais, enfraquecendo os Estados Nacionais. O projeto global de controle dos espaços faz com que se ascendam essas novas redes de movimentos e de reivindicações sociais, tornando as formas de imaginação social fundadas nas experiências urbanas em características da globalização dos espaços.

Desse modo não pretendemos discutir esses movimentos. A questão para se estudar o espaço urbano é ir além de sua produção de materialidade para responder

como o espaço tornou-se representável⁸. Neste contexto podemos formular uma questão de como as ações cotidianas, individuais e coletivas, acionam os espaços para se constituírem entre as experiências e culturas? Essas ações constituem os espaços e é a partir da sua relação que os espaços das cidades são transformados em territórios culturais (LÖW, 2013, p. 27).

É na construção política e de controle social que se proíbe as diferentes atividades públicas, ou atos que envolvam manifestações contrárias à norma em lei. Essas mudanças da escala que estão representadas para os cidadãos tem uma profunda implicação sob a ordem política e social em que o mundo moderno vive como uma mistura entre a paisagem e o espaço. Magnani (2002, p. 12) propõem que há duas variáveis de abordagens sobre a cidade. Uma é a análise de sua estrutura econômica e social, com variáveis de seus indicadores e que baseia a pesquisa de acordo com o “atual eufemismo, dos países emergentes”. Essa primeira variável é a que não estamos analisando, o que nos leva a abordar com a segunda variável onde as estruturas urbanas são modificadas diante das sucessivas intervenções nos espaços urbanos e produzem novas formas de comunicação e sociabilidade. Situações que levam a cultura urbana a estar diante de deteriorações “dos espaços e equipamentos públicos com a consequente privatização da vida coletiva, segregação, evitação de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais restritos, situações de violência, etc” (MAGNANI, 2002, p. 12).

Cidades mundiais e globais promovem essas novas estratégias para o papel da cidade no controle das atividades pessoais e sociais que não se enquadram com a norma social. Essa perspectiva foi analisada durante as manchetes de jornais na pesquisa de Mestrado⁹ realizada previamente, os sujeitos que não se apresentavam nos padrões sociais modernos estavam diante de um policiamento e controlados nos espaços públicos em regiões das cidades que representam “altos índices de criminalidade”.

Esse processo de globalização é o questionamento que Sassen (2010) aponta para compreendermos os novos significados das ordens e das condições territoriais e institucionais promovidas pelos agentes econômicos nos Estados

⁸ “Essas abordagens já não satisfazem mais. A globalização da economia, acompanhada pelo surgimento de uma cultura global, alterou profundamente a realidade social, econômica e política dos Estados-Nação, das regiões transnacionais e – daquilo que constitui o tema deste livro – das cidades” (SASSEN, 1998, p. 11).

⁹ BÖES (2016).

Nacionais. Questiona-se as influências que os Estados terão nessa organização e a relação com a sociedade já que as mudanças ocasionadas pela transformação dos espaços das cidades insinuam violência e perigo.

Martina Löw (2013) conceberá os espaços das cidades modernas como ordenamento-ordens (*An-ordnungen*) das relações dos lugares entre os seres e os bens sociais. Esse termo (ordenamento-ordem) coloca o espaço como prática de ordenamento e também para estabelecer a ordem já existente. Esses apontamentos da autora apresentam a fundamentação social que o espaço constitui pela interação da ação e estrutura, ou seja, a estrutura social que precede a ação é a consequência para o reconhecimento, associação e regramento. “Sob esse prisma, estruturas políticas, econômicas ou jurídicas fazem par com estruturas espaciais” (LÖW, 2013, p. 27).

Diante desse processo anteriormente descrito sobre os movimentos *Occupy*, Harvey (2014, p. 283) lança:

O público não tem nenhum direito comum ao espaço público! Com que direito prefeitos, chefes de polícia, e oficiais militares e funcionários de Estados nos dizem a nós, o público, que cabe a eles determinar o que é público em “nosso” espaço público, quem pode ocupa-lo e quando? Quando lhes passou pela cabeça que podem expulsar-nos de qualquer espaço que decidamos ocupar coletiva e pacificamente? Eles alegam estar tomando providências de interesse público (e citam leis para comprovar o que dizem), mas o público somos nós! Onde está “nosso interesse” em tudo isso?

Com isso podemos partir das críticas aos espaços de exclusividade como modelo do controle público por parte da mídia e das políticas públicas. Essas reflexões sobre as dinâmicas da cidade na demanda por cidadania, em suas esferas públicas, estão parcialmente sobrepostas em seus espaços como conjuntos que visam moldar e condicionar a vida cotidiana em sua produção e gestão coletiva como própria vivência política e cultural, fazendo com que os espaços sejam resultados de suas contestações e ações culturais.

Apreender essa crítica sobre as relações de conflitos nos espaços urbanos é a necessidade de constituir o ato de interação nos espaços em suas variações sociais e culturais e assim conhecer e identificar essas complexas especificidades. A seguir procuro captar essas interações a partir da minha experiência pessoal.

1.3 OCUPE, CONTESTE, RESISTA: A EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO URBANO

Acompanhei durante um tempo a ocupação do Largo Glênio Peres no Mercado Público da cidade de Porto Alegre/RS, por quase três semanas. Caminhando entre os transeuntes e ativistas, foi possível perceber que muitas divergências sobre as formas de usar o espaço público se colocavam entre eles, a mídia, a sociedade e eu. A principal questão ao se movimentar era se essas pessoas que, por livre e espontânea vontade, ocupavam os espaços públicos para reivindicações de direitos não estavam dando uma nova representatividade nas discussões públicas para o uso dos espaços.

Imagem 01 – foto 01



Fonte: arquivo pessoal. Local: Porto Alegre, novembro 2011.

Vários outros movimentos se sucederam ao *Ocupa POA*, mas o momento em que a interação em frente ao Mercado Público de Porto Alegre com outros pesquisadores e professores – entre eles Salo de Carvalho, Mariana Weigert, Mariana Garcia, Marcelo Mayora Alves, José Antônio Linck – surge um momento significativo sobre as múltiplas possibilidades de usar a rua e dialogar com seus ritmos diários. Ocorreu um *insight* do *flâneur* e suas passagens retratadas por Walter Benjamin. Essas mobilizações são o alcance de uma ruptura radical com o presente, momentos em que a Modernidade fratura os atores que compõem nossa sociedade e acenam à construção da temporalidade de nossos futuros. Estamos

diante do coletivo em permanente evolução, organizado ao redor dessa transição de mundo para sua permanente renovação (LATOURE, 2013, pp. 71-84).

Esse encontro entre o presente e as contestações é a ruptura radical que a modernização consiste. Não é uma passagem ordenada, mas uma multiplicação de atores que compõem a sociedade e que evitam a repetição do passado. É nessa experiência etnográfica, ainda que de forma pessoal, que a contestação desses espaços está para nos lembrar de suas diversas interpretações de ciclo, forma, instabilidade, continuidade, retorno, modernização. É importante acompanhar o entendimento de Saskia Sassen (2012)¹⁰ no qual vê que esses movimentos estão dedicados para reivindicações da cidadania e não para a tomada de poder. O espaço da cidade é a possibilidade crítica de torná-las *visíveis* aos que se encontram nas margens dos espaços das cidades globais.

Os significados sobre os espaços públicos são contestados nessas diversas políticas dos que ocupam esses lugares. Tal como tivemos algumas manifestações sobre a qualidade dos transportes públicos municipais em todo o país em 2013. Novamente essa foi uma oportunidade de acompanhar algumas manifestações na luta pelo transporte coletivo de qualidade e pelas alternativas de locomoção. Cada uma dessas reivindicações que acompanhei fez rever a conceituação que o espaço público adquire hoje nas cidades globalizadas. Seus rituais estão sendo modificados pelos sujeitos e suas culturas.

A contestação *anti*-ritualizada de se usar a rua *também* pode ser analisada a partir da manifestação do grupo anarquista *Massa Crítica*. Esse grupo de ciclistas promove encontros para a utilização do espaço da cidade como forma de “uma celebração para quebrar a monotonia, mecanicidade e agressividade do trânsito urbano, levando alegria e outros elementos mais humanos – braços, pernas e rostos – ao asfalto.”¹¹ Durante um momento em que eles estavam reunidos, numa sexta-feira à noite, realizando a tradicional circulação de *bikes* pela Cidade de Porto Alegre, ocorreu um atropelamento em massa. A *Massa Crítica* na cidade fragmentada pelos espaços em disputas sofreu, senão, um dos maiores atropelamentos coletivos desde o começo de suas manifestações. As notícias desse atropelamento circularam pelo mundo através das mídias sociais e tradicionais.

¹⁰ <http://www.saskiasassen.com/PDFs/publications/Occupying-is-not-the-same-as-demonstrating.pdf>. Acesso em setembro 2016.

¹¹ <http://massacriticapoa.wordpress.com/>. Acesso em 04/12/2012

Esses aspectos culturais nos espaços das cidades podem atribuir os seus significados na incorporação dos espaços de atividade humana como contracultura, subcultura. São manifestações que condicionam nossas tradições em momentos de reinvenções das formas de “linguagem” e dependem de uma atribuição de autoridade sobre elas para causar impacto. Roy Wagner (2015, p. 159) atribui esse significado como momento de uma “cultura interpretativa” que irá apresentar um sentido de viver a vida cotidiana projetando sua imagem sobre a questão social e tendo uma aplicação significativa sobre a vida das pessoas. A objetificação das relações sociais está diante da *normalização* da vida cotidiana; a imagem social que inclui o projetado e imaginado pelo estilo de vida cultural convencional.

São dessas experiências que se baseiam os estilos de vida que provocam uma “abertura” sobre os seus significados contestadores. As culturas *marginais* fundamentam suas fascinantes vidas *errantes* nos espaços de ações coletivas das cidades para se aventurarem e criarem espaços de constantes relações, de experiências individuais e coletivas.

Produzindo esses significados de experiência sobre os comportamentos provocativos e inusitados, as culturas ocupam os espaços públicos, seja na forma de moradia ou de arte urbana, e há nesse ambiente outras manifestações que transportam seus significados “não convencionais”. Esse é o resultado do incremento de significado cultural criado entre as movimentações nos espaços urbanos. Um exemplo são as atividades dos ciclistas e suas manifestações a partir da *Massa Crítica* e os protestos nas ruas das cidades. Jeff Ferrell (2001) desenvolve a compreensão que os significados da cultura de consumo devem vir a ser pesquisados sobre políticas do espaço urbano. Dessa forma analisou etnograficamente a *transmortificação* dos espaços públicos urbanos a partir de uma concepção anárquica. Essa pesquisa analisou as causas e os significados dos espaços urbanos pelas políticas de controle social. Com uma rica etnografia em diferentes grupos culturais que utilizam os espaços públicos e as ruas das cidades, a pesquisa apontou que as atividades públicas que não se envolvem com o consumo da sociedade contemporânea, seus atos culturais são taxadas como de criminosos. Assim o controle e policiamento nessas suas esferas espaciais engajam uma atmosfera de exclusão e homogeneização dos espaços.

O ativismo da *Massa Crítica* propicia uma forma em que se “pedala” para recapturar e inventar os espaços de possibilidades, a atmosfera de envolvimento pessoal entre os espaços das cidades, onde os carros estão nas ruas e os ciclistas esculpem esses espaços entre os carros e as vias como possibilidades de passeios, locomoção com segurança, que de outra forma não seria possível sem suas contestações. Também, talvez, apontem suas conquistas subculturais nesses espaços de valores, prazeres; imagens nas ruas, das cidades.

Esse confronto mostra que a produção cultural do espaço urbano está orientada primeiramente para o seu uso pela indústria, pelo comércio, para o trabalho e posteriormente para o consumo: espaços como símbolos de consumo e diversão, sendo que a diversão só se dá através do próprio consumo de produtos fornecidos pela indústria cultural. Ferrel (2001) diz que o uso do automóvel no contexto de padronização e rotinização da vida cotidiana é um profundo repositório de significado sobre quem pode ocupar, mover e estar diante dos espaços público.

No constante contato com grupos *Critical Mass* e *Reclaim the Street* ao promoverem atos e atividades contrárias ao uso de carros, os encontros públicos permitem que as pessoas tenham a contemplação dos espaços das cidades. Partindo de uma análise no engajamento político de grupos anárquicos que se encontram na cidade e a interação desses para melhorar as formas de uso dos espaços públicos (as ruas), Ferrell mostra que as políticas públicas de exclusividade no uso desses ambientes têm uma manutenção de “guerra” contra os “forasteiros” na cidade, partindo do controle sobre eles e promovendo a marginalização dos aspectos sociais em que esses indivíduos se encontram nas cidades.

Essas possibilidades anárquicas de se envolverem com os espaços das cidades é um movimento em direção à inclusão e desordem, evitando o uso dos movimentos sociais como exclusão e incrustação. Vistos como parte de movimentos culturais sem organização, essas possibilidades *desorganizativas* tem vantagens por suas espontaneidades alterarem a natureza dos espaços públicos e com isso encaminharem um movimento da cidade através de suas novas formas espaciais de justiça e comunidade urbana. Toda a forma de defender a “abertura do espaço público” é um desafio para se evitar a iniquidade, indiferença, e incerteza de se deslocar em suas vias (ruas) e com a exclusão das culturas que se apresentam para

as autoridades como um desvio das práticas normativas através da opressão policial, jurídica-política e social (FERRELL, 2001, pp. 238-239).

A construção da identidade dos anarquistas contemporâneos está em uma experiência de liberação do espaço público e a criação de uma cidade aberta que oferece muito mais do que ativismo, pois proporciona uma construção de identidades híbridas e comunidades inclusivas que estariam de fato agitando a cidade.

Discovering the beauty and promise of the city in its margins, crafting communities from the disorder of public space, embracing the adulterated identities of those who crisscross urban boundaries, we return once again to the festival of the oppressed – because, if today’s many illicitly intertwined moments of busking, skating, BASE jumping, bicycling, and microbroadcasting haringer the open city, so does the carnival of public celebration that emerged in the streets of Paris in 1871 (FERRELL, 2001, p. 242).

A experiência desses elementos sobre a cidade e a cultura urbana, como invenção da cultura, está na possibilidade de conhecer os significados dos espaços das cidades modernas e no encontro de seus lugares, tanto psíquico como físico. O processo de interpretação organizativa entre as formas de relações existentes na contemporânea experiência urbana.

No trabalho de Hayward (2004) ao explorar as novas formas (*novel ways*) de reinvenção e transformação da vida diária no contexto sócio-espacial das cidades, o pesquisador parte da crítica aos símbolos de consumo que estão diante de nossa percepção. Símbolos que promovem a criação de sentidos de identificação pessoal como uma ilusão de poder e controle sobre nós diante dos espaços de privação. A ruptura de um passado rural acrescentou na vida urbana uma “natureza” confusa e assustadora de sua dinâmica social. Em função disso, como a subjetividade individual se reconciliou na vida da cidade moderna?

Para Hayward (2004) compreender a experiência urbana é partir da construção social que relacionamos unicamente com a formação da vida individual e privada e sua relação com a cidade. O desenvolvimento da modernidade está no próprio contexto da experiência urbana em uma díade da interação psicologia e/ou cultura, e a sua polarização do “tempo” que reprime alguns enquanto oferece prazeres a outros. Explorando o impacto da cultura de consumo na experiência da vida urbana se pretende compreender esse nexo entre criminalidade e cidade, ou

como a experiência urbana se esboça diante das subjetividades contemporâneas da cidade.

Ao descrever as mudanças da cidade moderna para a contemporânea, Hayward (2004) delinea o consumo cultural e a sua publicidade que “seduz” e “reprime” o seu habitante. Essa análise busca compreender a transgressão e a criminalidade no espaço urbano, explorando questões como o *medo*, *juventude*, *exclusão* e *consumo*. Esses aspectos reforçam os argumentos de Ferrell (2001) sobre os aspectos de governança dos espaços urbanos e de suas culturas. Também são reforçados por Harvey (2014), salientando que precisamos de uma análise crítica que busque não mais a distinção entre urbano e rural, cidade e campo, e sim conceitos que buscam distinguir os grupos que atualmente estão desempenhando o papel do espaço urbano na cidade contemporânea.

Ao apresentar essas possíveis formas de contestar os espaços das cidades, a relação que a cultura urbana tem com seus aspectos no desenvolvimento da cultura urbana e sua percepção com o espaço e os equipamentos públicos disponíveis nas cidades, permite analisar essas reconfigurações da experiência sobre as *dimensões* do caráter de espaços urbanos ilimitados. Como analisou Magnani (2002), destacar as discussões sobre as injunções urbanas causadas pela globalização permite que possamos realizar análises sobre as dinâmicas urbanas contemporâneas e suas alternativas, ou apresentar a experiência no espaço urbano como expressão de *escapar* da ordem espacial e do consumo contemporâneo.

O cenário da cidade pensada enquanto forma econômica aponta para os traços que associamos à dimensão do espaço urbano e as suas dimensões estéticas e políticas. O ponto de sociabilidade, de encontro e desencontro, onde a experiência urbana é arte pública que cria lugares, transforma territórios, e seus espaços. A visão do olhar etnográfico *de perto* e *de dentro* ajuda a resgatar a experiência urbana como insurgência aos processos em curso. O limite da cultura e da proximidade; o certo e o errado aos interesses públicos. Esses que confrontam com o privado, os princípios de ordem e da dinâmica de cidade (MAGNANI, 2002).

Quanto ao processo de industrialização das cidades capitalistas e suas visibilidades sociais, espaciais e a descontinuidade de classes, pouco pode se dizer sobre tal dinâmica a partir da crítica à sociedade, bem como para entender a metrópole diante de sua degeneração, da violência e da polarização social. Esse

galopante processo de consumo, comunicação e cultura promovido pelo capitalismo nos espaços das cidades trouxe conseqüentemente uma dialética sobre os espaços das cidades: interior *versus* exterior, centro *versus* periferia, público *versus* privado, marginal *versus* cidadão.

A compreensão do indivíduo na cidade parte de uma compreensão que a urbanização atinge de fato sobre as pessoas e os seus danos alcançam a coletividade de seus habitantes. Entender as cidades dentro de seus quadros conceituais e suas novas dinâmicas espaciais é entender que a cultura contemporânea busca seus prazeres nas emoções de seus aspectos significativos dos objetos que a cercam; fazem parte da coletividade e é parte daquilo que ela mesma – a cultura – cria (HAYWARD, 2004).

A complexidade com que a cidade se modifica diante de seus espaços a torna cada vez mais complexa, com uma intensa variação de sujeitos aglomerados em variedades de agrupamentos. A influência que isso tem no nível econômico, social e político impacta diretamente o interior de suas estruturas. A sua identidade é construída por meio desses atos de interações no espaço das cidades. Tais espaços de experiência são de importante análise sobre reflexões da cidade, de sua abertura das condições e criação da diversidade cultural. Como podemos analisar com Wagner:

E estes artefatos máximos, nossas cidades, constituem igualmente controles para a precipitação da 'vida', de uma vida social e Cultural que não pode ser reproduzida sem a ordem e a ambiência delas. Elas são aquilo em que a Cultura se acumulou, e são indispensáveis para os 'eus' e os ciclos, para os 'sentimentos', que dependem daquela ordem. E assim, em um mundo altamente relativizado, elas se tornam um habitat 'natural', ao mesmo tempo ambiente e ordem. A cidade é Cultura, e se torna tão ambígua quanto a própria cultura; ela é um contexto (toda cidade é um contexto, abrangendo seus confins) que foi e é deliberadamente articulado, precipitando uma necessidade que se converte na própria necessidade de civilização (WAGNER, 2015, pp. 193-194).

Entretanto a análise sobre esses aspectos culturais na metrópole e suas injunções sobre as formas de usos públicos dos espaços geram diversos aspectos comunicativos entre as reconfigurações – que tem novos contextos nas mudanças sociais e políticas do mundo globalizado – fortalece novos imaginários sobre o contexto urbano cultural nas cidades. O espaço das cidades é uma vinculação entre seu uso pessoal, corporal, com o próprio interesse cultural e político que resulta na

relação entre as culturas urbanas em seus processos de reorganização espacial e territorial encontradas nas cidades contemporâneas.

Estamos diante de “movimentos” nos espaços das cidades. Movimentos que estruturam a ação e as práticas cotidianas em momentos que tendem a reforçar a materialidade do espaço e os sujeitos que estão nessa relação. Suas intencionalidades podem vir a serem confirmadas nas identidades pelos quais os sujeitos sociais passam a acionar os espaços das cidades em suas ações para consolidarem e produzirem suas ações como *cidadinos*.

Na pesquisa de Machado (2014) sobre o skate na cidade de São Paulo, ficou evidente o caráter em que o espaço público na cidade tem em sua *proximidade* e *distância* na relação do ambiente urbano com a prática do skate. A integração e a interação do espaço se desenvolvem pelo *olhar skatista*. Pesquisar o espaço e sua consolidação no desenvolvimento das cidades modernas requer que as suas formas e ações sejam observadas a partir da experiência de suas condições cotidianas que acionam e constituem os espaços. Isso é a identidade cultural na cidade que se constitui nas relações de confronto dos seus espaços, seja como troca de existência comum ou de coexistência. Essa é a forma de como o processo da identidade cultural é ambíguo na cidade e na sua própria cultura; e assim está em seu contexto espacial se articulando a despeito de si mesmo (WAGNER, 2015). A constituição dos espaços na ação cotidiana é a invenção do urbano, na qual as formas pessoais e individuais demarcam os encontros grupais de suas projeções de visibilidade e diferença como base de apoio para práticas coletivas.

Na cidade moderna encontramos um processo de percepção das identidades culturais como um processo de expansão da cultura. As cidades têm interligação entre os objetos e as atividades individuais dos sujeitos sociais, uma relação de conexão entre o local e o global. Para isso devemos evidenciar que a cidade é um processo de invenção urbana e não mais o local onde encontramos os problemas da modernidade e das condições urbanas. Ela é composta por diferentes culturas e influenciada por um processo de socialização global, caracterizada por um espaço de fluxo e transformação que constitui o global e o local. (LÖW, n/d).

É na significativa expansão urbana, no que se refere aos espaços públicos, que influenciam as formas sociais de relacionamento da cidade e formam novos espaços de sociabilidade, mudando as relações sociais e criando novas barreiras de

tensões políticas nas definições desses espaços, sua cultura. José Linck (2014, p. 23) vê como um processo de possibilidades de alcançar a cidadania diante a legitimação do espaço com a invasão cultural que não atende aos critérios definidores dos territórios das cidades. Portanto, pesquisar a cidade parte do momento da experiência local (espacial) de nossa cidade, da metrópole; da própria relação entre o governo e a situação política, na qual *estar* no território é acompanhar seus sistemas sociais, históricos, naturais. É também onde as vivências geram responsabilidades, conhecimentos e as culturas se constituem nessas escalas do global e local, fazendo parte da identidade cultural da cidade como também criando as referências urbanas conforme sua complexidade. É nas ações individuais que as relações nas cidades se tornam significativas para a sua invenção. Como Marina Löw (2013) enfatiza, no espaço se negociam as relações de poder e dominação e o território, que não é a materialidade da cidade, é a relação social com o espaço.

A invenção cultural urbana na cidade está na relação desse território que envolve os sucessivos atos de convencionar e apontar os contextos culturais que demarcam as diferenças nos atos de formações da cidade. A partir dessas perspectivas o significado da expansão urbana e o sentido com que os espaços públicos influenciam as formas sociais de relacionamento da cidade e os seus movimentos coletivos culturais que se inscrevem e circulam nas regiões periféricas ou de centros, não há como conceber as estruturas e culturas urbanas como modelos de desorganização tal qual proposto pela Escola de Chicago. A cidade é o espaço de análise da própria criatividade que a vida e a cultura inventam e interpretam. A cultura não parte de uma solução de adaptação, mas é a própria forma de se postar em constante invenção no outro. Na afirmação social e política há desejos e pulsões. A invenção da cidade com seu aspecto urbano é o papel crucial em que suas interações sociais permitem afirmações e articulações. O urbanismo coloca o espaço como local, ou o conduz, nas relações de conflitualidades, dominações, contestações.

As convenções culturais, aproximando novamente de Roy Wagner (2015), como capacidade da cultura em entrar e sair desse mundo onde tudo deve ser levado a sério, o momento de significação socialmente/culturalmente padronizado. A partir do momento que é *contra-inventado*, onde experimentar e explorar assume a

objetivação social. Compreendendo as circunstâncias, os atores, e os interesses às quais as culturas urbanas se postam entre as instituições e os espaços de relação. Isso sugere o reconhecimento trazido pela antropologia nas experiências postas pelo viés cultural na construção do campo etnográfico (VAGNER, 2015, p. 69).

É diante do encontro entre as dimensões culturais e físicas das cidades, apontamos para além da compreensão sociológica sobre as diversas atividades culturais, individuais ou coletivas. Encontramos na arquitetura da cidade o entrecruzamento do tempo e do espaço. Isso é a *abertura* que apontam as *fisiognomias* com as posições sociais e de poder nos espaços públicos emergem desde uma composição histórica sobre o desenvolvimento da cidade. Explorar etnograficamente a cidade existe como diversas possibilidades de interpretá-la. Seja com a sociologia urbana, o situacionismo, a filosofia, a geografia dos lugares e espaços. Essas diferentes leituras sobre a cidade constituem seu ponto de questionamento e derivação.

Faya Frehse (2013) aponta o espaço como representação que tem relevância como dimensão física, onde transcorrem as dinâmicas sociais. Portanto, as multiplicidades culturais promovem essas mudanças dos espaços públicos no declínio social para os espaços privados? A determinação dos espaços urbanos diante das multiplicidades das novas configurações sociais assume novos significados sobre a vida social urbana?

Para compreender essas questões é necessário analisar o contexto com que as cidades vêm se desenvolvendo no mundo globalizado nas últimas décadas. Constantemente modificadas, a cidade não é um elemento delimitado de estudo espacial como *palco* da história; mas o espaço enquanto uma imagem em mudanças de construtivo momento de sociabilidade nas experiências cotidianas. Entre as mudanças e transferências geográficas que são constantemente modificadas, e sensibilizadas, na *velocidade* cada vez mais acelerada pela modernidade e na composição dos espaços.

O espaço é reduzido na sua possibilidade monetária e não mais sua forma social como Milton Santos (2014) tanto aborda. Não estamos condicionando em luta de classes no espaço. Mas com isso abordar que o “controle do espaço”, sua função, norma, estética é a *disciplinarização* do corpo social/moral. O dinheiro, os números, a forma monetária se tornou a religião. Se sua distinção não se dá mais na sua

estética, ela se desloca sobre a posição no espaço; o espaço antes bruto se torna a liquidez do capitalismo como religião. Esses aspectos contribuem para a interpretação cultural que no ambiente do espaço, de sua arquitetura, coloca a redefinição da cidade em seus objetos, imagens, representações. O “mundo sensível” é deslocado para sua forma-imagem, onde a terra a colonizar não há mais a se descobrir, a sua exatidão é o abandono de seu espaço para o envolvimento da técnica e da materialidade do mundo globalizado.

Essas análises apontam para uma não redução da cultura em forma de escala monetária, com sua alta e baixa cultura, sua homogeneização. Mostrar que a cultura urbana toma consciência em suas práticas sociais, desde suas experiências individuais e coletivas. Pode ser aquilo que o Foucault (2013) chama de heterotopias: experiências contestadas e invertidas nos lugares em que nos encontramos, mas nos descobrimos a partir da experiência do lugar e da cultura.

As experiências urbanas mantem-se no espaço concreto, no espaço virtual. Na presença do migrante, visitante, moradores. Reinventa os prazeres das relações, com o real, ao imaginário. Suas ações de contestações levam a pensar na experiência do espaço em sua falta do próprio espaço ou na possibilidade de significação da cidade no lugar de sua prática e contestação cultural, o skate.

1.4 NO ESPAÇO A NA CIDADE A RUA É SKATÁVEL

A cidade, então, é o seu espaço com infinitas possibilidades de experiências, culturas, convenções sociais? Conhecer o seu significado sobre as demandas públicas por cidadania na cidade é introduzir as ruas como composição da sua identidade cultural e de seus problemas a partir de uma potente transformação das políticas de controle social como simbolização e delimitação sócio-espacial.

A conexão entre o campo de pesquisa adquire uma representação da imagem do espaço em forma concreta. Isso é relacionar-se com a imaginação e com a cultura que se encontra nesse espaço. A análise e seu foco *de longe e de fora* não teoriza o espaço e a cidade. Não coloca a experiência em um “lugar” fechado, mas na relação entre a cultura que *experiencia* o espaço e a cidade.

Pensar nesses skatistas e suas estruturas abstratas que organizam suas atividades é evidenciar as suas convenções e reconhecimentos que se relacionam

com essas atividades físicas que compõem os espaços urbanos, são as codificações e decodificações de regras e controles espaciais. Magnani (2002) aponta para a utilização desse conhecimento antropológico que proporciona o modo de operar a etnografia, conhecer os comportamentos e as ligações dos lugares, circunscrevendo os espaços e conectando as experiências aos lugares. A delimitação e simbolização dos espaços motiva as aglomerações culturais como processo de identidade social, assim os diversos grupos se manifestam na construção de seus espaços indenitários. Salienta-se que os skatistas estão mais próximos de acessos coletivos nas formas espaciais de uso¹² da cidade e percebe-se que o skate ainda é visto como um objeto de transgressão das possibilidades de usos do espaço público. O skate no espaço da cidade sempre foi acompanhado dos problemas de autoridade e das situações em que é visto como um objeto inconveniente no ambiente público.

Percorrida a possibilidade de me desvincular de uma pesquisa voltada para o estudo descritivo/estatístico sobre as normas sociais e partir para a análise sociológica e antropológica, sem abandonar minha formação criminológica e os estudos culturais, apresento uma possibilidade crítica dos espaços das cidades modernas. Uma compreensão analítica em suas ricas dinâmicas culturais de aglomeração; observando os espaços das cidades a partir do skate como forma de determinar e pensar essa cultura urbana produzida pela modernidade como experiência do espaço da cidade contemporânea.

Ao pensar a cidade como pesquisa *skatável* se entende os conjuntos de relações e organizações sociais em termos de suas realizações por ações conscientes, seja em suas sociabilidades compartilhadas ou seus termos comuns. No entanto, partindo de uma visão sobre o *cidadino* não compreenderemos o espaço que define o seu aspecto cultural pois em suas distintas relações com os espaços públicos suas ações e reações tornam-se múltiplas e distintas.

De fato, no contexto em que as relações sociais se desenvolvem nas cidades, temos os estudos sobre a descrição das configurações do espaço público que desafiam as formas de sociabilidade na cidade. Esse é o trabalho de Teresa Caldeira (2012), “Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo”. A autora apresenta os desafios que as culturas urbanas contemporâneas

¹² As formas de usos são descritas em capítulo específico desse trabalho.

revelam nas novas formas de contradições das relações sociais, já que a “cidade é o local e tema de uma variedade de atividades públicas que se apropriam do espaço urbano e produzem de maneira inusitadas”, pelas práticas de skate, “pixo”, *graffitti*.

O deslocamento espacial das cidades apresenta as culturas urbanas em suas margens e no seu limiar transgressivo, já que seus atos referem apontam direito à cidade. Isso torna a esfera pública democrática cada vez mais ampla ao reconfigurar suas inscrições e deslocamentos que se incorporam na rotina da cidade, enquanto suas desigualdades não são ampliadas pois se naturalizam (CALDEIRA, 2012).

As articulações nos espaços públicos mostram que as mudanças nos espaços das cidades globalizadas refletem em locais de segregação e padronização, com elevados indicadores de *status*. Ao promoverem práticas nesses espaços urbanos, as culturas “transgressivas” transformam e ocupam esses espaços com suas performances para imprimirem agressividades que visam ocupar o espaço urbano, “deixando” marcas que são vistas como reivindicações de direitos e com isso o espaço se transforma em local de lazer (CALDEIRA, 2012, p. 35).

A partir dessa abordagem sobre a cultura do skate, cidade e espaço se manifesta a ocupação temporária que os skatistas têm nesse ambiente, percorrendo a cidade em diversas direções para encontrar locais (*picos*) que possam expor suas práticas pessoais e suas performances que “acabam rompendo a dicotomia centro-periferia há muito subjacente às análises e vivências urbanas de moradores e cientistas sociais” (CALDEIRA, 2012, p. 59).

Como os skatistas estão em constante circulação na cidade, seja para encontrar um *pico* ou para andar em alguma pista de skate já elaborada (*circuito*), vemos que sua circulação é rotineira, sem abordagens durante o trajeto. Igualmente com as novas tecnologias, os skatistas utilizam seus celulares para expor suas performances nas redes sociais.¹³ Diante dessa tendência, para compreender os modos como a cultura urbana se insere na cidade é necessário tomar essa pesquisa em empírica. Trata-se de ter o seu recorte dentro de um espaço social e a interação face-a-face que o pesquisador necessita para pensar e interpretar as relações

¹³ Essa foi uma das principais formas de acompanhar os skatistas diariamente. Já que a dificuldade em conciliar os horários do pesquisador com os skatistas dificultava a pesquisa. Ao me acionarem como amigo pelo *Facebook*, tive a oportunidade de acompanhar discussões e performers dos skatistas de várias localidades.

sociais¹⁴. Os espaços das cidades modernas se encontram como compreensão crítica em suas ricas dinâmicas culturais de aglomeração. Assim podemos observar os espaços das cidades a partir do skate como forma de determinar e pensar essa cultura urbana produzida pela modernidade. Desse modo o espaço urbano apresenta controles e mecanismos estratégicos (formais e informais) que reproduzem conflitos contra aos usos desses espaços pelos skatistas. Como suas sociabilidades podem ser descritas entre encontros grupais ou transgressivos?

Essa discussão foi retratada por Pereira (2005), em sua defesa de dissertação de Mestrado na USP sobre os “pixadores”¹⁵ na cidade de São Paulo. O pesquisador apontou que a relação entre pichação e a cidade estabelecia um entrelaçamento sobre o ato e o espaço urbano, fazendo com que os “pixadores” revertam a si mesmo os estigmas a eles designados (pobreza, periferia, etc.) para uma visão positiva de pertencimento e identidade grupal. Esse contexto mostra a ação transformativa com a qual os grupos estigmatizados por suas culturas e por suas categorias de pertencimento social constroem seus elementos identitários.

Igualmente, Teresa Caldeira (2012) aponta que nos espaços das cidades, que tradicionalmente são controlados pelas classes alta e média, os jovens oriundos da periferia veem nesses espaços que deixaram de serem usados por essas classes média e alta como uma forma de se destacarem nos espaços públicos, produzindo novos significados a partir de suas culturas urbanas. A articulação de grupos marginais na influência das culturas que surgem da periferia, tais como *hip-hop*, *rap*, *pixo*, *funk*, fazem de suas ações a visibilidade do pertencimento e representação de um *corpo* político engajado nas discussões ou origem de seus problemas nas quais constroem suas identidades. Essa ideia de valores estruturantes da “cultura periférica” constitui em sua definição os trabalhos que a sociologia brasileira analisou a partir de 1990 em seus contextos no espaço público como apontaram Alexandre Barbosa Pereira e Teresa Pires do Rio Caldeira. Portanto, essa pesquisa

¹⁴ Nesse sentido, FERRELL (2001, pag.69): “If our focus in on the meaning of public space, and the ways in which such meaning is contested through a mix of anarchy and illegality, we would want to notice not only those those who occupy public space – buskers, squatters, sidewalk sitters – but those who move through it.”

¹⁵ Sobre o termo *pixar*, seguimos o entendimento de Alexandre Barbosa Pereira (2005): “Adoto aqui a grafia da palavra pichação, com “x”, e não com “ch”, conforme rege a ortografia oficial, para respeitar o modo como os pixadores escrevem o termo que designa sua prática. Esse modo particular de grafar é apontado por alguns pixadores como uma maneira de diferenciar-se do sentido comum atribuído à norma culta da língua: pichação. “Pixar” seria diferente de “pichar”, pois este último termo designaria qualquer intervenção escrita na paisagem urbana, enquanto o primeiro remeteria às práticas desses jovens que deixam inscrições grafadas de forma estilizada no espaço urbano”.

sobre o skate pretende mostrar que a cidade e seus grupos urbanos se entrelaçam entre eles, o que faz com que o skate possa direcionar para a posição destacada das identidades grupais no contexto urbano. Não como análise da identidade moderna, mas pelas relações entre cidade, espaço e cultura urbana.

Diante do processo de modernização das cidades, acompanhar etnograficamente essas relações e os problemas, que são iguais na visão de skatistas, está nessa pesquisa diretamente relacionado com o campo explorado. Cada vez que eu saía para observar os skatistas, em seus *rolês*, eles sempre estavam atentos às novas construções ou aos espaços modificados pela arquitetura, para *marcar picos* a serem explorados posteriormente.

As apropriações grupais apontam que o mundo mudou, as tecnologias são outras e a paisagem urbana se modificou. No Brasil a modernidade surge, mesmo que tardiamente, e o ingresso de capitais nas metrópoles está mudando drasticamente as formas de relações sociais e interpessoais. A cidade se manipulou diante das “racionalidades objetivas” do mundo na era de *globalização*. O urbano encontra os pressupostos de sua cidadania em seus palcos de tensões e reconhecimento. A transformação é delineada em seu histórico de desenvolvimento social das cidades, desde a observação dos processos de organização social aos pontos geográficos das cidades, ou na ação das intervenções do Estado como planejador da política social. Desse modo a escalada da modernidade sobre as cidades teve um impacto sobre as representações de pertencimento social. É por isso que os espaços das cidades atualmente estão postos em sentidos que possam nos estabelecer nas distinções do avanço moderno. Cada vez mais produzimos espaços que chamamos de *culturais* para contar com esses sentidos ao que atribuímos à constituição da própria cidade cultural.

A inscrição dos skatistas, entre circulação e observação (a partir do uso dos espaços), que estão nas estruturas dos ambientes urbanos modifica-se para as suas formas culturais de manifestação nos espaços públicos, favorecendo a realização contracultural de atos espontâneos e vontades políticas próprias de suas culturas. A modernização promovida pela chamada globalização tem um grande impacto nas relações sociais e a sua manifestação política sobre esses espaços, o que significa a propulsão sobre percepções nas nossas formas de identidades ideal de modernização e progresso social. “Esse fenômeno ocorre justamente no momento

em que elementos estéticos e práticas culturais ligadas às populações mais carentes vêm se configurando em material simbólico que serve à produção de novas mercadorias a serem consumidas pelas mais diversas classes sociais” (MACEDO, 2016, p. 48).

Descobrimos que a violência cotidiana é um problema conhecido pelas populações, nossa especialidade é a fala/narrativa do crime que Teresa Caldeira (2000) abordou em *Cidade de Muros*. Nossa cultura é interpretada e inventada a partir desses aspectos sociais espaciais. Assistimos a esse limiar como um processo de militarização dos espaços das cidades.

A sociologia urbana explorou o desvio de conduta com a imposição da ordem legal aos grupos sociais. Contudo, nas últimas décadas temos assistido ao inter-relacionamento nos espaços das cidades pela constante expansão do urbanismo para áreas das zonas periféricas. A divisão espacial urbana iniciada na década de 80 no centro-periferia postou nesse século XXI a separação da periferia por seus muros e áreas privatizadas.

As ideias de como os sistemas que compõem o espaço da cidade se introduzem entre os modelos de diferentes organizações sociais descrevem a organização do espaço público em outro nível de sua utilização. Torna-se necessário compreender o contexto urbano em que os indivíduos estabelecem entre si mesmo e refletem suas diferenças relativas entre os outros, pois a partir de uma etnologia urbana compreenderemos esse fator de etnicização que “se aproxima de certa consciência da diferença cultural” (AGIER, 2011, p. 51) e a questão de reivindicações de suas diferenças culturais nos modos de vida. Se pelas zonas marginais de existência do cotidiano as pessoas se inventam a si próprias, a antropologia cultural vai investigar as análises do desenvolvimento de uma cultura capitalista de consumo, no qual a comunicação acaba por refazer todas as formas de contrato social na modernidade.

Essas perspectivas estabelecem as esferas com que a antropologia se configura como *da cidade*, já que a articulação da experiência urbana contemporânea alcança suas múltiplas fronteiras políticas-administrativas, as narrativas da vida urbana não se restringem a sua cultura de “rua”, mas enquanto paisagem da alteridade social, entre novos objetos e questões atuais das questões urbanas (MAGNANI, 2002; 2005).

Os exemplos de observação sobre o corpo na sociedade permitem que as culturas nos espaços da cidade ganhem uma nova possibilidade de análise, já que as dinâmicas sociais se envolvem na interação entre o indivíduo com o espaço cultural urbano. O enfoque de uma concepção da cultura distante de *tribos* não delimita as perspectivas de transformação da cidade. Vislumbrar os aspectos da alteridade para além da concepção de tribos e conflitos tribais é o alcance da vida urbana e sua identificação do comportamento entre seus espaços de interação e sociabilidade (MAGNANI, 2005).

A compreensão dos espaços urbanos na vida moderna produz desde uma nova cultura de circulação a sua inscrição nos espaços públicos aos atores sociais nas suas especificidades de determinação de suas estruturas. Por isso que o skate surge com sua sociabilidade possível nessas fronteiras espaciais e corporais. É nesse conjunto de práticas sociais que se associam entre suas culturas de interação, em que há a afirmação de suas identidades, e seus reconhecimentos em determinados pontos territoriais. A construção da cultura skatista diante das novas dinâmicas de interação na cidade assumem posições geográficas em suas diversas escalas de compartilhamento entre a delimitação que a arquitetura (ou o modelo de cidade) estabelece entre os novos usos dos espaços urbanos em sua busca por novos lugares para andar de skate. Em suas posições estruturam as culturas urbanas contemporâneas na justaposição dos territórios que os skatistas têm suas expressões de identidades. Pelos conflitos que se comunicam, as estruturas urbanas e a sociabilidade que delas decorrem é fruto desse desenvolvimento da modernidade que objeta suas formas de confinamento social e a construção das barreiras de uma cidade com funções determinadas. (MAGNANI, 2002)

Por essas expressões que uma cultura urbana vem desenvolvendo, a afirmação de identidade do skatista vai além da hipótese do skate ter uma profunda ligação de esporte ou *hobby* juvenil. Sua construção de identidade tem um significado maior para a cultura urbana, pois eles se estruturam nas condições musicais, estilos de vida, roupas, posição social, étnicas e político-ideológicas. Sua centralidade cultural, enquanto skate ou skatistas é a sua interação do *corpo humano* com o *espaço urbano*.

Dentro dessa discussão constituo meu ponto inicial para o processo fundamental do problema do grupo skatista na cidade e sua orientação para a

compreensão social que implica em uma metodologia explicativa para racionalizar a cultura entre os espaços urbanos e a sua exposição sobre os indivíduos que o compõem. Utilizo o título desse tópico estando o espaço e a cidade *em* pesquisa, e não de pesquisa pois compreendo que não devemos situar um espaço de pesquisa na cidade e determinar um perímetro a ser pesquisado, visto que a cidade e seus espaços estão estritamente relacionados com as formas humanas de socialização. São configurações culturais em transformação que demandam novas perspectivas sobre seus espaços e vinculação com a modernização e globalização das cidades (LÖW, n/d).

Nas pesquisas de Teresa Pires do Rio Caldeira (2012), sobre “Inscrição e Circulação” há uma análise sobre a cidade de São Paulo e as culturas urbanas que *ali* estão inscritas e em circulação, buscando responder sobre a questão de gêneros nessas culturas urbanas e principalmente sobre a questão do skate aqui analisada por nós. Não visualizamos um espaço estritamente de homens, assistimos hoje cada vez mais a mulheres com a mesma evolução esportiva que os homens. Evidentemente que em alguns locais se encontra uma imposição machista, não como exclusão da mulher na prática do skate, mas como o retrato em que ela já é explorada em uma indústria cultural. Desse modo mulheres skatistas ganham incentivos para andar de skate, principalmente quando seus pais já andam ou andaram de skate, sem distinção de classe.

A visibilidade sobre o espaço da cidade, a partir da cultura do skate mostra que a cidade e seus espaços desafiam diversas questões. Magnani (1999) ao realizar a apresentação do seu estudo *Mystica Urbe*, questiona essas imagens da metrópole que vinculam nossas ações sociais já que uma cidade impacta por sua grandiosidade de edificações, das suas infraestruturas aos seus eventos com comportamentos exóticos e ocupações “pouco convencionais”.

Se o excepcional chama a atenção, o que caracteriza os processos cotidianos é o caráter reiterativo, revelado por um olhar atento às redes de sociabilidade, às formas de uso e apropriação dos espaços públicos, às práticas e aos padrões de comportamento que fundamentam os estilos de vida comuns; vistas desse ângulo, até mesmo algumas das excentricidades – assim rotuladas pela mídia – terminam revelando suas próprias e prosaicas rotinas (MAGNANI, 1999, p. 07).

A reflexão de Magnani, nos pressupostos do mapa da cidade entre seus circuitos que representam sua estrutura para a concepção de uma antropologia da cidade, pode evidenciar as formas culturais e seus fatores econômicos. Também pode mostrar que os espaços da cidade estão concebidos em sua ausência de conflito. Certamente com a globalização as cidades estão cada vez mais padronizadas em suas formas arquitetônicas e de consumo, mas suas apropriações culturais urbanas estão cada vez mais significativas ao ponto de compreendermos que o método antropológico não se caracteriza *na* ou *da* cidade, mas evidencia um momento empírico da pesquisa da cidade em confronto com suas formas de reprodução cultural.

Entre os saberes urbanos da antropologia (AGIER, 2011), é nas sequências de *montagens* que a vida urbana estabelece a sua observação da composição como transformação de seu saber, o seu entendimento como perspectiva de pesquisa, seja antropológica, sociológica, filosófica e criminológica. A criação de um ambiente urbano como espaço democrático foi amplamente debatido pela Escola de Chicago, na qual há o *habitat natural* do indivíduo, entre a distinção do homem civilizado e o primitivo. Não é por essa distância social, ou até mesmo sua aproximação, que estabelecerá o indivíduo como pessoa. É nessa distinção que tencionamos a separação espacial de indivíduos enquanto portadores de suas identidades culturais. Os olhares cruzados das identidades é a manutenção das desigualdades sociais, agravada pela economia global na qual a tentativa de ter uma promoção de inclusão da sociedade acaba por promover sua exclusão.

O conflito urbano fragmenta seus grupos sociais em atos que podem ser irritantes, ou não compreensivos diante das identidades grupais. Criando uma identificação sobre as novas formas de relação existentes na experiência urbana contemporânea, as formas públicas históricas do desenvolvimento da humanidade estão diretamente consolidadas no capitalismo tardio e o processo de constituição das esferas públicas. As imagens de uma cidade ainda remonta a um imaginário do século 18, na sua imigração rural, e do final no século 19 sobre os habitantes pobres e ricos, pressupondo que a discussão de cidade e modernidade é mais ampla que o processo de estilo de vida e tendências culturais em relação ao território colonizado, no caso brasileiro. Por isso a análise das interações que as cidades promovem,

oferecem uma perspectiva da cidade em suas políticas sociais essenciais e funcionais e que emergem as configurações de território.

Essas mudanças de socialização afetam diretamente as formas de reconhecimento entre os espaços de discussão pública, ou melhor, como a esfera pública sofre com o intervencionismo da expansão do Estado dominado por uma pressão do sistema de capitais econômicos? Essa intervenção torna os espaços enquanto caráter semi-público, que é disponível em público com exposição de publicidades privadas que mais indicam o modelo cívico de se comportar nesses ambientes. Esse processo condiciona confrontos com o movimento de socialização imposto sobre esses espaços da cidade. É o *espaço público* que compõem a cidade e vai de encontro sobre a dinâmica da vida cultural e social.

As questões a serem postas sobre a modernidade não são tentativas de teorizar ou conceituar a modernidade a que se referem. Antes disso são o pensar sobre a história das sociedades que se consideram evoluídas diante da concentração social em uma região, tal como chamamos a cidade central de um Estado-nação ou Estado-federação, sua capital, onde se forma o caos e as estruturas culturais são provocadas para sua própria inclusão social. As segregações, conflitos e privatizações dos espaços revelam que as infraestruturas da conectividade dos espaços públicos estão delimitadas pela atuação político-administrativa do capitalismo tardio.

O projeto dessa renovação urbana promove novos encontros sobre os modos de vida e a identidade cultural no contexto urbano e que estarão entre as possibilidades de uma antropologia da cidade (AGIER, 2011) para uma cidade em pesquisa, não como forma de uma etnologia urbana e social da metrópole com suas estruturas familiares e de linhagem, mas a cidade como uma estrutura com diversos níveis de organização social e cultural.

Por conta dessas conceituações entre skatistas e suas incursões nos espaços públicos, em que impõem uma interação entre sua prática e as transformações urbanas há um emaranhado entre praças, espaços privados e ambientes públicos. Cabe ao pesquisador traçar seu objetivo geral na análise dos espaços em que os skatistas se inscrevem e circulam pelos ambientes urbanos e privados das cidades.

A construção de uma pesquisa que possa interrogar desde a fisiognomia de uma metrópole ao conhecimento da cultura urbana contemporânea discute alguns

enigmas (ou objetivos específicos) a serem decifrados. A análise das noções de espaços das cidades modernas no ambiente urbano é a aproximação da experiência etnográfica nos espaços públicos, sua circulação e inscrição pelos skatistas na cidade.

Os estudos desses espaços inferem no processo cultural urbano diante do crescimento arquitetônico na era da globalização. Ao analisar essas estruturas, a representação do skate na cidade poderá consolidar seu processo de gestão sobre a dinâmica de uso dos espaços públicos urbanos.

Essa discussão tanto geral quanto específica sobre a análise da cidade e cultura urbana promove a pesquisa sobre a cidade em seus espaços, o que vêm atraindo um numeroso processo de análise nas ciências sociais. Os novos contextos urbanos estão refletindo constantemente sobre as diferenças que os indivíduos estabelecem entre os outros, o que nos aproxima ou afasta da nossa consciência cultural, já que a esfera pública é fragmentada pela atuação das agências de controle social sobre as dinâmicas culturais da cultura urbana nos espaços públicos. Os indivíduos promovem o “exercício de livre cidadania” com seus atos transgressivos diante do modelo de controle que os afastam e regozijam (de forma *profana*) suas diferenças (LINCK, 2014. p. 216).

Em uma excelente análise sobre a questão de etnografia na rua, Frehse (2016b), aponta para a necessidade do enfoque etnográfico em sua natureza *fenomênica*, “isto é, na importância cognitiva daquilo que é aparente aos sentidos e à sensibilidade do etnógrafo, na imediaticidade das interações sociais com terceiros que marca o trabalho de campo” (FREHSE, 2016b, p. 203).

É do conhecimento antropológico e sociológico sobre a sociedade em seu espaço físico e de sua interação social que a sociologia e a antropologia urbana produziram no início do século XX, revelando as particularidades da modernidade. *Entrar* nesses espaços sociais é determinar etnograficamente o presente *estranho* de sua modificação histórica, seja da forma social ou espacial. O ritmo, as regras, as diferenças revelam uma perspectiva de um debate sobre o objeto empírico da pesquisa e sua associação teórica das ciências que descrevem os espaços e as ruas como momento de suas representações, sem a necessidade de conceituação.

Devemos encarar e compreender esses seus modos de vida para questionar quando os aspectos da cultura tornam-se “fora da lei”? Essa é a forma de

experiência de um mundo moderno em que cada cidadão é influenciado pelas diversas culturas autônomas que se multiplicam diante dos estilos contrários à cultura dominante. Sobre isso abrimos para uma nova pergunta que é como os pesquisadores devem se eximir de fazer a crítica cultural que a sociedade manifesta?

Através das variáveis para essas questões de pesquisas postas sobre o campo de trabalho do Cientista Social, a pesquisa retoma o empirismo que lida com as práticas culturais nos espaços das cidades. Diante da proposta de uma metodologia qualitativa pressupõe-se uma caminhada entre a linha da observação participante e a sua possibilidade descritiva e simbólica entre o grupo pesquisado e o pesquisador, compartilhando a causa e o efeito das práticas sociais em que a cultura urbana se manifesta. É uma relação maior sobre as relações humanas e seus enfrentamentos na crise contemporânea global.

Uma outra visão, geralmente referida a metrópoles do primeiro mundo, projeta cenários marcados por uma feérica sucessão de imagens, resultado da superposição e conflitos de signos, simulacros, não lugares, redes e pontos de encontros virtuais. Esta é a cidade que se delinea a partir da análise de alguns semiólogos, arquitetos, críticos pós-modernos, identificada como o protótipo da sociedade pós-industrial (MAGNANI, 2002, p. 12).

Esse processo aponta que o crescimento do espaço urbano é a descontinuidade desordenada e a produção do caos urbano. A ruptura e a modernidade constituirão esse salto tecnológico produzido e enfrentado pelas culturas urbanas, correspondendo em novas formas de comunicação e sociabilidade nos espaços que estruturam as diversas possibilidades de convivência. Os modos de *estar* no espaço urbano não são iguais aos anteriores processos de sociabilidade.

Essa interpretação cultural não é romantizar a resistência como subcultura ou como uma celebração moderna. É a possibilidade de transformação e *desvitimização* moral das condições sociais existentes no mundo; é a transformação como história da continuidade estrutural entre o contato das sociedades que realizam as transformações uma das outras e a cultura como processo de transformação da sociedade.

É pela diferença e pela imaginação que extraímos o pensamento do outro como um pensar sério sobre a sociedade que vamos construir em comum. São pelas culturas que há a designação de um conjunto para afastar os diferenciais com variantes conceituais, estilos de pensamento e formas de vida da capacidade da espécie humana. Se a prática de skate pode ser um ato de resistência e transgressão na cidade é da emergência de estabelecer o *contexto da cultura contemporânea* e as suas análises que constituem a ampla rede das questões urbanas das cidades globalizadas. Seguir a prática cultural no espaço público deve ser confrontado com o processo de redução dos problemas sociais que tem pautado o envolvimento da autoridade pública na potencialização dos problemas sociais na cidade, na dinâmica em delimitar os fluxos urbanos e a convivência cultural e comunitária.

Na possibilidade de reconhecer e identificar as regras nos espaços plurais de sociabilidade, como a rua, a cidade nos apresenta, reconhecendo a “natureza fenomênica”. A consequência pela penetração da interação entre as culturas, os signos espaciais, as pessoas, as políticas sociais que trazem o *olhar de perto e de dentro* para o presente e o estranhar do tempo e seus espaço. Desse ponto a metodologia de pesquisar a rua e os espaços, as cidades são marcadas pelas suas dimensões materiais, nas quais as regras de convivência social estão presentes e sua representação não é *somente* local de interação social. É um espaço que contribui para diversas relações que socialmente se reproduzem. “A rua etnográfica”, para retornar a proposta de Frehse (2016b), é o momento em que se olha além do ponto de vista da interação *face to face*, ou da proximidade etnográfica. Diferentemente da proposta de Frehse, analisamos a questão da rua em seu processo de trânsito, onde a presença de cultura no espaço impregna a presença física de comportamentos e regras que são definidos como contrárias ao local. Trata-se de conceber no espaço, nas ruas das cidades contemporâneas uma vida cultural que tem um grande impacto sobre a sociedade e suas relações como interlocutoras das relações sociais (VIVEIROS DE CASTRO, 2013, p. 486).

É preciso distinguir que na rua e nas manifestações das culturas há uma reflexão da desigualdade social, da criatividade e do território, o que remete às possibilidades da cidade em pesquisa, sob o ponto de uma análise teórica da cidade. As culturas urbanas não devem ser reduzidas à discussões estereotipadas

que residem nas fórmulas, sucessos e problemas urbanos. A partir das emergências que deram suporte para as mudanças mais amplas da sociedade se experimentou os riscos sociais. Foi no plano de progresso que estabelecemos o contrato social abrangente a todos os cidadãos, desde sua moralidade às medições de suas interações.

2 MODERNIDADE E ESPAÇO: SOBRE SKATE E A CRÍTICA AO ESPAÇO

No presente capítulo vamos analisar como os espaços das cidades promoveram um aumento das interligações e interdependências nas relações sociais. O processo de modernização das cidades é focado em graus, peculiaridades e interdependências de cada época. Martina Löw permite que possamos compreender como a globalização influencia e modifica as relações espaciais anteriormente conhecidas e a cultura que emerge a partir dessa influência tem o confronto com a sua localidade e as formas hegemônicas de ocidentalização e americanização.

Nessa condição de análise sobre os fenômenos sociais de globalização e espaços, o aspecto cultural manifesta a seguinte questão: como não reduzir o estudo do espaço urbano a um modo simplista de vida? Martina Löw responde que devemos considerar o *espaço* como um estágio de desenvolvimento que orienta o desenvolvimento de progresso. Ou seja, as cidades modernas não são versões de antigas civilizações, mas influências de um mundo com diversas culturas que a partir da relação com atividades individuais e coletivas, essas conexões espaciais modificam as estruturas das relações espaciais. Com isso o processo de modernização não é uma perda das próprias culturas nos espaços das cidades, mas sim os efeitos culturais de interligação mundial, nos quais esses espaços não produzem sociedades homogêneas, uniformes, mas múltiplas modernidades: configurações culturais em transformações.

Os estudos sobre as cidades avaliam suas mudanças nas desigualdades econômicas, de políticas públicas, conflitos, movimentos, violências, direitos e cidadania. Esses aspectos apontam os fatos sociais que estão presentes nas problemáticas sociológicas contemporâneas. Como Teresa Caldeira (2000; 2012) aponta nos estudos sobre a cidade de São Paulo, os níveis de pobreza do século XXI são diferentes daqueles existentes nos anos de 1980. As infraestruturas das cidades se apresentaram em “melhorias” e de novas qualidades em seus espaços físicos. Entretanto esses objetivos de pesquisas levantam questões de comunidade e representatividade social e se destinam a questões específicas sobre a cidade.

A proposta de Martina Löw não se baseia em comparações entre as cidades, seus espaços e as diferentes tendências de socialização, mas em examinar a

sociedade moderna em geral. Evidente que a autora propõe uma análise de cada cidade para que possamos distinguir contrapartidas e investigações das políticas locais. Diante disso, o espaço da cidade tem um grande papel na vida social em que a sua análise crítica vai além de sua forma física, matemática ou filosófica. Ele é um conjunto de relações que estão representadas na cidade fazendo *dele* a representação das redes e objetos próprios do que está representado.

Para considerar os espaços na cidade devemos compreender os seus processos que são construídos em sua questão material e cultural e que se cruzam nas cidades, promovendo as distintas práticas em seus atores. Igualmente não é nossa pretensão elaborar teoria sobre a sociologia do espaço, mas entender a dinâmica dos espaços. Para analisar esse significado é necessário que encontremos o contexto cultural com que a globalização hoje está representada na cidade.

A capacidade de realizar uma leitura dos mecanismos de modificação urbana e dos conflitos que surgem no tecido que narra a cidade no presente de seu pertencimento e a experiência urbana contemporânea mostra que o desenvolvimento da cidade está estritamente relacionado ao espaço e a cultura que emergem em seus conflitos. Portanto, o skate transcorre nas cidades e suas relações individuais que se incidem nas relações coletivas. Isso contribui para mostrar que existem culturas urbanas e interpretações específicas nos espaços das cidades cooperando essencialmente para a questão do significado dos espaços e da cultura nas cidades.

A globalização dos espaços permite identificar as características especiais das cidades (ou procurar princípios sociais generalizáveis através de estudos de suas culturas urbanas). Suas experiências podem consentir para determinar o significado compartilhado nas cidades, permitindo análises das práticas de suas culturas como processo de subversão das visibilidades dos espaços das cidades. Suas existências culturais apontam para as falhas de políticas públicas e das formas de partilha do espaço público entre aquele que atravessa e explora esse espaço.

2.1 CRÔNICA E IMAGINAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE

O espaço é o crescente processo de assumir a sociabilidade em que os humanos encontram sua existência social que hoje a cidade representa.

Reinventando-se diante de seus processos de globalização e de modernidade, a cidade está em sua tomada de consciência desse complexo fenômeno que é a construção da cultura em seus espaços.

Essas construções de significados foram analisadas no início do século passado por Georg Simmel (1903) ao escrever sobre as cidades grandes e a formação dos indivíduos diante dela. O indivíduo humano conhece e descobre os diversos agentes que constituem a existência social em *novos* espaços. Trata-se de um clássico que mostrou a autonomia do homem na formação cultural e a reconfiguração de sua existência corporal, na constante busca do indivíduo desde o século XVIII no questionamento de seu corpo cultural.

As análises demonstram que o século XVIII teve a possibilidade de clamar por sua liberdade diante da formação histórica do Estado na religião, na economia, e na moral, para que os homens pudessem se amparar sem a necessidade repentina de que essas *forças* culturais fossem as heranças para seu desenvolvimento. Nisso o século XIX foi a reivindicação dessas liberdades das particularidades humanas de realizações de sua formação histórica de sua divisão de trabalho nas sociedades modernas, “[...] Onde os produtos da vida especificadamente moderna são questionados acerca de sua interioridade; onde o corpo da cultura é questionado sobre sua alma – como me parece ser atualmente o caso no que diz respeito às nossas grandes cidades [...]” (SIMMEL, 2013, p. 312). Isso significa que o homem começou a questionar o *ser* de diferença de sua consciência na troca de relações sociais na passagem psicológicas sobre a vida moderna, e por assim dizer, a vida na cidade moderna e suas intensificações de modificações nas diferentes relações do consumo mecânico social-técnico. A *forma mental* da cidade se envolve entre os indivíduos por seus vínculos em condições e distinções que os envolvem com a relação precedente. Os seus significados, transcurso e habitualidades compreendem aquilo que os identifica e individualiza. É no olhar e na impressão de que se está diante das adaptações individuais e supra-individuais, na formação da personalidade que nos organiza como seres de distinção. Na imagem do processo de identificação da vida urbana, nossa sociabilidade encontra a imposição daquilo que podemos chamar de rotina diária que organiza a consciência do homem de acordo com sua relação econômica, profissional, social. Esse domínio pauta as relações e as reações individuais que favorecem a representação e a imaginação

das narrativas de cidade. Nesse sentido, a questão de consciência do instante que Paulo Reyes (2015, p. 151-159) analisa que o *novo* está sempre por *vir* na consciência imaginada que o *sujeito* articula no instante presente, no seu passado e no futuro.

Em Simmel (2013), a comparação entre a cidade grande e a pequena é feita pela imposição monetária sobre a vida na cidade ao reduzir as relações nos espaços à atividades que engrenaram os espaços-tempo da atividade do homem em sua esfera contábil. Na formação desse *espírito da grande cidade*, o homem controla sua identificação a partir dessas interações simultâneas, sua interação social moderna com o espaço da identificação do homem no contexto urbano. A dinâmica com que as cidades formaram a determinação do homem, sua rotina, preencheu o espaço da cidade em ordenação do espaço “que pretendem determinar a partir de si o modo de vida, em vez de recebê-lo de fora como uma forma universal, definida esquematicamente” (SIMMEL, 2013, p. 316).

O estilo de vida e sua existência são condicionados pelas diretrizes que determinam o modo de vida esquematizado e normativizado. Os atos contrários, os valores que possibilitam as distinções das coisas são postos como sentidos nulos. O dinheiro exprime a distinção, como compensa o modo do igual, o denominador comum. Ao se ajustar como possibilidade de se autoconservar na cidade, o comportamento social não permite um momento negativo (contrário). Isso gera a desconfiança entre os indivíduos, a estranheza no contato com o próximo. A antipatia é a forma possível da proteção e sua praticidade realiza o afastamento da vida em sua extensão: a dissociação é a única forma de socialização. Limitar como exclusão; delimitar como inclusão.

Nessas formações sociais, os grupos se desenvolvem para atuações mais livres, para acompanhar Simmel (2013, pp. 310-321), o rigorismo normativo imposto pela sociedade se afrouxa. Atenuam-se nas relações e permite o desenvolvimento da individualidade.

A proximidade corporal e a expansão dos espaços das cidades, revela a necessidade de manter a cidade em pesquisa conforme descrição inicial desse trabalho. É a partir da imagem da personalidade e da *invenção da cultura* que há o processo de rompimento normativo imposto pelos padrões estanques da sociedade,

esse é o *progresso da cultura* que translada a “forma da vida subjetiva à forma da vida puramente objetiva” (SIMMEL, 2013, p. 327).

Na agitação produzida pela tecnologia em pleno século XXI, os espaços da cidade é o lugar da agitação que vai desde luzes incessantes, passando pelos motores dos veículos circulando em suas ruas e até as pessoas caminhando com suas rotinas cada vez mais atentas a seus celulares e tablets. Na rede social em um mundo virtual, a comunicação e seus entrecruzamentos estão como referência em um espaço no qual a presença do corpo é um *chip* que identifica o indivíduo. A circulação e o corpo estão acelerados no tempo que corre em círculos de sociabilidade e a presença física do corpo imita uma possibilidade de espaço infinito.

Löw (2001) explora esse espaço no processo de vinculação relacional e do surgimento da própria construção e interligações dos objetos. O espaço humano é definido por sua interpenetração de existência no sentido gerado em relações e concebido em atividades coletivas e individuais de conexão que são fixos na composição do espaço. Esse espaço é produzido pela ação dos sujeitos e os objetos que são construídos no tempo e na sua estrutura de organização. Seja quais forem os hábitos, tradições, conceitos e práticas cotidianas, essas formas tendem a “reforçar” a materialidade e as relações que delas desencadeiam (LÖW, 2001).

O espaço adquire o significado e o valor de suas distinções na experiência de origem, seja mental ou material, que estimula o *sujeito* em sua capacidade de acomodar-se aos conteúdos e à forma de vida na cidade. É o fenômeno da interligação social, da crônica e da imaginação da cidade e dos espaços no movimento permanente desse espaço em ação e que produz e coloca a forma mental e material na relação dos indivíduos. Marcel Mauss (2003), com suas pesquisas de etnologia realiza a crucial importância da maneira com que cada sociedade impõe sobre o indivíduo a projeção social de disponibilizar seu corpo. Isso é a modelagem grupal com que o indivíduo humano tem a imagem de grupo, demonstrando que seus limites culturais são diferentes em cada um deles. Mauss (2003) prova que a vida social é uma constante manifestação de exemplo e ordem. Nos processos de familiarização, a condução da cultura moral da sociedade parte do ensino técnico que o corpo adquire pelos hábitos sociais.

A “noção social” referida por Marcel Mauss (2003) assinala que as atitudes dos *habitus* adquiridos pela sociedade variam conforme a educação, as

conveniências e as razões práticas e coletivas que predominam no modo em que transmitimos confiança e autoridade. O ato social é o executor das relações de confiança e autoridade sobre os indivíduos no seu corpo técnico. A cultura se adquire a partir dessas adaptações constantes expostas ao indivíduo durante toda a sua presença na sociedade e do *lugar que nela ocupa*. Todo esse conjunto determina as “atitudes permitidas ou não, naturais ou não” e que, “neste momento. Tudo em nós é imposto” (MAUSS, 2003, pp. 406-408).

A montagem dos atos sobre o corpo dos indivíduos é posta como autoridade social em suas intencionalidades quando possam ser acionadas nas ações fundadoras dos espaços para as trajetórias da mobilidade corporal, desenhando o imaginário do espaço mental. Em cada momento da vida, sua natureza psicológica passa por adaptações individuais, por um ajuntamento a qual vai inventar seu corpo diante da sociedade. As diversas confluências que corpos se deslocam, apresenta-se entre os espaços em que cada qual interpreta sua condição moral e social.

A partir dessas breves incursões sobre o estudo de Simmel (2013) e Mauss (2003), apontam-se a natureza do alcance grupal e cultural que a sociedade torna visível em sua composição moral. Aqui nesse trabalho se faz necessário a breve citação desses pesquisadores para que possamos compreender a distância com que os indivíduos estão presentes nos espaços de suas experiências na composição da sociedade. Na cidade existem as experiências com que nos deparamos em constantes transformações de seus espaços. Se a cidade tem essa possibilidade de compartilhamento de existência, tal como nos estudos das sociedades grupais, eles marcam a trajetória e as modificações individuais com que as sociedades constroem e definem a sua realidade.

A importância da análise sobre a emergência mostra que a sociedade de consumo é profundamente influenciada sobre as formas materiais da vida urbana. As cidades, enquanto estilos dos espaços globalizados impõem uma percepção sobre sua sensação e simulação de vida cotidiana. É nesses *habitus* que Martina Löw (2013) propõe sua crítica ao estudo dos espaços das cidades para analisar suas disposições culturais e seus significados que interagem com o corpo que *está* presente na cultura globalizada e inscreve-se em um compartilhamento de significados. Não é estritamente o significado da governança em cada local

específico de cidades. Como temos apresentado aqui, são a crônica e a imaginação que representam o espaço da cidade. (LÖW, 2013)

A experiência do indivíduo na composição das cidades está em sua condição de surgimento e de suas construções. Suas relações estão na compreensão da forma e ação relacional entre a comunidade e cultura, que na arquitetura urbana tornam esse o cenário espacial a qual corresponde nossas imagens da consciência coletiva, seja de proximidade ou de distanciamento. Na experiência dos espaços urbanos pretendemos mostrar a construção da cidade e o seu encontro com as expectativas espaciais e culturais que estão presentes no processo de invenção da cultura moderna em seus espaços, para a seguir intensificar essa invenção como experiência, o processo de transformação dos espaços das cidades na imaginação cultural em que encontramos a ação do cronista, do *flâneur*. A crônica que envolve os espaços culturais e o seu envolvimento com os aspectos de modernização e progresso está indissociável da presença corporal na vida urbana e das ações que produzem a materialização dos espaços e influenciam a formação desses espaços públicos como existência e experiência urbana.

Onde se encontram os skatistas nos espaços das cidades? Skatistas estão nas relações que pensam a cultura urbana em seus comportamentos, cerimônias, gestos possíveis de identificarmos entre a questão do espaço e a cidade. O indivíduo é incorporado em sua identidade (personalidade) como meio de pertencimento, nas vivências, nos valores, nas referências de suas condições a quais se relacionam entre os seus semelhantes e desconhecidos. É como se cada aspecto no conjunto da vida cotidiana (trabalho, lazer, dinheiro, movimento) se torna alienante aos sujeitos, naquilo que Lefebvre chama de *totalidade concreta*. A cidade moderna não cria esses espaços de relação pelos conjuntos da vida cotidiana, mas redefine os lugares criados e recriados pelas condições prévias das políticas urbanas.

Pensar esse cotidiano como ação intrínseca da experiência, a representação da vida na cidade, é considerar cada sujeito em sua ação cotidiana de existência. E essa é a dialética que do cotidiano pressupõem a perguntar: quais e como são os sujeitos em ação que caracterizam os espaços urbanos? Apresentar uma resposta para essa questão levará a uma interpretação da teoria Lefebveriana da dialética do espaço. Bem como posto por Rita Velloso (2016) não se permite realizar uma

relação complementar com outras expectativas de conhecer o cotidiano, a cidade e suas metamorfoses (cultura, espaço, sociabilidade, curso, monumento, linguagem, sinais). A representação da cidade é vista com pressupostos diferentes entre os seus cidadãos e o seu planejador. O primeiro encontra nos espaços das cidades a sua representação corporal, enquanto o segundo analisa esses conjuntos como questões profissionais.

O cidadão transeunte analisa seu espaço com sua imaginação. A cidade não é a presença material, mas a sua representação corporal, o percurso, a trajetória que se cruza, o seu percurso, o procedimento que procura projetar a relação do urbano com sua atualidade. Pela revolução do cotidiano, que é sua instauração de vida pública, encontra a *alma* do personagem que ao “conhecer a realidade, pensá-la, para ajudar a transformá-la” na sua trajetória de estrutura espacial na cidade. (VELLOSO, 2016). Por isso Henri Lefebvre se referia a cidade como *obra*, já que é uma orientação em direção ao dinheiro, comércio e produto. A Cidade é no uso das ruas, praças, edifícios e monumentos, onde , “é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)” (LEFBVRE, 2001, p. 12).

Não há como negar que a “Cidade e território pertencem inevitavelmente à experiência cotidiana de cada um” (SECCHI, 2012, p. 19). Com esse instante se alcança o encontro entre a cidade e a globalização, no qual a cidade é o solo e a globalização representa o jardim que cresce nesse solo. Tais aspectos apontam que o projeto do urbanismo impulsiona a cultura, as imagens e as tradições que se transformam entre os espaços das cidades.

Os Estados modernos e sua sociedade estarão sempre em suas disputas pelos espaços simbólicos, construindo suas diferenças culturais e terão suas resistências exprimidas entre as diversas formas da economia moral de classes subalternas ou de seus conflitos, mesmo que advindo das resistências da uniformização e à igualdade codificada pelos sistemas produtivos e jurídicos. Nos espaços está a composição das cidades em seus fenômenos simbólicos que a cercam. Ela é sua cultura que se converte para a civilização como natureza; é um curso que segue sozinho para a manifestação da sua política.

As faces da ocorrência pela valorização da memória cultural e da continuidade dessas conquistas estarão sujeitas às minorias em formações sociais

acentuadas. Na eterna busca de identidade própria, estarão cada vez mais expostas diante de critérios de inclusão/exclusão articuladas pela substituição de uma sociedade entre iguais e assim “sustentada por códigos e pactos constitucionais, por uma sociedade estatutária, na qual qualquer minoria, grupo local ou profissional, dispõe de seus estatutos específicos” (SECCHI, 2012, p. 29).

Esse mundo moderno é onde a destruição das culturas locais se conscientiza em sua destruição junto com os lugares de socialização, opondo a coletividade e realizando sua resistência. A produção de uma cidade industrial torna-se racional para a operacionalidade do projeto de arquitetura e as condições para a criação dos espaços públicos urbanos, onde se extrai o uso normal. Ser anormal diante desse uso (que se distancia ou não aceita a ordem estabelecida) é o ser patológico que deve ser reprimido e mantido a certa distância da racionalidade de uso do seu espaço social.

As condições dessas análises estão nas cidades como crônica da vida cotidiana. Pode-se partir de uma concepção de *Situacionismo*, mas observar somente as situações dos momentos das cidades não permite que possamos interrogar o porquê dessas situações e das culturas que se constroem nos ambientes urbanos. Os espaços surgiram na cidade como experiência de um todo complexo cultural, histórico e sociológico, no qual estudar o espaço urbano em sua crônica e imaginação requer ir além de suas materialidades produzidas nos espaços, indo até as intencionalidades e as ações culturais que concorrem no seu meio. O espaço urbano e a cidade põem-se no observar de as suas tensões, nos seus anonimatos, nas suas indiferenças, nos seus desprezos, nas agonias, nas crises e nas suas violências. Não se trata do *espaço*, mas o que se envolve e se desenvolve nesses espaços que entrelaçam a experiência entre o individual e o coletivo para arrimar a cidade como cenário de crônica e imaginação.

É nesse momento que temos o conjunto-imagem da cidade definida na crônica e imaginação. No cotidiano, os indivíduos transfiguram os espaços através de suas experiências, misturando-se ao novo, interpretando a utopia do espaço da cidade na história. É na organização da cidade em torno da existência do homem cidadão que seu corpo cultural é imposto sobre a emancipação social, na ordem, e nos panoramas de sua revolução entre valores e símbolos culturais (BENJAMIN, 1985).

Vemos a imaginação como inspiradora do momento das existências necessárias para lidar e criar o presente e o futuro. A cidade é precedida de conflagrações em seus espaços culturais. A crônica é o cenário no espaço da cidade e se posta entre o público e o privado de suas vinculações sociais. Com isso as culturas nos espaços remetem às formas heterogêneas das experiências nas cidades, como aspectos que se reconhecem em seus momentos de identidade cultural. Visualmente a humanidade se implica como constituição do modo de vida social para significar o espaço da cidade, não como característica de seu momento moderno de vida cultural, ou muito menos para postar o rural como arcaico, mas somente a partir desse processo de refinamento cultural é que as ações são variadas nos espaços por suas experiências que estabelecem relações com a demarcação dos espaços e com referências ao encontro cultural. Nisso as cidades contemporâneas constituem atividades globalizadas que formulam as ordens existentes e contribuem para suas reformulações a partir da experiência em seus aspectos espaciais. Reconhecer seus espaços culturais resulta em visualizar a cidade plural.

2.2 ROMPER A CRÔNICA, INVENTAR O ESPAÇO

É a própria civilização que converge sua cultura como ciência, arte e tecnologia. Na soma de todas essas conquistas é que se pode definir o amplo momento da cultura existente em suas formas sociais de significação. Não há transição entre o aspecto rural (arcaico) e o urbano (moderno), em uma tentativa de afirmar que somente na cidade há uma vida moderna ou de que somente no rural apresenta a verdadeira cultura. Quando há essa ruptura do arcaico é que se consiste o ideal do refinamento humano (WAGNER, 2015, pp. 76-81).

A crônica que imaginou as cidades atuais está nessas representações da metrópole, sua crônica com as transformações territoriais e políticas. É como Benjamin, apresenta empiricamente o *habitar* que intenta em seus *rastros*. Já que a “fisiognomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da Modernidade” (BOLLE, 2000, p. 18). Essa composição imaginativa da cidade atual já faz parte da rotina de nossa vida. A Modernidade estaria dita no respeito da “destruição criativa”, em observar

novamente para os seus espaços. Essas são as transformações do cotidiano e da sociabilidade: o cronista em ação, os aspectos da experiência nas relações materiais e simbólicas. São esses espaços sociais que constituem uma continuidade de poder na vida social, sustentadas por práticas cotidianas nos mais íntimos aspectos da atividade diária. Se *passagens* são qualquer coisa de intermédio entre a rua e o seu interior, o público e o privado se separam como se não houvesse mais tensões entre eles. É o momento em que a presença do *flâneur* oferece as questões sobre as consequências das mudanças nos espaços das cidades contemporâneas. Benjamin observou que no espaço da cidade, entre o *flâneur* e a rua, se encontram as passagens; um espaço que transforma o ambiente como o artístico em local de possíveis relações sociais, sendo o pensamento e o desenvolvimento da cidade e o envolvimento de sua cultura. Essa é a imagem que atribui ao cotidiano seu significativo aspecto cultural de *estar errante* como a “percepção da cidade e a do próprio corpo” (BOLLE, 2000, p.43) em uma fisionomia do tempo, do corpo e do espaço que definem a identidade cultural e marcam as divergências individuais.

A crônica expõe espaços urbanos uniformes, disformes e habituais que desempenham a confrontação de seu espaço público. Na modernidade, a nostalgia de segurança se mostra na incompreensão de um projeto de cidade contemporânea, de felicidade, em ordem e com segurança, evitando o imprevisto. Uma cidade que não é idêntica em toda parte de um mundo ocidental, é a estratégia de voltar a cidade que já não é mais possível de ser imaginada (SECCHI, 2012, pp. 85-116). Isso significa que para ingressarmos em um mundo contemporâneo, uma cidade moderna, exige-se a padronização da ordem das coisas na qual o selvagem e os primitivos não complementam as legitimidades de gozar o presente tardio moderno. Os limites são a permanência de segregações e de isolamento para que a imagem e a ação nas ruas não atinjam o mundo seguro em seu *status quo*. É na tarefa crítica em decifrar (na *imaginação*) esses mitos no horizonte da modernidade, onde estão camufladas as ordens das coisas e a ação da cidade moderna enquanto propagadora dessa violência que isola o espaço (BOLLE, 2000). A separação da cidade em extensão de seu território se dá pelo muro projetado, ou imaginado, em que a resistência de seu padrão é o *habitus* errôneo do marginal que brutaliza o de *dentro* e escandaliza o de *fora* dessa cidade. A cidade imaginada está arrasada pelo cronista.

Nutrida pela imagem do desejo e da possibilidade revolucionária das utopias de uma nova ordem de produção, o ritual do fetiche é a mercadoria, uma relação do homem entregando sua manipulação e relação a si próprio e aos outros. “Os rituais de adoração do fetiche Mercadoria são ditos pela Moda, secundada pela Publicidade, enquanto arte de expor as mercadorias” (BOLLE, 2000, p.66). Suscitada por sua nostalgia do lugar belo, em que o desejo é a imaginação da modernidade, há uma experiência comum pelas artes e o mundo da literatura. As premissas do iluminismo sobrepõem as metrópoles como concentração de toda a atividade humana, muito pouco mudando essa atividade urbana que corresponde ao seu ideal.

O espaço da cidade que se tornou uma feira profana, como um mercado que dura todo o ano conforme Türcke (2011, p.213), ilustra o ponto de troca e honra que faz o espaço da cidade se fechar para o de *fora* e o torna refém de quem está *dentro*. Momentos na qual a modernidade modifica o papel da praça e do espaço da cidade, encontrando na *abolição* de seus limites as possibilidades de compra de terra e solo. O espaço torna a mercadoria disponível e calculável. O espaço da cidade se torna o sonho de uma época de urgência e de despertar, que tem raízes no inconsciente e o conhecimento como uma revelação das imagens arcaicas. A recordação de *Ágora*, de Paris como elemento da cidade, é a perspectiva de representação que a metrópole orienta para o despertar de uma Modernidade no *novo* século XX. O decifrar dessa metrópole pelos textos de Benjamin é a exploração própria pelo leitor da construção da modernidade, sua imaginação de continuação das passagens (BOLLE, 2000. pp. 49-61).

O despertar dessa imagem é o consciente do conhecimento de um sonho de coletividade e para a experimentação do presente como *mundo da vigília*, na qual a história construída em sua narrativa desperta e recorda os fatos históricos. Nesses sonhos as passagens constroem e materializam os *sonhos coletivos*. O passado se liga ao presente como uma continuidade de uma estrutura de socialização permanente. O espaço da ação política se descreve como um despertar da imagem dialética na modernidade que estabelece e interage com o imaginário coletivo.

Lembrando Benjamin que o estudo histórico é a própria experiência “do *flâneur* enquanto colecionador de sensações da grande cidade”. É representando a imaginação que habitam as sensações de ver a cidade enquanto um devaneio que

leva a compreensão do imaginário social e da mentalidade que o espaço da cidade cria existência em coexistência, entre a representação particular e seus espaços públicos como o mundo da rua (BOLLE, 2000, pp. 71-79).

Paris, a sua representação do moderno ao contemporâneo, é a parte que assume o ideal de berço da civilização europeia. A reconstrução do tecido urbano era para a representatividade do império, sua visibilidade atmosférica que procurava envolver as festividades legais. Era o espetáculo como fundamento essencial para a representação da própria cidade e seu espaço “e que por muito tempo seus aspectos políticos desempenharam um papel importante na construção da legitimidade e do controle social” (HARVEY, 2015, p. 283).

A era de Haussmann é representada pelo deslocamento com que os trabalhadores saíam dos limites da cidade e se deslocavam para o centro, a forma como seus barulhos ou seus silêncios no deslocamento tornavam o olhar repugnante da alta classe parisiense que clamava controle diante dessa maneira carnavalesca de andar na cidade. Estamos diante de uma representação, uma transição da vida social em ação na cidade contemporânea. Pois é com a confusa desordem dos “fragmentos heterogêneos, no qual não é possível reconhecer nenhuma regra de ordem, nenhum princípio de racionalidade que a faça inteligível” que dela não compreenderemos sua imagem social cultural (SECCHI, 2012, p. 88).

Haussmann tratou de modificar novamente Paris, ampliando as lojas e departamentos, fazendo com que invadissem as calçadas, tornando o espaço propenso ao público e ao privado. As praças públicas, nas quais ocorriam a extensa socialização da sociedade, tornaram-se controladas pelo imperativo do comércio e pelo poder policial. Foi com a crescente divulgação de seus cafés, teatros e outros espaços de exibição da riqueza burguesa que moldaram o consumo de forma ostensiva, em que o fetiche pela mercadoria na cidade regia sobre os espaços que atravessavam entre público e privado. A mercadoria tornou-se o espetáculo, a necessidade da compra e consumo como forma de socialização (HARVEY, 2015, p. 191).

Cidades modernas e padronizadas são a história de sua ação, mesmo que o mercado se apodere brevemente dos espaços onde a vida social se encontra. O padrão Haussmann do espaço público como modelo moderno da vida cotidiana se encontra presente nos séculos seguintes.

Para esse trabalho voltamos nossa compreensão linear para a modernidade da metade do século XX, que se encontra nas incompreensões da cidade contemporânea, ou Tardo-Moderna. O reconhecimento e ascensão de uma cultura que se relaciona entre o projeto arquitetônico da construção de uma cidade e o contexto com que a sociedade molda sua cultura contemporânea.

A imaginação de se estar na cidade, durante a metade do século XX e no início desse século XXI, mostra as relações sociais constituídas em aglomerações de sociedade predominantemente urbana e incluídas na ampliação tecnológica de sua globalização. Sua crônica é a representatividade cultural em cada uma das reproduções de seus espaços, como condição, meio e produto dessa realização individual como consumo, mercadoria ou produção do seu espaço de pertencimento. Como Harvey (2013) aponta, o direito de liberdade para mudar a cidade é a possibilidade de avaliarmos continuamente a nós mesmos, no processo de descobrirmos *outra* imagem de cidade.

Nos espaços das cidades, desigualdades sociais se encontram. Conflitos apresentam as divisões. As cidades sempre se apresentam como espaços de violências, confusões e contradições. “Na história urbana, calma e civilidade são exceções, e não a regra” (HARVEY, 2013, p. 30).

Crônica e imaginação vem a representar a cidade pela ação do skate enquanto estilo de vida cultural. É no reconhecimento da experiência comum que observaremos a cidade contemporânea como resultado de mudança consciente da modernização, essa que produziu a cultura urbana ocidental do skate. Certamente o modo particular com que a regulação e interação pública são estabelecidas pelas funções particulares onde as políticas públicas dão atenção especial na remodelação e criação de infraestruturas que alteram e regulam os usos e funções dos lugares, de suas culturas. O *direito à cidade* é o encontro entre o diferente e a destruição criativa. A afirmação de Harvey (2013, p. 31) diz que somos “arquitetos de nossos futuros urbanos”, a cidade ideal está *ali*, no seu espaço, em suas margens. Não necessariamente diante de sua representação social – periferia-subúrbio – mas na representação das diversas culturas. O espaço não pode ser projetado como construção de um modelo ideal de cidade, é somente através da psique humana que teremos a capacidade de se aventurar entre territórios, espaço e tempo. É somente no desenvolvimento e construção de comportamentos *errantes*, do *flâneur* que se

exporão novos espaços de construção e momentos culturais. Trata-se de determinar a crônica e imaginação de uma cidade diferente, não apenas baseada na ordenação de diferentes direitos, mas de formá-la das alternativas aos espaços sociais do cidadão, onde se pode “definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito” (HARVEY, 2013, p.33).

No sonho de um espaço padronizado, plastificado, moralizado sua representação pode ser retomada como espaço cultural na tensão do caos e dos estímulos de sua vida em sociedade, em constituir subversão como ato transformativo para a liberação prática das novas possibilidades e capacidades de imaginar o espaço urbano. Quem mais poderia capacitar essa imaginação entre a remodelação urbana e o “flâneur moderno” do que os skatistas? Já que da *Dogtown* da cidade remodelada, a crônica e a imaginação da alternativa aos espaços comuns urbanos têm uma grande participação do skatista em imaginar a inclusão na cidade em uma cultura baseada não na sua ordenação e nas práticas político-econômicas, mas na construção de direitos que catalisam essas novas concepções de representação do espaço.

2.3 É *DOG TOWN*: UMA CIDADE REPRESENTANDO A EUROPA

Não há como negar que para falar do skate temos que falar de uma cidade que é considerada o “berço” da evolução skatista. É a partir da *Dogtown*¹⁶ que vamos analisar brevemente esse espaço localizado na cidade de *Venice Beach*, Estados Unidos, para entendermos a geração de skate que inicia a identidade que conhecemos até hoje. Não pretendemos realizar um levantamento histórico dessa cidade, mas é possível compreender como a época que constitui o “progresso” da modernidade ao redor do globo terrestre descreve a industrialização das cidades e a necessidade da própria mudança. A sua composição não é mais de uma cidade tradicional, mas uma versão maior com novos e diferentes processos de composição

¹⁶ A área de *Dogtown* é uma região na Califórnia, EUA, que sinaliza a separação entre os bairros de Venice e Santa Mônica, sendo que o primeiro era considerado uma zona habitada por pessoas pobres e o segundo pela classe média alta americana. Brandão (2011, p. 39) ao realizar uma análise sobre skate e a cidade a partir do documentário *Dogtown and Z-Boys* explica que para os moradores dessa região “existia uma linha invisível de demarcação, que ia da parte norte da cidade de Santa Mônica até a parte sul, onde ficava “**Dogtown**”. O norte, segundo eles, era rico, o sul não. A linha invisível era, como se percebe, uma linha financeira”. – destaques no original.

social. Diante de uma revolução industrial promovendo divisão de trabalho especializado, tornando a concentração nas cidades cada vez mais ampla, assim como um local de diferentes culturas, minorias, estilos de vida, ou de renda. Isso forçou a troca de intercâmbio material, simbólico e econômico entre as sociedades.

Antes da região de *Venice Beach*, na Califórnia, estar em desenvolvimento, era apenas uma região pantanosa com escassa população. Seu projeto evolutivo baseava-se no estilo da Europa, mais precisamente na Veneza italiana. O objetivo do empreendimento não era ser mais uma localidade como uma *Las Vegas*, muito menos como a *Disneylândia*. Havia parques sobre os “*piers*” e seus diques artificiais simulavam uma cidade em festa e com glamour. Era um projeto de comunidade planejada que separava as áreas comerciais das de entretenimento.¹⁷

O projeto era despertar a imagem da Veneza da Renascença, um ambiente que desperta o consciente do conhecimento de um sonho da coletividade, entre a experimentação do presente e o *mundo da vigília* no qual a história se constrói em uma narrativa de despertar e recordar os fatos históricos. Nessas passagens que materializam e constroem os “sonhos coletivos” do surrealismo, as cidades fixam a representação de seu fetiche no subconsciente dela enquanto mercadoria, fazendo com que tenhamos que assistir ao passado como uma ligação com o presente, uma continuidade que estrutura a socialização permanente. O progresso moderno era a palavra que dirigia à *Venice Beach* e seu anacronismo ao passado romântico.

O conceito desse urbanismo remetia ao estilo barroco do passado, com o homem comandando o planejamento da cidade com pontos específicos de conjuntos unitários que criam um efeito grandioso, com separações entre os espaços das cidades de forma definida. Ou seja, os aspectos culturais e as funções públicas das cidades devem ser separados para a obtenção da ordem de seu funcionamento, os espaços de suas fronteiras não encontram suas margens. A materialização da dimensão urbana da *urbe* acompanha os países “descobertos” pelo eurocentrismo. Não era transplantar a cidade europeia, “mas sim materializar, entre nós, uma ideia renascentista de urbe” (RISÉRIO, 2012, p. 69).

A pesquisa de Antonio Risério (2012) sobre as cidades ibéricas na América e seus principais encontros no Brasil apresenta a Europa e o surgimento das cidades como um processo que se deu “do nada”, sem planejamento prévio e com

¹⁷ Disponível em: <http://www.westland.net/venicehistory/>

construção e formação gradual. Na colonização das terras pelos europeus, as cidades Ibero-Americanas surgem na prancheta, planejadas e concebidas “racionalmente” de acordo com sua planta geométrica previamente analisada.

Das considerações de Secchi (2012), destaca-se a cidade contemporânea como um paradoxo da “não contemporaneidade”, isso é, a negação de um tempo linear dos acontecimentos e comportamentos dispostos ao longo do *progresso* imaginado na cultura moderna. Seus espaços apresentam como projeto do urbanismo que Jacobs (2013) arguiu desde os principais arquitetos dos anos 20 ao desenvolverem o conceito da *antacidade*, ou seja, a cidade como um parque. O projeto de Le Corbusier era considerado uma utopia social em que a liberdade individual de seus residentes era uma imagem de cada indivíduo que se responsabilizaria por si mesmo, sem pretensões de relação com o outro que ao seu modo também vivia nesse local. Essa crítica de Jacobs é importante, pois ela apresenta que o projeto dessas cidades, em que a “técnica” de remoção seletiva para a reurbanização é uma regra, sirva para a conservação ou revitalização do local. Assim, o projeto de “Veneza das Américas” era de uma cidade *bela*, da Europa para as Américas.

Esses conjuntos de construções em que se separam os aparatos culturais e comerciais das cidades criam os efeitos *grandiosos* de uma cidade, mas isso torna invariavelmente a cidade ao entorno dessas construções uma vizinhança de grupos sociais excluídos que prosperam com suas lojas de roupas usadas, de tatuagens, fazendo das pessoas visivelmente afastadas de *toda* a cidade concebida em sua magnitude monumental (JACOBS, 2013, p. 25).

As concepções de bairros planejados em unidades separadas que transformam as cidades em pequenos grupos de implantação dos seus padrões europeus significa um complexo processo de separação de comportamentos e habitações em um mesmo (e curto) local de sociabilidade. Por isso *Venice Beach* é a concepção monumental de uma cidade que se planejou no urbano como formação cultural dos indivíduos e nas condições que determinaram seu poder de divisão social, entre o consumo de serviços, no qual a questão da *diversão* se mantinha padronizada, esteticamente e socialmente determinada.

Vê-se o fim da cidade moderna, o ponto onde a cidade antiga se apresentou como obsoleta, sua estabilização não acompanha a diversificação social. Enquanto

a cidade contemporânea é por natureza sua instabilidade, ela propõe novos problemas culturais, destrói valores dominantes que acusam os “graus de tolerância, compatibilidade, incompatibilidade em relação ao outro, a suas práticas, a seus usos e atividades, aos ruídos, aos odores, quer se refiram às temporalidades sobrepostas e entrecruzadas” (SECCHI, 2012. p.91).

A contemporânea cidade conhecida como *Venice Beach* é um modelo enquanto sua tentativa de cidade moderna da Europa. Com o passar do tempo, revela as situações caóticas que a economia capitalista promove em seus períodos para conceber um valor eterno na sociedade. Ao celebrar uma cidade como socialização igual, o seu processo de degradação ambiental se inicia a partir de 1929 e faz com que surja naquela parte do Oceano Pacífico uma população sob os escombros da *gentrification*.

O Píer caiu com seus parques, o poder público “largou” novamente aquele espaço da cidade para a sua população, a renovação para a concessão e exploração dos píeres e parques construídos pela iniciativa privada não mais viabilizava sua utilização. Somente em 1942 a cidade se reergue, mas a separação imaginária entre ricos e pobres continuou. No limiar das experiências surge uma nova cultura de uso desses espaços degradados na *Dogtown*, a área que abrange de *Venice à Santa Mônica*.

Imagem 02 – Figura 01 (Píer de Santa Mônica/Califórnia quando estava abandonado).



Fonte: <https://www.pinterest.com/hcipo/skate/>

O fenômeno da expansão urbana é balanceado pelo poder do mercado. As características de uma cidade moderna passam por fenômenos de desativação, ocasionando a degradação a partir das ações de recuperação e reativação diante das políticas de *gentrification* das cidades. “Na cidade competitiva moderna ou contemporânea, os limites socioeconômicos entre os indivíduos coincidem, exata e pontualmente, com as fronteiras espaciais que os separam” (RISÉRIO, 2012, p. 98). A *Venice* das Américas passa por esse processo de degradação de seu ambiente entre os anos de 1950 e 1960.¹⁸ Como aponta Jacobs (2013, p. 127), o resultado desse processo “é a transformação da cidade numa porção de territórios hostis e desconfiados uns dos outros.”

Apresenta-se a questão da *Dogtown* como intercâmbio do tipo cultural diante das culturas locais. Estamos diante do processo de globalização das cidades e seus espaços. A partir da importância que os fenômenos sociais adquirem com a mediação dos espaços e a globalização, manifestam as práticas e os objetivos colonialistas na intervenção das formas de ocupação dos espaços (LÖW, 2013). O skate encontra esses espaços planejados e *observa* as cidades pelas suas ações, em imaginações e crônicas culturais presentes. Delineia-se a análise das perspectivas sobre as noções do senso e sensação de pertencer à cidade, criando fluxos de integração social e econômica.

É desse caos que temos que compreender a cidade contemporânea, mas não limitada como uma percepção da modernidade, como arquitetura de desenvolvimento. Devemos observar a experiência e sua fragmentação dos ambientes para que, imersos na vida sociocultural, possamos analisar o desenvolvimento das cidades na modernidade tardia. Os aspectos mais visíveis se encontram nessa composição da cultura do skate que se compreende nas mudanças físicas dos espaços e sua percepção do ambiente cultural que se encontra. O skate emerge como resistência nesses espaços moldados, modificados e regulados pelas políticas públicas. Estamos ante um explorador que diante dos espaços modificou o ambiente explorado.

Ordem e desordem nas cidades capitalistas, a história da modernidade está diretamente ligada à heterogeneidade da construção dos espaços das cidades e a cultura urbana como modelo de socialização. A história da construção das cidades é

¹⁸ <http://www.westland.net/venicehistory/>

sua anamorfose espacial¹⁹ e a globalização constituiu as culturas para sua interligação mundial; expressando nos sujeitos sociais o processo de expansão moderna.

Esse fato mostra que os moradores desses bairros ou cidades planejadas não se prendem a um provincianismo local. Eles concebem a cidade e seus espaços como uma variedade de opções para sustentarem sua diversidade. O conflito pode levar às formas de *usos* urbanos consolidadas, *uma não imitação* da vida metropolitana e cultural, ou seja, não se desenvolve uma comunidade com interesses comuns, mas insurge em seus espaços grupos com interesse em explorar a atribuição vital da rua, ou daquilo que auxilia a autogestão dos espaços das cidades. A complexidade das cidades mostra que seus espaços são grandes demais para elas sejam compreendidas sob a perspectiva de unidade comum e perfeitamente determinada. A seguir devemos analisar essa forma de construção do espaço na cidade, para continuar a análise do skate e sua cultura nesses espaços. Mais adiante retomamos essa representação da *Dogtown* com a perspectiva do skate para evitar o isolamento que o urbanismo impôs aos seus cidadãos.

2.4 “ELES VIERAM DO NADA PARA FAZER TUDO”

Jay Adams é skatista de *Dogtown* que proferiu a frase que dá o título a este subcapítulo. Uma pequena homenagem já que veio a falecer em agosto de 2014. Adams era integrante de uma equipe de skate mundialmente conhecida como os *Z-Boys*, considerados os pioneiros na reinvenção da prática do skate por apresentá-lo não como um esporte, mas como estilo de vida *californiano*, um estilo da subcultura que tem *vida na morte das grandes cidades*.

O skate era considerado um esporte artístico nos anos de 1950-60, algo como uma breve demonstração de equilíbrio e habilidades em uma quadra plana. Mas foi no final de 1960, durante um período de baixa das ondas no Oceano Pacífico²⁰ que os surfistas apreensivos com a falta de ondas para surfar começaram a andar de skate simulando as manobras que realizavam na água. Mas essa troca só foi possível com a fabricação do poliuretano em escala industrial.

¹⁹ Transformação de sua estrutura de representação que alteram a aparência de seu ambiente. (Ver: Dutenkefer, 2010).

²⁰ Oceano que banha a Costa Oeste do EUA.

O poliuretano já era conhecido desde a Segunda Guerra Mundial na prática da substituição da borracha. Foi durante um período empregado em uma fábrica desse material nos EUA que Frank Nashworthy desenvolveu o uretano para a fabricação de rodas de skate, já que sua utilização melhorava a aderência da roda em relação ao solo. Essa modificação possibilitou as manobras radicais e o deslocamento entre diversas ruas das cidades, o que aproximou aquela juventude, facilitando o seu deslocamento entre cada ponto dos espaços das cidades, oportunizando *estar* no espaço urbano como se estivesse surfando no mar.

Esse deslocamento de forma diferente apresenta um novo tipo de *flâneur*. Um andar pela cidade deslizando sobre o skate, remetendo ao pensar nas passagens de Benjamin. O aço que fez a composição moderna estava diretamente relacionado com os trens e suas estações que lembram a era vitoriana das casas residenciais. Se no Moderno mundo *fordista* o aço estava para o carro, agora na modernidade tardia com toda essa estrutura de concreto o aço está reduzido para a cultura do skate. O único aço usado ali é nos *trucks* (eixos), com uma roda cada vez menor que as dos trens e dos carros.

Esses aspectos tornam as formações espaciais das cidades contemporâneas em uma difusão de valores, culturas, consumo, trabalho e técnica que constituem e motivam os sujeitos a constituírem suas motivações em diversos apelos que “devem ser encaradas como configurações culturais em transformação, cuja correspondência institucional com outras concentrações urbanas constitui uma questão empírica” (LÖW, n/d, p. 5).

As sucessivas mudanças de comunicação e transporte mostram a interpretação dos corpos e matérias que o progresso técnico desenvolveu, seja primeiro com, no século XIX, a melhoria no sistema viário e o início do transporte ferroviário; ou na metade do século XIX, em pleno desenvolvimento ferroviário e do telégrafo; na primeira metade do século XX, com o desenvolvimento rodoviário e do rádio; na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da eletrônica e da telemática. Provavelmente, agora, estamos em pleno desenvolvimento tecnológico que se converge em complexas redes telemáticas e mecânicas (SECCHI, 2012).

Esse domínio da técnica material permitiu que a cultura de skate evoluísse em seu ambiente cultural, construindo uma rede de vizinhança, de simultaneidade de pessoas, de coisas, de acontecimentos e de locomoção rápida, inventado os

espaços de possibilidades aos esculpirem as ruas com segurança e prazeres; com o skate se afluindo diante da técnica do progresso, dos corpos e das matérias que se relacionam com a rede viária e como alternativa de transporte e lazer na cidade contemporânea.

O sul pobre da *Dogtown* apresentou a criação de encontros nas ruas, destruindo os vínculos de uma sociedade padronizada ao constituir suas próprias ideias de proximidade e vizinhança, apresentando-se como base de uma aproximação social e espacial. Esses jovens criaram uma nova interpretação para a prática cultural do skate ao usarem espaços degradados da cidade *Venice Beach*. A relação como sujeitos sociais nesses espaços marginais e abandonados criaram uma proximidade diante da distância que os espaços produziram pelos zoneamentos das cidades. Essa questão será analisada a seguir, para compreendermos uma respectiva de “ruptura”, com a cultura nos espaços das cidades tal qual processo de *heterogeneização* e o processo de geração de novas diferenças culturais urbanas (LÖW, n/d).

A movimentação nesses espaços ocorre como sinal de liberdade, domínio e apropriação, com a possibilidade de dispor os seus corpos sociais em uma *radicalidade* segura e para além de uma cultura artística de andar de skate. A condução dessa cultura em sua técnica dá origem a uma passagem de cidade moderna para contemporânea. É uma cultura de caos, de romper com uma ordem social e com os padrões dos espaços sociais da cidade, entre sua reivindicação pública e privada.

Em decorrência de uma crise hídrica que atingiu a Califórnia, combinada com um período de *mar flat*²¹ para o surf, o governo californiano decretou que as pessoas não enchessem as piscinas de suas casas. Como a maioria desses cidadãos de *classe média* californiana estavam em período de férias, eles foram viajar deixando as piscinas vazias em suas casas. Isso pode significar que o movimento da cultura do skate dentro dos espaços das cidades sinalizou uma transformação desses espaços que se tornavam ineficientes e estagnados para os seus usos, surgindo uma significativa *libertação* da criatividade cultural e uma tentativa de romper com a mercantilização dos espaços e a divisão de classes.

²¹ Gíria que significa mar sem ondas para o surf, ondas pequenas.

Tony Alva, um dos skatista de *Dogtown*, em entrevista à *Spin Magazine*²², trás a memória que a juventude pobre daquela localidade estava determinada a mostrar suas habilidades. Criados entre o mar e as ruas da cidade, eles começaram a imaginar o surf em suas ruas, em cada ponto de sua localidade. Estavam a descobrir suas habilidades como surfistas na negociação com os aspectos das modificações urbanas nas ruas das cidades. Eles promoviam um movimento que não se importava com as barreiras invisíveis que os espaços urbanos das cidades apresentam.

Nessa mesma entrevista ele conta que exploravam as piscinas vazias dos quintais de classe média-alta nas localidades de *Bel-Air*, *Malibu*, com uma ousadia que misturava aventura e transgressão. Deslocavam-se nas ruas dessas regiões com seus skates procurando por casas vazias, já que a maioria dos seus moradores saíra de férias ou as casas estavam para alugar. Havia a adrenalina de pular as cercas e encontrar piscinas vazias ou, às vezes, com a necessidade de usar uma bomba de sucção para esvazia-las. Com isso eles se envolveram num significativo espaço de apropriação cultural e de classe e, conforme o documentário *Dogtown*, ambos os skatistas afirmavam que também havia a adrenalina produzida pela possibilidade de serem descobertos e *pegos* pela polícia ao invadirem as casas para andar nas piscinas.

Isso tudo é reforçado pela separação social imaginária da cidade, tal como descrita pelo processo de *gentrification*, que faz com que contracultura dos jovens da *Dogtown* invada essas piscinas e simulem manobras mais radicais na prática do skate. Somado ao nivelamento que o projeto urbano desenvolveu para a criação de praças públicas com quadras poliesportivas (o skate não tinha espaço), criou-se uma encosta inclinada em 15 pés na qual os skatistas se imaginavam em uma enorme onda, limpa e cristalina, possibilitando momentos de apresentar um estilo de *surf* como o dos surfistas australianos, esse estilo que a Califórnia surfista tanto prestigiava. Isso mostra uma pista pública que se moldou pela arquitetura da cidade, com skatistas desenvolvendo seus estilos de andar de skate e usando esse espaço de forma contrária ao que foi inicialmente pensado.

Podemos notar que em cada aspecto da formação dos espaços disponíveis, os skatistas encontram novas formas e possibilidades de fazer uso desses lugares.

²² Disponível em: BEATO (1999) <http://www.angelfire.com/ca/alva3/spin.html>. Acesso em julho 2015.

Com isso eles então iniciaram a negociação cultural com os espaços públicos e privados, organizando-se em uma rede informal de skatistas em busca de piscinas vazias, andando pelos becos das cidades para uma satisfação comum (FERRELL, 2001 e BEATO, 1999).

No documentário²³ sobre esse movimento de skatistas há muita informação sobre suas concepções de sociedade e indústria do skate. Se dos anos 50 aos 60 o skate era uma cultura alternativa associada ao uso de *skooters*²⁴, na qual o ato de andar sobre esse objeto de madeira que deslizava sobre rodas era uma demonstração de equilíbrio artístico, em 1965 esse andar de skate retratava uma diversão familiar, se apresentando como ginástica rítmica sobre rodas.

Nos anos de 1960, as *scooters* começaram a ser chamadas de *sidewalk surfing*, o que podemos traduzir para surf em calçadas. No final dessa década o skate já estava ligado e influenciado pela cultura do surf, sendo a “extensão” da praia e o mar para o asfalto e a cidade. No início de 1970, com a evolução da tecnologia sobre as rodas de poliuretano, o skate se tornou mais “vertical”, com a facilidade e adrenalina de andar nas piscinas vazias ou descer as ruas realizando as manobras semelhantes a que se faziam no mar com pranchas de surf e que consolidaram o skate como esporte e sua identificação subcultural através dos *Z-boys* (abreviação de *Zephyr* e garotos - *boys*). Essas breves referências à história do skate mostram que a tecnologia e a cultura estão sempre interligadas na invenção das atividades nos espaços de socialização, mesmo quando são impostos limites espaciais.

Essa identificação subcultural é a manifestação de como esses skatistas utilizavam as ruas da cidade e as invasões de piscinas nas casas de Santa Mônica. O propósito das invasões não era a transgressão, mas sim a socialização entre eles. Mas como a sua iconografia está incrementada nessa manifestação subcultural da juventude, faz com que a vida skatista seja uma constante transgressão.

Craig Stecky²⁵, fotógrafo que acompanhou essa contracultura e interagiu com os *Z-boys*, expressou em 1976 que os skatistas humanizaram os projetos arquitetônicos da cidade, pois quando os arquitetos e urbanistas nivelaram as ruas

²³ *Dogtown and Z-Boys*, 2001.

²⁴ Na pesquisa de Brandão (2011), o mesmo atesta que *scooters* eram caixas de madeiras laranjas fixadas em rodas que serviam como meio de locomoção entre jovens estadunidenses no início do século XX. Podemos entender as *scooter* como patinetes

²⁵ Entrevista presente no documentário citado.

para fazer os canais da *Veneza das Américas* (Venice Beach) com seus parques de diversões, acabaram por deixar vários “resíduos” de espaços nas ruas, isso é, ruas mais altas que outras, não assimétricas entre um local e outro da rua. Caracterizado pelo “abandono” causado pelos canais artificiais construídos para a Veneza das Américas, as ruas das cidades se tornaram obsoletas para a população usar esses espaços. Esse projeto da cidade causou um impacto em suas ruas nas quais os canais onde antes havia água, ou foram aterrados e refeitos para passagem de carros ou simplesmente ficaram sem passagem de água, conforme podemos observar na imagem que segue, aos fundos os skatistas deslizando no canal em que haveria água. Ao lado os carros separados por telas.

Imagem 03 – Foto 02.



Fonte: <http://images2.fanpop.com/image/photos/9900000/Lords-of-Dogtown-2006-nikki-reed-9937749-1220-661.jpg>

A cultura, o espaço e a cidade estão conectados nesses processos de visibilidade social. Sua base histórica reside no processo de globalização e fragmentação dos fenômenos culturais urbanos, no qual as concepções sobre o papel da cultura nos espaços das cidades contemporâneas são conjuntos de relações em multiplicação de espaços e de proximidade corporal.

A troca cotidiana, a socialização, esteve afastada da composição de *Venice*. Rompendo com a cultura de *surf* como padrão de ligação entre cidade, cidadão e corpo, foi com o skate que a cidade acabou por estabelecer uma conexão entre suas

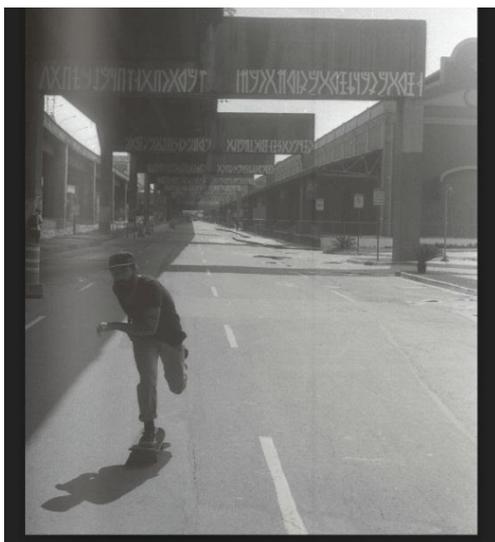
ideias de fluidez, de dimensão pública de seus espaços e de pertencimento social de uma parcela da juventude daquela localidade. Se no surf o mar se envolvia com movimentos de liberdade e pertencimento cultural, foram as piscinas, ruas e diques vazios que proporcionaram, primeiramente, a exposição do corpo em movimento da dimensão pública e cotidiana na cidade e depois a adrenalina como *onda*. Essa onda era saber que a polícia podia chegar a qualquer momento e deter esses skatistas, algo como que perceber que a transgressão tornava mais “prazerosa” a ação de andar de skate. Os skatistas se encontravam no limite, rompiam com a ordem e estabelecia-se o caos. Por isso que o skate no espaço urbano da cidade está na aparição de sua afirmação na dinâmica dos espaços que se transformam e na reinvenção entre o corpo e o seu movimento.

Atualmente o processo cultural da cidade passa por essa exposição corporal, uma espetacularização do consumo na cidade. A mercantilização dos espaços é sua estetização, culturalização e comportamento. A lógica é o corpo enquanto consumo cultural. Se os *Situacionistas* lutaram contra esses cenários de degradação cultural, surfistas e skatistas promoveram a alternativa de experiências nos espaços da cidade. É a partir desse acompanhamento das realidades culturais que se transformaram e formaram os espaços na cidade, como composição de flâneur contemporâneo. Eles constituem os precedentes que colocam a história da sociedade sobre a construção do tempo, entre a formação dos grupos sociais e seus setores de poder. A moderna imaginação de uma esfera pública parte dos processos culturais e políticos. A cultura urbana nesses espaços é a possibilidade que a converge em suas formas e conflitos nos espaços contemporâneos. São os conjuntos nos quais o homem realiza sua vida e produz o espaço para si mesmo (SANTOS, 2014).

Nesses espaços, os grupos urbanos consideram o conjunto de seus sistemas e ações, da interação à abertura do espaço público como essencial resultado dessa interação que propiciam às culturas a imagem de personalidade e na cidade, entre a multiplicidade e diversidade, as situações de seus processos culturais e coletivos se inventam e negociam como progresso da formação das práticas cotidianas e nos objetos que situam a vida cotidiana, o signo que simboliza sua redefinição de pertencer a determinado espaço e na crença de liberdade do movimento em suas relações sociais. A cultura se inventa nessas dimensões dos objetos. “A partir do

reconhecimento dos objetos na paisagem, e no espaço, somos alertados para as relações que existem entre os lugares” (SANTOS, 2014, p. 71). Assim podemos analisar a imagem a seguir, na qual o skatista contemporâneo se envolve com esses espaços da cidade e culturas.

Imagem 04 – Figura 02



Fonte: <http://vista.art.br/edicoes/2013/08/vista-049/>

Se os essenciais da arquitetura barroca são a manutenção da circulação ordenada, a obstrução e a confusão; o ritmo da cidade é uma tentativa de desafio da visibilidade do poder. O movimento é seu ócio e representa a imaginação que habita as sensações de ver a cidade enquanto um devaneio que leva a compreensão do imaginário social e da mentalidade em que o espaço da cidade cria a existência em coexistência, entre a representação particular, e seus espaços públicos: o mundo da rua (BOLLE, 2000, p.79).

Promovendo os planos barrocos nas cidades, controla-se os espaços que se estendem por seus “vazios urbanos” e representam a arquitetura e o urbanismo que entendem a cidade em sua espécie de *corpografia urbana*. Para Jacques (2007), essa é a cartografia de uma memória corporal que se inscreve no corpo de quem experimenta a cidade, como forma de resistência ao processo de espetacularização da cidade. Os skatistas, então, se inscrevem nesse corpo urbano para apresentar o projeto de uma cidade para o espaço vívido do cotidiano. Assim mostram que a arquitetura e os espaços da cidade contemporânea não impendem totalmente à ação dos movimentos do homem e que a “redução” do espaço pela dinâmica da estrutura

do sistema capitalista em espaços abertos e fechados da cidade não é uma ação dinâmica percebida pelo skate.

Não se trata de desvendar as disciplinas do urbanismo e seus projetos de cidade, mas sim de apresentar o skate como enigma dos espaços que representam a cidade enquanto relação da extensão de desfrutar a rua em seu encontro na modernidade tardia. É a partir desse comportamento de autonomia da linguagem urbana em seu desenho corporificado na definição simbólica de codificações das funções que se inscreve no espaço, sobre o espaço e seu grafismo espacial, a identidade de resistência que constrói na imagem do ambiente a sua identificação com seu objeto, ou melhor, a individualidade/unicidade de sua relação espacial.

O espaço constitui a sociedade e seu processo de realização cultural das cidades. A transição e construção dessas suas funções, do objeto, da paisagem, é a sociedade enquanto espaço. A cidade também é a sua correspondência na qual a cultura se inventa. A crônica de que a paisagem é a inclusão de funcionamento global da sociedade, onde suas formas se “realizam, no espaço, as funções sociais” (SANTOS, 2014, p. 107).

Naturalmente, culturas se ocupando *ao tempo* dessas recordações da história da cidade moderna, incorporam o comércio de sua paisagem para além de seu conteúdo formal e normativo, valorizando a própria sociedade na presença humana qualificada como sua sociedade atual.

Todas essas identidades nos espaços públicos parte da humanidade em conflito para um mundo onde as ações formais constituem tais choques e a profunda oposição entre inclusão e exclusão. O Estado faz desse uso “legítimo” a imposição de sua autoridade que se torna pública para agir “sobre a totalidade das pessoas, das empresas, das instituições e do território” (SANTOS, 2014, p. 152). O skate nos espaços das cidades representa além da cultura, sendo o *andar* enquanto flâneur.

Compreender o *ideal* da representação espaço-cidade é a principal determinação na relação entre homem e natureza. Nosso conjunto instrumental e social com que correspondemos sua exploração social que não é no tempo, no passado, ou no íntimo, mas diante das transformações de nossas representações nos espaços da cidade que se corresponde. Essas representações estão nas formas sociais que criam e se transformam no desenvolvimento (ou seria envolvimento) das sociedades em suas compreensões espaciais no que inscreve o homem em seu

espaço social, afinal “não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (SANTOS, 1977).

Nos contestados significados desses espaços, produzem as determinações históricas dos indivíduos. A representação de cidade na sociedade existe involucra em sua história determinada. Seus interesses estão em permitir o conhecimento técnico e específico reproduzidos para reconhecerem-se em cada uma das suas formações e além de sua movimentação e ocupação através de [e na] cidade. Um espaço sem possibilidade de sua previsibilidade de preenchimento é algo que não supre as expectativas da sociedade e não tem a possibilidade de prepararmos para o que está *preenchendo* esse espaço, o hábito não regular sem correspondência com a experiência esperada nas passagens de espaço e tempo.

A cultura, então, está diante dessas evoluções, diferentes em cada movimento, em cada tempo e da *totalidade*²⁶, atingindo direta ou indiretamente as seleções e hierarquias das utilizações dos espaços. O tempo é distribuído entre seus diversos agentes, ele é o espaço em seu ponto efetivo ou potencial, de suas programações naturais ou sociais que preexistem ou são adquiridas segundo as intervenções seletivas. Essa importância atual que adquire o espaço está no conhecimento técnico que o homem tem sobre a natureza e a sua capacidade de utilização global das coisas que o cercam. Isso pressupõe que cada lugar para esses processos de utilização ganha novos valores e papéis na afirmação da sociedade na história. Significa que estas são as condições que exigem a interpretação e discernimento das transformações dos espaços, tanto físico como político, e os elementos que traduzem a possibilidade de estruturas de comunicação e sociabilidade (SANTOS, 2014, pp. 29-33).

O espaço representado na cidade é a própria instituição cultural da ciência, arte e tecnologia. Sua simbolização é produtiva e criativa da cultura como um todo, como uma emergência de cumulação das invenções e conquistas que validam a interação humana e a “vida”. Esse espaço da cidade adquire para a investigação etnográfica, não a qualificação de sua “estrutura social”, mas o espaço como invenção do procedimento do outro nos termos e sentidos da imagem cultural.

²⁶ “O espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia” (SANTOS, 1977, p. 145).

Já que espaço é a totalidade que a sociedade lhe deu como função e forma de representar os processos passados e presentes que representam as relações sociais, essa estrutura manifesta o processo e suas funções nas ações da cidade. Já que a “utilização do território pelo povo cria o espaço” (SANTOS, 1977), o espaço é o controle, seja mascarado ou efetivo, sobre a ação consciente da cultura. O controle sobre o ambiente, o espaço, as culturas, os cidadãos, são os problemas que “criamos” como ordem moral e exigimos de nossos governos como uma “necessidade” de construir uma sociedade que se aperfeiçoa como técnica e conhecimento na manutenção de controle.

Assim toda a experiência insurgida nesses aspectos como abertura do espaço público direciona para os arranjos de poder de sua aparência, conforme vimos nos capítulos anteriores, é preciso haver distinções de linguagem e significados. As convenções estabelecidas nos espaços são enfatizadas na linguagem de controle, nos signos espalhados nos espaços das cidades: o proibido, uma simples definição gráfica nas placas, nos muros, nas rotinas. A cor vermelha, ou a linguagem universal em círculo com um traço atravessado:



A questão de regra não está somente na elaboração de leis, mas na própria imposição de suas regras em um discurso objetificado nas classificações dos sentidos espaciais das cidades. A vida diária é empregada na articulação do sentido estabelecido e estável de um mundo padronizado. A história da cidade tardo-moderna é a aplicação e a replicação de um funcionamento da ordem econômica e social.

Essas placas e signos que estão espalhados nos espaços das cidades são a objetificação com que culturas se inventam e contestam em seus significados coletivos das trocas de experiências. Harvey (2014, p.169) os aponta como parte do papel dos *comuns*:

O papel dos comuns na formação das cidades e na política urbana só agora está sendo claramente reconhecido e desenvolvido, tanto teoricamente como no mundo da prática radical. Há muito trabalho a fazer, mas há sinais abundantes de que existem muitas pessoas e uma massa crítica de energia política à disposição para fazê-lo.

Uma famosa marca de tênis divulgou um comercial no qual um skatista se desloca com seu carro pela cidade com o objetivo de encontrar espaços para andar de skate. O skatista observa alguns muros e nesse obstáculo o poder público construiu barreiras para impossibilitar os skatistas de realizarem manobras, bem como evitar que sem tetos possam dormir nesses locais. O skatista para diante do muro e imagina o “cair” desses obstáculos, assim realizando sua manobra. Durante o comercial ele apaga placas com gráficos de “proibido andar de skate” e começa a realizar manobras nesse ambiente.

Evidente que esse comercial é um retrato da sociedade norte-americana, mas na padronização das cidades encontramos essas imposições de significados do espaço público fechado em todos os lugares, não somente nos espaços públicos, mas, como vimos nos capítulos anteriores, essas placas estabelecem o uso do próprio espaço destinado ao skate. Isso pode anunciar uma questão em que a proibição do uso do espaço público é a expansão dos controles alternativos das políticas públicas e jurídicas sobre as invenções e existências culturais nos espaços das cidades tardo-modernas.

A experiência como insurgência do skate no espaço da cidade é o momento de existência criativa como exercício cultural e humano em seu momento de coletividade, no qual as práticas culturais vão redesenhando ou “fantasiando” (DAMATTA, 2013) as mudanças nos modos como a vida social está sendo construída e expressa nos espaços das cidades contemporâneas. O processo de inverter o controle social e jurídico que na cidade sufoca a autenticidade, construindo uma aparência de consumo como aspectos de civilidade, conduta e segurança. Esse é o papel que a “invenção da sociedade” (WAGNER, 2015, p.273) se abstrai no controle e interação dos aspectos diferenciadores da existência cotidiana e pertencimentos coletivos e comunitários.

É pela resistência aos atos impostos e produzidos pelos significados qualificados agora como espaços públicos que as culturas urbanas promovem expressões de inventarem-se e negociarem o processo coletivo de expressão, um momento em que conseguem com suas experiências a busca permanente de invenção da sociedade.

Na análise do skate e das ruas, há nas cidades diversas placas (signos) que estabelecem a normativa de conduta nos espaços, seja para carro ou pedestres,

animais, bicicleta, skate. Cada ato nos espaços, na arquitetura da cidade é estabelecido por um objeto: o proibido estacionar, o proibido cruzar a rua, etc. Entre os espaços cada ato é normativo gráfico. Cada faixa de rua e circulação é condicionada entre carro, bicicleta, pedestre e animais. O skate enfrenta essas questões diariamente, como ocorre nessa placa na parte da calçada da fachada de um estabelecimento privado na cidade de Joinville/SC.

Imagem 05 – foto 03



Fonte: arquivo pessoal. Dezembro de 2012

A rampa a que se faz referência é uma inclinação de 20° para que pessoas portadoras de deficiência física possam acessar o estabelecimento. Notei que a rampa não é utilizada para esse fim, já que há outro acesso com elevadores. Isso mostra que essa criação da arquitetura impõe uma conduta que possa trazer outros significados para culturas que não aceitam essa imposição normativa.

Em outro momento, em conversas com o skatista *Rasta*, ele está construindo alguns obstáculos para andar de skate, para a criação de uma estrutura *skatável*. Ele conta no seu relato que sempre passa por um poste que o órgão público colocou em uma calçada perto da escola em que ele estudou e também fica perto de sua residência. Conta que faz um bom tempo que esse poste de ferro está sem nenhuma placa, na qual indicaria algum sinal de trânsito como “proibido estacionar” ou “virar”, mas esse pedaço de ferro *está ali*, sem significado entre árvores e calçada.

Imagem 06 – Foto 04



Fonte: *Facebook Rasta*

Nesse testemunho, *Rasta* caminha até o poste e começa a serrá-lo para poder levar até sua casa e montar uma estrutura que possa ser carregada para outros lugares. Com isso os skatistas poderão realizar suas manobras em outros ambientes. No entanto, durante essa empreitada ele é abordado por uma pessoa em seu carro que questiona o seu ato. O mesmo explica que vai “tirar” (cortar), que “conhece” esse poste. O homem no carro profere diversos palavrões e o chama de “vagabundo”, “marginal” e que esse poste é “patrimônio público”.

Rasta me mostra outras fotografias com diversos postes espalhados pela cidade que não tem nenhuma indicação de sinais de trânsitos e questiona qual o propósito desses postes. Se eles estão sem significados porque não pode “dar um outro” destino para eles, um destino que possa trazer diversão e interação entre os skatistas.

Esse momento mostra que na ampliação dos espaços criados pela arquitetura da cidade, em sua urbanização (ou seria reurbanização), desenvolve-se o conjunto imaginativo da cidade que define o cotidiano dos indivíduos que nela há(e)bitam (habita-se). As (novas) formas de organização dessa cidade enfrentam a existência do homem cidadão em seu corpo cultural, uma exigência do homem em habitar o mundo com o significado de espaço imposto sobre a ordem de consumo de bens, valores e símbolos.

A cultura de consumo em seu significado de incluir excluindo é transformada entre os espaços da cidade. É nesses espaços que os skatistas não se manifestam como dominação sócio-espacial, mas sim em uma possibilidade de manifestação temporária longe das formas de consumo nos espaços públicos como privados, concebendo-se como uma formação de identidade própria entre a aproximação da cidade e sua história subcultural de estilos e identidade. Há uma ligação em que o ato de transgressão é a sua posição crítica sobre o desenvolvimento da sociedade de consumo. É na construção de sentido e memória que a identificação de identidade se compartilha entre os rituais de narrativas e se conectam com as vidas cotidianas, para uma construção, mesmo que simbólica, de uma identidade *folk* e, no caso dos skatistas, também *underground* (Hall, 2014, p. 31).

A identidade skatista está incorporada como marginal. Em 13 de dezembro de 2015, um pequeno grupo do Rio de Janeiro promoveu um ato contra o Governo Federal de Dilma Roussef. Esse ato estava sendo realizado na rua, mais precisamente na orla da cidade, mas durante essa ação outro grupo de skatistas também se deslocava pelas ruas. Esses skatistas com seus padrões de identidade grupal foram “confundidos” com grupos contrários aos atos, bem como taxados de comunistas²⁷. Isso mostra que o espaço “comum” e globalizado nas cidades não aceita práticas diferentes daquelas especificadas pelos códigos de cultura global. Trata-se da homogeneização do desigual entre os diferentes espaços pertencentes a um mesmo mundo, tornando o centro e a margem um contato imediato e intenso que produz identidades diferentes, mas também anula uma a outra “*pois a rua é livre, mas é nossa,*” como se ouve na frase proferida por uma manifestante do ato em questão.

Dominação e resistência, isso foi o proposto por Hall (2013). Os sistemas de valores e representações ao fecharem-se como conteúdo ideológico de uma cultura estimulam processos de resistência ou aceitação sobre o *status quo* e dão aos grupos culturais a resposta de que devem participar da dominação ideológica ou manterem a consciência de suas identidades e de suas forças. A pesquisa de Tony Jefferson (2014, p. 151) sobre os rituais de resistência na Inglaterra mostra que no crescimento das desigualdades estruturais, grupos culturais são interpretados como parte de identidades que estão designadas em territórios e para determinados

²⁷ <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/12/e-livre-mas-e-nossa-a-reacao-de-manifestantes-de-copacabana-com-a-presenca-de-skatistas/>. Acesso em 15/12/2015.

espaços culturais. Como aponta Ferrell (2001), os espaços públicos partem de locais de contestadas percepções e compreensões negociadas pelos indivíduos que vão codificar os diferentes sentidos de si próprios, de vizinhança e de comunidade.

Se as ideias dominantes são posições que possibilitam hegemonia sobre os grupos dominados, pela imposição dos valores de ordem social, o processo de resistência a esses espaços das cidades, como os skatistas estão promovendo, levanta a questão que analisa o processo de mobilização dos grupos sociais nesses espaços como abertura contra a dominação, apresentando os espaços das ruas como autônomos, de diversão e de potencial possibilidade para as identidades em “[...] uma atenção crescente à maneira com que os indivíduos estruturam subjetivamente sua identidade [a] que vêm ocupar um lugar estratégico” (MATTELAR; NEVEU, 2013. p. 75).

Os atos que os skatistas realizam nesses espaços não são uma representação no sentido de ato contrário à ordem pública, de forma criminosa, mas são o desafio que sua presença impõe ao espaço. Sua presença, tanto simbólica como física, localiza a noção de sociedade a qual estamos inseridos na fabricação do lugar, espaço e comunidade em seu senso de ordem e controle. Os signos presentes partem da noção de ordem pública e a sua ordem estabelece o lugar e o espaço cultural. Na desordem provocada pela cultura do skate mostra-se que a estabilidade é a forma na qual eles assumiram o processo de socialização nos espaços das cidades.

A partir do “estranho” que promove a ruptura dessa ordem, a sensação de estabilidade social é rompida. Não no sentido de que o “estranho” seja alguém que promova a desordem ou o crime, mas que a sua presença revela procedimentos em que os indivíduos também estão presentes nos espaços sociais. Suas representações também adquirem significados para dentro de nossas vidas. A sua cultura, visivelmente diferente, representa o desconhecido pela sociedade de consumo. Simbolizam fisicamente que estão presentes nesses espaços figurativos impostos pelas políticas públicas de policiamento e monitoramento da sociedade.

A delimitação desses espaços culturais nas cidades associou a fronteira a uma linha imaginária que delimita espaços reais. Os limites de vigilância estão nas áreas onde a cultura não pode se manifestar e ela deve se manter onde o seu policiamento possa ser efetivado. O skate, mesmo que de forma passageira,

representa um símbolo de transgressão dos espaços. Degrada, polui, torna o ambiente um barulho diferente daquele que é normalizado pela sociedade. Não há buzina no skate, não há motor. Ele infringe as regras estabelecidas nos espaços das cidades, nas vias, no “pare”, no “proibido virar”.

Enquanto o estranho estiver nesse espaço ele desestabiliza o modo de ver a sociedade, ela dá a ideia de que a ordem é imposta por limites, com suas vidas éticas alternativas, com seus estilos que não são o *hard-working*, e seus trabalhos que envolvem um momento artístico e criativo que não necessita de uma recompensa financeira elevada para que possam viver.

A imagem desses “antissociais” promove a tensão na qual a modernidade tardia emerge nos controles espaciais e na regulação dos espaços públicos. O urbanismo tentou envolver sua prática como modelo de relação entre as diferenças sociais, ele nasce de um objetivo transformador que se choca com a realidade (RISÉRIO, 2013, p.296). Contudo, não se contou com a imposição da economia de mercado sobre a cidade e com a maneira como a prevalência de uma vida moderna está diretamente relacionada com o desenho da sociedade em seus arranjos sociais e culturais: a segregação. Desse processo *eles vieram do nada para fazer tudo*. Insurgiram entre o mar, as ruas e os enfrentamentos sociais, transformando os espaços e as cidades com seus corpos *errantes*.

No capítulo a seguir, vamos apresentar como essas separações sociais ocorrem nos espaços das cidades para posteriormente aprofundar essas dinâmicas que reproduzem as cidades metropolitanas em um ideal de globalização, assim se estabelece novamente uma visão antropológica sobre a cultura urbana do skate e sua invenção diante dos espaços das cidades.

3 ERGUENDO MUROS. IMPOR ESPAÇO

O estudo apresentado até o momento pautou uma discussão sobre o campo do espaço urbano, a cidade e o surgimento do skate. Esse debate envolve diversos conceitos sobre cultura, política e desenvolvimento urbano. Ao tratar dessas questões estamos propondo uma análise em que a globalização dos espaços das cidades é um local onde a diversidade encontra e envolve os projetos de vida pública nesses espaços. Com isso nos aproximamos de Saskia Sassen (1998) ao compreender que nas cidades globais, a partir da concentração econômica, o desenvolvimento de uma geografia *da centralidade e da marginalidade* contribui para um espaço onde a força extrema da expulsão se encontra nas delimitações dos locais que outrora entendemos como espaço público.

Nesse capítulo vamos mostrar algo diferente do entendimento de Sassen de que há determinadas cidades globais. Pretendemos compreender que, a partir da *ampliação* da globalização, as cidades e seus espaços cedem às exigências da escalada das propriedades privadas e da redução dos espaços públicos. Esses espaços que detectados pela pesquisa apresentam a imaginação da cultura do skate na interpretação do ambiente das cidades contemporâneas. Para não esquecer do skate, apresentamos esse capítulo como o *bowl*²⁸, um grande buraco circular com paredes altas e lisas. O *bowl* aqui é a cidade de concreto e metal com sua imposição de desafios, obstáculos e margens.

3.1 ESPAÇO GLOBALIZADO

A cidade moderna está concentrada para extrair a *mixofobia*²⁹ presente nas angústias e nos medos sociais. Entre os fatores que moldaram as sociedades capitalistas, as suas formas espaciais de desenvolver-se como Capital aparecem como possibilidade de entender a Cidade. Isso significa que ao moldar os mecanismos do mercado capitalista para a consolidação do Estado, enquanto ordem

²⁸ *Bowl* é uma gíria para a parte redonda, em forma de tigela, presente nas pistas de skate. A estrutura simula uma piscina oval.

²⁹ O receio de estar em copresença física com desconhecidos. Ver: BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: ZAHAR ed., 2009. Nos atemos aqui mais na composição do desenvolvimento sociológico da cidade moderna. Mais adiante retomaremos esse assunto com a análise da obra de CALDEIRA, **Cidade de Muros**, para compreensão das narrativas do medo na organização do espaço e da paisagem urbana.

territorial, sua integração foi cunhada pelo termo globalização, ou seja, um mundo interligado pela “estabilização” e preenchimento das categorias sociais definidas.

Milton Santos (2015), vê nesse formato aquilo que produz o desfalecimento das políticas públicas. O Estado é um mero espectador das políticas comandadas pelos mercados capitalistas globais³⁰. Trata-se de um mercado avassalador apresentado na configuração de interligar o mundo, enquanto na verdade está aprofundando as diferenças locais. De fato, isso acelera de forma perversa os comportamentos competitivos das ações hegemônicas. Os espaços globalizados são os indicativos de aglomeração de populações em áreas cada vez menores.

Evidentemente que na dinâmica dessa aglomeração a diversidade sociocultural é difundida, mas também é edificada como uma conduta de sobrevivência do propósito de um sistema capitalista de Estado. Significa que deixamos de ter um mundo em competição e realizamos a competitividade como possibilidade de organização social com base em uma “violência estrutural” presente no agir do Estado, das empresas e dos indivíduos (SANTOS, 2015, p. 37).

A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais na selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada (SANTOS, 2015, p. 65).

A influência da globalização nos aspectos da periferia das cidades é sua revitalização das condições de cultura popular. As influências econômicas, técnicas e culturais sobre o conteúdo das manifestações socioculturais não alcança por completo o ciclo das forças globalizadas na periferia, visto que a própria cultura encontra ali sua manifestação de resistência, “associando um fundo genuíno a forma exótica que incluem novas técnicas” (SANTOS, 2015, pp. 143-144).

³⁰ [...] instalando-se a competitividade, o salve-se-quem-puder, a volta ao canibalismo, a supressão da solidariedade, acumulando dificuldades para um convívio social saudável e para o exercício da democracia. Enquanto esta é reduzida a uma democracia de mercado e amesquinhada com eleitoralismo, isto é, consumo de eleições, as “pesquisas” perfilam-se como um aferidor quantitativo da opinião, da qual acaba por ser uma das formadoras, levando tudo isso ao empobrecimento do debate de ideias e à própria morte da política. Na esfera da sociabilidade, levantam-se utilitarismos como regra de vida mediante a exacerbação do consumo, dos narcisismos, do imediatismo, do egoísmo, do abandono da solidariedade, com a implantação galopante, de uma ética pragmática individualista. É dessa forma que a sociedade e os indivíduos aceitam dar adeus à generosidade, à solidariedade e à emoção com a entronização do reino do cálculo (a partir do cálculo econômico) e da competitividade (SANTOS, 2015, p. 54).

Não estamos diante de um exotismo cultural e social, mas a invenção da cultura do outro em um mesmo contexto socioespacial. A resistência *de baixo* na cultura capitalista realiza sua experiência de convivência e solidariedade, criando uma manifestação política e cultural. Na criação de seus meios técnicos de capital e organização, suas expressividades produzem símbolos, serviços que marcam a sociedade urbana em duas formas culturais para realizações sociais distintas uma das outras. Enquanto uma tende a ser obediente das técnicas hegemônicas, a segunda será fundada na redescoberta diária da vida cotidiana urbana, realizando sua profunda adaptabilidade em favor da sociedade local (SANTOS, 2015. p. 146).

Isso é a formação de um Estado organizacional que visa o controle sobre o que se produz para que a estrutura social seja organizada, distribuídas em suas reivindicações, e quão intensamente restringidas e controladas nas esferas públicas. Assume-se uma perspectiva de um Estado centralizado, sua descentralização está no mercado organizado, representado em torno da relação entre trabalho e capital. A capacidade e o direcionamento dessas ações reivindicam uma esfera privada em que o monopólio que se manifesta é agora uma forma de monopólio para o público.

Não há como negar que na construção das cidades no início de século XXI, a globalização cultural teve ênfase na circulação de bens culturais a partir da mercantilização dos espaços nas cidades. Se questionarmos o desenvolvimento da Paris Moderna, refletimos que a América também se configurou em seu discurso de uma cidade global, uma cidade única e cultural. Não há como negar o processo de *Urbanização Desigual* descrito por Milton Santos (1980).

Instada pelos limites de seu ambiente social, a globalização não homogeneíza as culturas nos espaços das cidades. No entanto, ainda há uma heterogenização das culturas urbanas, pois a proliferação das redes e atividades econômicas atua nas cidades em seus espaços sem limites de expansão (SASSEN, 2010).

A circulação da economia nos territórios dos países industrializados é a sua integração econômica e social. O seu desenvolvimento está na cidade como “intocada” em nossa referência espacial (arquitetura) e temporal (território), isso significa que a referência de espaço é a arquitetura com que inserimos nosso corpo no elemento cidade. É a partir do aspecto de tempo que vamos estabelecer o território de pertencimento. O local não desaparece na globalização, o seu espaço generaliza as desigualdades espaciais e sociais.

Da cidade temos a conquista das pessoas na afirmação de seus direitos sociais, o território sempre moldou o espaço de autoridade e as formas possíveis do envolvimento histórico, o retorno do território:

Mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche. Seu papel ativo faz-nos pensar no início da História, ainda que nada seja como antes. Daí essa metáfora do retorno (Santos, 1998, p.15).

O território aqui é o local de socialização, onde as pessoas estão ligadas a cada um de seus pontos de referência social, de trocas de circulação e existências. Realizando uma leitura sobre a arquitetura urbana, o desenho da cidade tem a influência direta sobre a formação dos espaços, tanto os habitados por humanos quanto a natureza de uso e formação cultural, projetada sobre os objetos e ações da vida humana, animal e vegetal. Temos que conceber esses espaços em seus níveis de fluxos, que se articulam nos lugares que concentram as conexões e configurações das cidades globalizadas.

De fato, apontamos que esse território é o controle tanto político como local sobre cada configuração técnica que se baseia o território. Milton Santos (1998) retorna para essa compreensão dos espaços territoriais da cidade e do campo, pois eles interferem diretamente sobre o reconhecimento de direitos dos cidadãos. Sua interferência sobre o plano econômico e cultural envolve as formas sociais e de justiça sobre as pessoas. O conflito é global no espaço local vivido por todos, sendo definidos entre os códigos de uso para sua configuração de controle.

Nesse caso, a globalização da cultura urbana faz com que a mesma referência cultural, dos bens culturais que circulam entre São Paulo, Porto Alegre, Nova Iorque, Califórnia, China, Inglaterra e França, tenha uma influência global que dá origem à representação territorial de nosso consumo, na cultura homogeneizada e industrializada, moldada para as conquistas de novos espaços. Os indivíduos respondem aos desafios da globalização das cidades a partir de suas culturas que se reconfiguram e se reproduzem em outras formas de configurações culturais (LÖW, 2013).

No Brasil a “integralização moderna” dos territórios se deu pela sua expansão histórica de acesso do capitalismo em seu espaço. É durante a promoção da Copa do Mundo de Futebol de 2014 que para a construção e remodelamento das cidades

a serviço de interesses distantes da sociedade os Governos Federais e Estaduais se sujeitaram às empresas privadas para a instalação de Estádios de Futebol, bem como na ampla modificação da estrutura urbana da cidade, seja no aspecto de mobilidade, como na criação de novos bairros nas cidades. É nas investigações feitas pelo Poder Judiciário sobre as grandes empreiteiras envolvidas na corrupção política que visualizamos a fragmentação do território brasileiro frente as empresas privadas. O Brasil se tornou um território de cada interesse do mercado globalizado, seguindo o modelo padrão de cultura moderna globalizada. A “captura do Estado” por esses interesses privados condiciona a cultura como consumo, indo da opressão à exclusão. A cultura globalizada é tomada por uma inclusão desigual cada vez mais estabelecida pelo controle do indivíduo em seus espaços de fluxos. A atividade econômica globalizada reformula as ordens existentes e contribui para a formação de novas ordens (SASSEN, 2010).

O significado da globalização nos países subdesenvolvidos condiciona sua cultura como “fragilizada” pelos espaços fragmentados na cidade. O indivíduo é obrigado a aceitar a promessa de integralização de seu território e assim molda seus aspectos de culturalização à maneira dos países industrializados.

A globalização nos espaços das cidades é a forma de estar no contexto urbano ao modo da identificação das vidas indenitárias e das diferenças culturais no amplo território da cidade. Investe-se na compreensão desses sentidos situacionais para “seguir a redefinição dos modos e dos espaços específicos de identificação num mundo ao mesmo tempo globalizado e perturbado” (AGIER, 2011, p.53). Não se trata de adentrar no modelo de pesquisa do situacionismo, mas sim da compreensão de cidade a partir de sua existência cotidiana para que se possa encontrar um modelo de sentido com o qual as pessoas produzem suas identidades, pois é assim que elas situam suas formas de sociabilidade. As ações produzidas por esses remodelamentos dos espaços urbanos materializam as intencionalidades que a cultura urbana contemporânea pode realizar, produzindo suas próprias ações³¹.

A disposição com que a vida urbana se encontra na cidade é a composição clássica com que os indivíduos se estabeleceram em sociedade. A questão da sociologia da globalização em Sassen parte desse processo estruturante que varia nas especificidades da globalização encontradas na construção dos espaços das

³¹ Mais adiante iremos mostrar essas ações que os skatistas produzem nos espaços das cidades. Ações de “Faça você mesmo” (*DIY*).

cidades locais onde o cidadão é expectador passivo das ações, o genuíno consumidor de produtos estabelecidos na sua vida cotidiana. A globalização que parte “de cima” tenciona as culturas urbanas que se tencionam “de baixo”. Nesses processos de ação das culturas, há uma permanente referência a sua existência, experiência e simbolismo contraditórios. Da contradição se faz a pergunta: as regras, normas, códigos e símbolos de condutas nesse espaço “plural” são estabelecidos como universalização dos padrões sociais?

Para responder a essa questão temos que, inevitavelmente, fazer breves incursões no urbanismo, não de forma a teorizar sobre arquitetura e urbanismo, mas de compreender a imensidão da superfície terrestre como um depósito de arquivos e signos, já que dessa globalização, as culturas e condições sociais, o contato com os grupos, seus estilos e visões de mundo atingem indivíduos situados em diversas condições socioeconômicas.

Portanto, nas cidades a diversidade e sua busca por igualdade estão compostas entre os conjuntos que precedem a ação do homem e da natureza, as árvores, plantações, as ruas e as construções passadas, atuais e futuras (SECCHI, 2012). Esses são os espaços que trazem à vida aquilo que foi sedimentado pelos muros imaginados e construídos. É compreendendo o conjunto das artes e técnicas que compõem o ambiente urbano que tornaremos possível a composição integral do meio, do espaço, da cidade, com manifestação de seu tempo social. Isso será imaginável através da definição de uma cidade, de sua(s) cultura(s) social(is) que compreendem os diversos ambientes construídos em seus espaços.

Esses são os surgimentos das novas identidades globais, nas quais o abalo na referência desloca as estruturas que sugerem um mundo social “estável”. A identidade moderna é a descentralização (deslocamento e fragmentação) que faz com que o *sujeito* moderno permaneça sem uma identidade fixa ou permanente. A globalização interfere nessas identidades ao *pluralizar* a cultura dentro da representação com que o sujeito se advém (HALL, 2014). Por identidade não estamos nos referindo a um conceito absoluto, mas às formas de significação moderna de sua relação no mundo contemporâneo, ou seja, referimo-nos a construção do sujeito centrado em suas práticas sociais e discursivas, da posição com que realizamos as trocas diante das instabilidades históricas. Enfim, as identidades nunca se unificam e, em tempos de Modernidade Tardia, estão cada vez

mais fragmentadas e fatiadas diante das diferentes práticas e discursos antagônicos (HALL, 2013).

Não há como pensarmos em uma cultura ou uma identificação nacional unificada entre povos e raças únicas. A hibridez da sociedade está carregada com suas contradições ideológicas, não temos como afirmar os interesses sociais exclusivos em termos de classes, já que os movimentos sociais e as demandas políticas são advindos de novas emergências globais. O mundo globalizado tem se desenvolvido diante de um ambiente global nas tendências de seus recursos econômicos e materiais. É o rever da cultura “desde baixo”, diante das influências da globalização sobre as técnicas, como anteriormente apresentado na leitura de Milton Santos.

Assim, diante da cidade globalizada, os problemas sociais não são predominantes em cada setor da sociedade ou de sua formação social, já que estão entre as diferentes conjugações da produção, consumo, identidade e representação que determinam o processo de significações culturais. Essas significações não vão corresponder às posições da cultura diante de suas representações sociais. São as práticas que estruturadas pela produção e intercâmbio de significados das culturas que farão seu conceito representativo, articulando as diferenças em vontades coletivas ou acendendo discursos que dirigem amplas conotações. Como resultado, essas “ condições dispersas da prática dos diferentes grupos sociais *podem* ser efetivamente aproximadas” através das forças sociais para não somente transformar “*em si mesma [...], mas também* em uma classe capaz de interferir enquanto força histórica, uma classe *por si mesma* capaz de estabelecer novos projetos coletivos” em torno de práticas sociais que possibilitam a autonomia cultural na promoção do espaço como projeto coletivo (HALL, 2013, p. 185).

A partir dessas formações, Hall parte para a crítica da ideologia nas contribuições de Althusser, entre as questões de significação e representação como *diferença*, ou seja, a partir das contradições sociais, tendo a ideologia e sociedade relações complexas e havendo na sociedade não uma ideologia dominante, mas uma pluralidade de ideologias dos grupos sociais que a compõem. “As ideologias constituem estruturas de pensamento e avaliação do mundo – as ‘ideias’ que as pessoas utilizam para compreender como o mundo social funciona, qual o seu lugar nele e o que *devem* fazer” para pensarmos adequadamente sobre as mudanças da

sociedade e como e quais são os limites de sua reprodução (HALL, 2013, p. 191). Aqui não é nossa pretensão aprofundar a crítica da ideologia de Hall, mas mostrar como a formação dos espaços das cidades é concretamente influenciada pelos efeitos da globalização que se reproduz ideologicamente em um todo.

Entende-se que todas as complexidades sociais e suas representações nas cidades serão possíveis com a produção de significados nos quais os grupos culturais da sociedade estabelecem distintas noções de movimento e de prática da sua cultura, não fazendo distinção entre a dominação ideológica que os partem. Mais adiante apresentamos essas questões na retomada da abordagem sobre os grupos skatistas na cidade. Mas antes devemos compreender as forças do crescimento de uma comunicação global que aponta para um mundo de diversos significados, com comunicação integral e constante entre reconhecimento e interação.

As percepções nos espaços das cidades globais são construídas por imagens de uma cidade na qual não residimos, considerando a imagem do ambiente que sonhamos; um ambiente que pela arquitetura implica em construção e o estabelecimento de um modo de vida. A experiência do indivíduo na composição das cidades está em sua condição do surgimento e suas construções que na técnica da arquitetura tornam o cenário correspondente em nossas imagens da consciência coletiva. Essa identidade é a linguagem das trocas simbólicas nos espaços territoriais do enredo social e a construção histórico-social do homem moderno. O indivíduo é incorporado em sua identidade como meio de pertencimento, nas vivências, nos valores e nas referências de suas condições que se relacionam entre os seus semelhantes e desconhecidos. É o conjunto de imagem da cidade definida no cotidiano dos indivíduos que transfiguram em suas experiências, misturando-se ao novo, a utopia do desenho na história. Territórios e cidades estão diante de um processo de seleção cumulativa em que conferimos valores em sentidos.

Referenciamos espaços imaginários, espaços de convivência, enfim, ditamos as regras em cada forma que se mobiliza em grupos ou tribos e, algumas vezes, em objetos de consumo e veneração (por exemplo, automóveis). A cidade globalizada está na comunicação de suas manifestações sociais, entre as suas construções, nos processos significativos e históricos dos ambientes em conflito e disputa.

As modificações que as cidades sofreram nos seus espaços, representam variedade nas relações sociais. O movimento da sociedade globalizada promove o processo de criação das barreiras visíveis e invisíveis na cidade. Regiões que se compõem diante da organização espacial do homem. Suas comunicações impróprias (etiquetas) são controladas para a ordem de interação institucional, de situações na forma da organização social, tanto formalmente ou informalmente administrada, o local dessa socialização.

O território aqui é o local de socialização, onde as pessoas estão ligadas a cada um de seus pontos de referência social, de trocas de circulação e existências.

De fato, esse território é o controle tanto político, como local, sobre cada configuração técnica em que se baseia o território. Milton Santos (1998) retorna para essa compreensão dos espaços territoriais da cidade e do campo que interferem diretamente sobre o reconhecimento de direitos dos cidadãos. Sua interferência sobre o plano econômico e cultural envolve as formas sociais e de justiça sobre as pessoas. O conflito é global no espaço local vivido por todos e definido por códigos de uso na configuração de controle.

A história da globalização é a história com a qual a humanidade se envolveu com os meios técnicos, pois cada um do “sistema técnico dominante no mundo de hoje tem uma outra característica, isto é, a de ser invasor. Ele não se contenta em ficar ali onde primeiro se instala e busca espalhar-se, na produção e no território” (SANTOS, 2015, p.26). Esse fenômeno de globalização pelo meio técnico é possível a partir das técnicas hegemônicas (influências não só em um ponto do território, mas uma influência marcante sobre o resto do país). Com o avanço da modernidade, todas as técnicas desenvolvidas \ permitiram que toda a sociedade se infundisse em um único modo de velocidade padrão (tempo). O progresso da história é a implantação de um período único no elo entre todas as civilizações, mas no detalhe que atualmente é dominado pela técnica do mercado global.

Dessa estruturação do espaço da cidade, devemos compreender que o objeto de análise social não é o território em si, mas o seu próprio uso (SANTOS, 1998, p. 15). Nessa necessidade de evitar a alienação da existência individual e coletiva, o espaço é fluidez da vida *real* humana e de que hoje comporta (transporta) as redes de regras e normas para o processo de (re)construção de estigmas. Essa é a análise separada da dualidade entre o pobre e o rico. A formação de que a Cidade

sugere fronteiras de separação é rompida com a sua utilização por todas as “classes” no deslocamento integral, desde idas e vindas do trabalho, até o uso de parques, a mobilidade social é ampliada na Modernidade. Isso também é analisado por Sassen ao questionar que devemos observar a globalização além do seu modelo de gentrificação urbana, já que é nos espaços das cidades que todos esses conflitos estão localizados e é onde a sociedade se posiciona em suas dimensões territoriais.

Encontramos nas cidades modernas, os seus “espaços polarizados” entre as redes e conjuntos econômicos como momentos de ampliação para suas múltiplas funções: a geração de fluxo de indivíduos, bens e capitais. Assim a mobilidade econômica está diretamente ligada no fluxo de indivíduos sobre os espaços de socialização (SANTOS, 1980).

O desenvolvimento urbano *expansionista* propaga todos os tipos de violência. A fragmentação social urbana faz com que a cidade assuma sua forma de particular distinção social. Assume uma verdadeira instituição que avalia os desempenhos de quem a compõe e aponta os potenciais de quem a utiliza, criminalizando e incapacitando aqueles que são resíduos em sua organização.

Ao mostrar o tempo técnico como uma possibilidade de estar presente fisicamente para todos diante do território, também mostra que sua efetividade não alcança a todos. O território é a socialização do presente na forma e sentido de conhecimento das particularidades de cada cultura. O território da cidade tem essa forma de mudança social e cada parte da cidade se introduz em modelos diferentes de organização social. A linguagem (comunicação) estabelece relações de aliança no processo simbólico de comunidade, no qual cada território tem sua autonomia, não sendo o de um pensamento único (SANTOS, 2015).

Essa é a forma de estar situado no contexto urbano dos modos de vida indenitários com diferenças culturais no amplo território da cidade. Há na possibilidade de ver o corpo na cultura e sua importância o traçar do paralelo de uma história de sociedade: a imagens do limiar da consciência e inconsciência em Walter Benjamin. Isso está na experiência moderna de vida pública, no momento de processo do conhecimento social. Os *perdidos e achados* de quem em um primeiro momento se perde em uma cidade e em um lugar do espaço. Já que ao objeto perdido não se obtém conexão com o hábito de “começarmos a orientar-nos no

lugar, nunca mais aquela primeira imagem poderá ser reconstruída” (BENJAMIN, 2013, p. 40). Perdido da identificação de sua identidade comum na experiência. O encontro não abdica da proximidade, mas da sua ostentação e movimento, mostrando nas suas forças como a experiência tal qual resistência nos espaços que se fecham é a ameaça do senso comum e de aceitação do outro nesse cenário que não é mais único, mas “a lonjura pintada” desse espaço. “Não há nada de especial em não nos orientarmos numa cidade. Mas perdemmo-nos numa cidade, como nos perdemos numa floresta, é coisas que precisa de se aprender.” (BENJAMIN, 2013, p. 78).

3.2 A CIDADE DISTANCIADA

As distâncias entre o “rico” e o “pobre” se aproximaram, mas os mecanismos para separá-los se tornaram mais óbvios e complexos (CALDEIRA, 1997). As características do desenvolvimento sócio regional das cidades apresentaram-se quando famílias sem condições de moradia se deslocaram para regiões afastadas dos centros metropolitanos ou para regiões que perderam seus polos industriais. Esses processos de ocupações ilegais produziram reivindicações sociais em seus movimentos e tudo isso forçou o poder público a ampliar sua atuação e promover as melhorias nessas áreas.

O processo não é espontâneo pelas reivindicações sociais. Para que essa expansão da região seja “legalizada” é preciso que o comércio das grandes corporações se torne produtivo, isso é a “desconcentração industrial articulada a uma centralização dos serviços ligados à gestão e ao financiamento” (PADUA, 2015, p. 85). Para uma linguagem mais simples: é o processo de especulação imobiliária que forja novas fronteiras econômicas nos espaços urbanos.

Desta forma, os pobres urbanos se tornaram proprietários e consumidores, construíram suas casas e expandiram a cidade. Entretanto, seus esforços geralmente bem-sucedido de melhorar a qualidade de vida na periferia por meio da organização de movimentos sociais ocorreram no momento em que a crise econômica começou a negar às novas gerações de trabalhadores a mesma chance de se tornar proprietários, até mesmo nas regiões mais distantes e precárias da cidade (CALDEIRA, 1997, p. 157).

Mesmo que a pressão dos movimentos sociais para a legalização de suas moradias em áreas periféricas das cidades metropolitana se torne um movimento de resistência política, não há como negar que o processo de urbanização se torna um negócio rentável para o capital. Suas fronteiras de configurações encontram possibilidades de novas formas de sociabilidade nos espaços da metrópole. A transformação urbana é a prática cotidiana para os cidadãos adotarem e reivindicarem os padrões para a proteção de seus medos. Apesar de ser uma afirmação forte que adotamos nesse trabalho, ela tem como fundamento a pesquisa de Caldeira (2000) sobre as narrativas sociais que acabam adaptando as formas de socialização na cidade. Essa força capital no Estado (seu poder público) o mantém como refém desse processo de especulação ao *agilizar* a valorização dos espaços das cidades como novas possibilidades de reprodução do setor imobiliário (PADUA, 2015, p. 88).

Com uma posição mais segura, Rolnik (2015) aponta uma crise de insegurança da posse, na qual as remoções forçadas de populações de baixa renda são as mais visíveis. Essas situações não “são inocentes”, pois procuram apontar definições sociais diante de uma “ordem jurídico-urbanística dominante” (ROLNIK, 2015, p. 150). Essa insegurança atinge todas as classes sociais, já que algumas estão sujeitas ao financiamento e outras às políticas urbanas sociais. Ocorre que no interior desses mecanismos financeiros e políticos se arquitetam os mecanismos de ordenação sobre a inclusão e exclusão dos espaços/direitos à cidade.

Portanto, a ordenação desses espaços é o estabelecimento das relações sociais entre seus enclaves fortificados, ou a segregação, como modo de viver nos territórios da cidade. Essa abordagem realizada com mais profundidade por Caldeira (2000), analisou que as metrópoles cada vez mais devem ser sopesadas com os fenômenos sócio espaciais que crescem com o desenvolvimento do urbanismo e, por ser uma pesquisa que se origina sobre a cidade de São Paulo a abordagem analisa como os fenômenos socioespaciais estão condicionados às dinâmicas históricas de industrialização e da desigualdade que se efetivaram diante o avanço da globalização. Caldeira elabora seu estudo tendo como contraponto análises da cidade de Los Angeles, que pode ser considerada umas das cidades com aspectos

do capitalismo pós-fordista³²; enquanto São Paulo é a maior dessas metrópoles da América do Sul, aproximando-a da cidade americana.

Evidentemente que estamos propondo uma análise das cidades globalizadas e uma etnografia de um grupo cultural que se iniciou em uma área de Los Angeles e hoje presente nos espaços das cidades com sua identificação cultural própria, que não necessita da proximidade com o Oceano para se expressar. O skate se efetiva com as modificações das cidades e com isso ele se insurge nos espaços.

As complexas relações que a sociedade enfrenta em seus espaços nas cidades, como se aponta no contexto paulistano pesquisado por Caldeira (2000), compreendem as adjacentes conceituais econômicas, políticas e socioculturais existentes nas cidades metropolitanas que carregam o conjunto dos aspectos da globalização e do capitalismo como imposição de “aumento” de suas fronteiras territoriais. A pressão e o controle do mercado sobre comunidades de baixa renda se mostra, posteriormente, confirmado por Rolnik (2015), na atuação das políticas sobre os planejamentos da administração e gestão da terra, urbana ou rural, pública ou privada, estando contido em uma hegemonia de captura de terra para a expansão das fronteiras do capital.

Esse modelo que ordena os espaços e transforma a cidades em seus elementos de moradia, consumo e trabalho da sociedade é uma estética que impera pelo medo de contato com o diferente, o outro, que se estabelece em um espaço, coletivo ou privado. O espaço se apresenta como um ser homogêneo e sem os seus encontros coletivos e sociais nos pontos territoriais da cidade. O estilo de vida que se ordena nesses espaços está no confronto da segregação social como posição a ser valorizada.

Desde o início do século XX, o outro no ambiente da cidade, aquele que não se enquadra com o espaço ordenado, o arcaico, ligado ao rural, é alguém que resiste em “entrar” no mundo moderno. Foi pela teoria das subculturas delinquentes nos anos de 1950 que se influenciou as políticas públicas de criminalização das culturas da juventude operária e uma profunda rejeição à presença daqueles que são os pobres nas regiões das cidades. Isso ainda é reforçado com o estigma geográfico e de linguagem sobre a “favela”, o “subúrbio” e o “gueto” (ROLNIK, 2015, p. 156). Esse tipo de pesquisa foi contestado na década de 70 pelas teorias de

³² Ver: DAVIS (2009).

interacionismo simbólico, de criminologia crítica, de sociologia do desvio e de estudos culturais.

Para desvendar como se passa esse processo que anuncia as mudanças socioespaciais das cidades, Caldeira (2000) recorre à construção de narrativas de DeCerteau, isso porque a compreensão da história não está na forma de narrativas dos grandes acontecimentos, mas sim a partir de diálogos dos indivíduos que compõem a sociedade. É nas construções dos fatos narrados por diversas pessoas e confrontados com outros dados históricos de fontes documentais que se estabelece um novo entendimento sobre as relações da cultura e das estruturas de constituição das sociedades.

Compreender, interpretar e fazer surgir os dados ausentes na constituição da história tem nas narrativas a produção da organização sobre práticas sociais e é a partir delas com que organizamos as análises sobre as causas de violências nos espaços da cidade, nas quais se aponta um “antes” e o “depois”. A mudança do espaço da cidade tem um antes referente a como era a vida cotidiana e um depois no qual a chegada de nordestinos está diretamente relacionada com o imaginário em que o crime cresceu pela presença desse outro no espaço cotidiano. É o medo que interpreta e organiza as significações dos contextos sociais. “As narrativas de crimes elaboram preconceitos e tentam eliminar ambiguidades” (CALDEIRA, 2000, p. 28).

O crime e a sua narrativa têm o poder de interromper o fluxo do dia-dia na cidade, pois ao modo que causam um absurdo sobre o acontecido, espantam pela gratuita experiência a qual representam: a violência que estrutura o crime e o seu significado, a sua narrativa de *bem* e do *mal*. Essa é uma experiência unificadora na justificação de mudanças na vida cotidiana. Isso faz com que a distorção dos fatos ocorridos seja adequada para eles se encaixarem em cada uma das histórias apresentadas. Quer dizer que o significado de experiência do crime, de se apresentar em um contexto espacial e social, é estruturado com a própria biografia das pessoas e as condições sociais com que as representam (seja no nível pessoal ou no social). Trata-se de um *antes* e o *depois* dos acontecimentos, como um código para simplificar as mudanças estruturais da cidade.

A pesquisa de Caldeira mostra que a divulgação do crime na cidade surge como diálogo descritivo com as mudanças estruturais da cidade e o ambiente em

que se vive, atravessando ao longo do tempo a sua passagem histórica. Avaliar as condições do crescimento da sociedade brasileira, principalmente sobre o desenvolvimento de uma Modernidade, envolve a percepção de uma cidadania política fragmentada, intocada no imaginário de cidade do passado e estagnada na posição social de cada cidadão. Isso faz com que cada aspecto dos espaços públicos estabelecidos por fragmentação e segregação, em cada feição amplamente minado sobre a sociedade. Reconhece-se aqui a importância da pesquisa que a Escola de Chicago desenvolveu apresentando a organização da cidade através da ruptura com o rural. No entanto, diferentemente do que seus estudos iniciais alegaram, não é a cultura rural que não se adapta ao crescimento metropolitano, mas é a própria falta de compreensão das culturas, a invenção da cultura, que faltou para os pesquisadores ampliarem a visão social de multiplicidade que hoje vivem nas cidades.

As narrativas estão carregadas de estigmas que retratam a pobreza e essas estão sempre na ordenação da linguagem. Expressões como “falta de cultura” estão associadas com pessoas vinda do norte do Brasil, bem como a ser pobre, favelado e bandido. Assim a narrativa do crime que surge no diálogo é sempre refletida na pessoa que o divulga, sem ser a própria pessoa que sofreu o crime/violência. Está presente na experiência retratada em um antes e depois de fatos de vida. “[...] a chegada dos nordestinos ao bairro ocupa uma posição equivalente a do crime, dividindo a história local entre antes e depois. O que o crime faz para a biografia da narradora, a chegada de nordestinos/criminoso faz para o bairro” (CALDEIRA, 2000, p. 33).

Sobre essas narrativas percebesse como elas encontram o grande ato de significação sobre a produção de criminalização e discriminação de grupos sociais que compõem a cidade, com um impacto sobre a organização de mundo e de vida em complexidade e particularidades que marcam as referências do espaço da cidade (*O perdido e achado*). A possibilidade de *experimentar* o crime reforça um discurso classificatório das fronteiras sociais, mas essas classificações não se mantêm no aspecto social: se criam, separam, estereotipam e reforçam os preconceitos sobre os grupos sociais e os espaços da cidade em que se localizam. Isso gera uma discussão sobre a situação política do Brasil e o ingresso na Modernidade Tardia, visto que os antigos critérios para a diferenciação social já não

estão mais presentes, gerando angústias e chamadas por novas fontes de exclusões e diferenciações na cidade.

Entretanto, aqueles que se consideram em melhores situação frequentemente negam aos pobres as características e comportamentos associados a capitalismo e modernidade, como racionalidade, conhecimento, capacidade de poupar, de planejar e aproveitar ao máximo os recursos. Esse tipo de comportamento é aplicado não só aos indivíduos pobres, **mas também às regiões pobres** (CALDEIRA, 2000, p. 71 – grifase).

Deste ponto de vista, a percepção é construída em padrões estanques do comportamento social. A população criminosa é aquela com estereótipos pré-definidos no sistema da justiça criminal, principalmente forjada pela polícia “de uma maneira clara e perversa como a classe trabalhadora é não apenas estigmatizada como uma classe perigosa, mas de fato forjada como tal na prática da polícia e nas estatísticas que ela produz” (CALDEIRA, 2000, p. 108).

Esse tipo de considerações sobre a violência urbana estabeleceu que o crime se alastra pelos fatores sociais de urbanização, migração, pobreza, industrialização e escolaridade. Resumindo, o crime como um fator biopsicológico deve ser considerado não somente como ação individual, mas por sua presença nos fenômenos sociais e culturais.

Diante disso é perceptível que a Modernidade brasileira na formação de seu imaginário recorreu a esse binário entre pobre e rico, enfatizando a existência de contradições entre relações sociais hierárquicas e espaço público. A “questão central não é se há formações sociais com princípios e práticas contraditórios, algo que poderíamos provavelmente encontrar em qualquer sociedade, mas sim como devemos interpretar essas contradições” (CALDEIRA, 2000, p. 141). Isso se soma na existência de um aparato policial e nas instituições de controle social eficientes para reprimir e manter o status de que o negro/nordestino, pobre, morador de periferia em função de suas posições sociais devem ser mantidos sob controle das agências.

Nos espaços das cidades globalizadas – conectadas virtualmente por estilos de vidas, publicidades e consumo – as complexas relações sociais em seus espaços são reduzidas a uma produção de distinção social de territorialidade. As confrontações públicas que formaram na Modernidade enquanto as concepções que

legitimam os direitos universais de igualdade e de humanidade mantêm as estabilidades e rigidez da vida em seus espaços de encontro social mesmo com suas restrições.

Tais mudanças foram acompanhadas por Wacquant (2008) ao abordar o surgimento dos *guetos* norte-americanos e as estratégias dos governos em direção da punição da pobreza. O autor aponta que o uso disseminado da segregação espacial e racial em países como França e Estados Unidos baseou-se na confluência entre marginalidade, violência e decadência urbana onde o papel do Estado foi resultado pela retração do mesmo na desintegração do espaço público. Esse processo levou a segregação espacial de classes, raças e culturas. A combinação estrutural e discursiva reforça a legitimação de políticas públicas de abandono urbano e de utilização da lei e ordem para a “contenção” do risco urbano.

Essas estratégias que transformam determinada localidade espacial da cidade em favelas, guetos, ou até mesmo em linhas imaginárias como as de *Dogtown* evidenciam um padrão urbano de exclusão racial e de classe. Wacquant mostra que essa estratégia de isolamento espacial é uma forma de manter determinada a população subjugada e isolada, mantendo o mito do perigo e da corrupção. Isso evidencia que o Estado utiliza de suas políticas de repressão penal para restrição da população, enquanto o mercado usa essa força do Estado para impor a subordinação material e de trabalho.

Assim continuamos a história da criação de barreiras nas cidades desde o Renascimento. Sennett (2014) faz essa análise com o “Mercador de Veneza”. A força econômica sobre a cidade tem uma grande influência sobre seus indivíduos *estrangeiros*. A segregação espacial entre os muros e os portões está representada na obra de Sennett (2014). O judeu só se desloca para o seu trabalho e depois retorna ao seu local de moradia, o gueto que é seu local de pertencimento. A inclusão na sociedade *mais ampla* era simbólica, digo isso pois o segregado da época também tinha as “condições de igualdade” na sociedade, mas vivia segregado. “Ao acuarem os judeus no gueto, os venezianos acreditavam estar isolando o mal que infectara a comunidade cristã” (SENNETT, 2014, p. 222).

O gueto e sua segregação representou o medo de contato e estabeleceu o medo de um corpo comum da sociedade. Em face disso, os judeus promoveram dentro dessas comunidades uma economia solidária e de ajuda mútua como forma

de proteção e alienação que o espaço urbano impõe em sua estrutura: empresas, cultos e associações foram criadas para estabelecerem suas autodeterminações na geografia da cidade. Organizaram na história as formações de estranheza entre as pessoas e as forças dominantes sobre os corpos.

Dessa análise, vê-se as condições concretas do enfrentamento social que variam durante o longo tempo da organização e a urbanização da cidade em suas condições de reconfortar as esferas políticas e públicas de enfrentamento na deterioração das convivências sociais. A contenção social toma forma na maneira de excluir através da inclusão, significando que a organização social é a reclusão para *dentro*, sendo o retraimento o mecanismo de não ter contato com o que está *fora*.

A cidade e os espaços são momentos de locomoção e não mais uma visão de movimento. Os espaços urbanos reservam aos indivíduos a sua experiência humana e social. A partir da própria convivência social na cidade, suas transformações estão na impossibilidade de se conceber a si mesmo na sociedade, a sociabilidade só será possível dentro de um espaço determinado e padronizado. Assim, se a Cidade é a intenção da administração social para estruturar o conjunto do espaço físico com a fisionomia estética para a habitação do humano na terra, esta se encontra diretamente relacionada com a presença da ação do homem sobre a condição social humana da experiência urbana nos espaços públicos.

Refletindo sobre essas implicações, a cidade acaba por estabelecer na organização de sua experiência cotidiana a forma-mundo com que as relações são tomadas de sua forma-simbólica e perceptiva sobre a essência de nossas ações, um ritual sociologicamente distintivo com que temos a conexão espacial (de nossa colocação no mundo) e a física (de continuidade) na estrutura de nosso cotidiano.

É possível definir o argumento anterior traçando uma relação em que nos colocamos em um ambiente físico, tal como a nossa casa. Na perspectiva onde me encontro, estou estudando um livro e necessito me deslocar para realizar uma tarefa. Na percepção do ambiente, projeto uma série de atos e obstáculos que terei que enfrentar para o meu deslocamento. Qualquer comunicação que não esteja projetada ao realizar aquele ato se tornará um juízo estético não determinado pela minha expectativa anterior, a condição espacial que sempre imaginei no reconhecimento de dois pontos em minha memória. Os apontamentos de Sennett (2014), Wacquant (2008) e Caldeira (2000) sobre a constituição do indivíduo na

sociedade urbana mostram que ainda se enfrenta os dilemas de se mover entre esses espaços corporais que sucedem nossas culturas.

Essa comunicação coletiva de adquirir contornos culturais nos quais os membros experimentam e aprendem suas ações de mundo leva às convenções nas quais nos diferenciamos e separamos nossos comportamentos e reconhecimentos sociais. As culturas que estão postas nessas margens criam suas próprias formas de comportamento que ao “romperem” os estigmas a eles impostos têm uma grande combustão cultural em seus espaços de sociabilidade. Por isso que as diferenças impostas sustentam e restauram o conhecimento dos indivíduos em seus espaços culturais. Essa técnica da reinvenção cultural nos espaços das cidades é a pesquisa que estamos continuamente propondo nesse trabalho, o processo de identificação da cultura urbana em seu contexto da globalização.

O impacto da memória de constituição do corpo moderno nas cidades e nas formas de vivência deriva da constituição dos indivíduos no espaço público. A diferença nesses espaços e sua identificação ganham contornos cada vez mais de imposição de poder pelo consumo. A arquitetura e as políticas urbanas modernas tem uma característica cada vez mais centrada na disponibilização do corpo moderno saudável. Seus espaços se estabeleceram através das construções de modernos centros de consumo (*shoppings*) e elevados muros em bairros e condomínios privados. Tratam-se de tentativas de se manter as distâncias sociais com que a cidade nas formações de organização social estabeleceu as fronteiras de regras sobre o ambiente do espaço urbano nos padrões de diferenciação e separação social.

Entender o que suscita, entre o presente e o passado, a interação social nas cidades faz com que a pesquisa de Caldeira (2000) – estudo diretamente relacionado com a cidade de São Paulo – seja uma possibilidade de análise detalhada para compreendermos que esse processo é um fenômeno histórico do desenvolvimento urbano moderno do Brasil, afinal a configuração política e territorial brasileira é desenvolvida em métodos de tipo *exportação* e o que se tentou em determinada região pode ser implantado em outras do território nacional. As regras sociais do território estão diretamente nos padrões de segregação social e espacial e se dá em três formas distintas ao longo do século XX. A primeira parte se refere ao processo de distinção local de moradia em que cada grupo se concentrava em

pequenos locais distantes e segregados. A segunda parte, que vai dos anos 40 até os anos 80, era chamada de centro-periferia, no qual o centro concentrava toda a infraestrutura para que as classes média e alta desfrutassem, enquanto a classe baixa vivia em zonas precárias e distantes. A partir dos anos 80, os espaços começaram a se aproximar. O centro e a periferia aproximaram-se e com isso também as diferenças sociais, mas para manter as condutas padronizadas, as diferenças foram impostas por muros sobre as ruas das cidades, bem como com a separação de bairros privados – os chamados condomínios residenciais – incluindo as tecnologias de segurança por câmeras de monitoramento restrições de circulação em áreas comuns, essas criações dos *enclaves fortificados* (CALDEIRA, 2000, p. 211).

A referência *simbólica* do espaço público e urbano é fragmentada nas relações de vida pública, algo como que a cidade Moderna não é a realização ideal da universalidade. “Consequentemente, o novo padrão de segregação espacial serve de base a um novo tipo de esfera pública que acentua as diferenças de classe e as estratégias de separação” (CALDEIRA, 2000, p. 212). Esse processo de diferenciação na cidade faz dela sua fortaleza³³ entre as cruzadas por segurança e a destruição do espaço público. O cerimonial pertence àqueles que não têm um consumo sobre esses espaços que devem ser excluídos pois ter um espaço público é um chamariz aos sem-teto e aos vagabundos (seria o *gauche*?). O isolamento social parte da constante ofensiva na arquitetura para construções de templos de lazer e consumo, privatização e espaços moldados para serem preenchidos por qualquer fragmento de concreto, de forma a eliminar qualquer espaço que possa vir a ser utilizado como espaço público.

3.3 CONFIGURAÇÕES DE USO E SEU CONTROLE

As configurações de controle na cidade são a manutenção sistemática de diversos signos para as funcionalidades determinadas de usos. Os espaços são reservados para um uso legal e não na forma contrária de seu uso, o seu *contra-uso*, a norma que impõe um “código de conduta” nas relações sociais para apresentar a ordenação do espaço entre fronteiras legais e de ilegalidades.

33 Termo extraído do capítulo “Fortaleza LA” do livro de Mike DAVIS (2009).

Esse processo de uso a que me refiro é a parte mais ampla do debatido anteriormente. Se a sociedade já excluiu com o uso de poder legal para atribuição espacial, vemos que essa atribuição representa em um grande valor do processo de *Gentrification* sobre as políticas dos espaços abandonados e a sua reabilitação. Leite (2007) discorre sobre o processo de *Gentrification*³⁴ que são os espaços antigos da cidade que sofrem a degradação de inutilização ou simplesmente são objetos da especulação imobiliária. A renovação urbana (*gentrification*) é o princípio Haussmann de limpeza e pulverização das manifestações políticas, os lugares da cidade como sociabilidade de experiência. A intervenção no urbano é a estratégia política de manutenção de ordem e de imposição da ordem geograficamente no espaço urbano.

Também vemos aqui o processo urbanístico da década de 20, tão bem descrito por Jane Jacobs (2013) ao criticar o projeto urbanístico de Le Corbusier composto de vários conjuntos habitacionais luxuosos com restaurantes ao redor e área verde. Esse projeto estava diretamente proposto para uma circulação de automóveis, quase sem calçadas, em que os pedestres ficam dentro dos ambientes organizados e com mínimo contato com as ruas, a não ser através da passagem com o carro. Essas propostas urbanas fazem com que o uso dos espaços públicos sejam amplamente determinados, com funções reguladas por categorias sem a mistura social e dinâmica que uma cidade pode ter. A área verde poderia ser uma boa ideia para a atual situação da natureza no espaço urbano, mas ela não tinha (ou têm) essa função. Ela se baseia em uma nostalgia do passado em que a vida de campo representando uma delimitação do território da cidade. Como se trata de uma teoria para a prática urbanista, me interessa a crítica com que a autora se manifesta sobre as formas continuadas que as políticas urbanas têm apresentados desde os séculos anteriores. Jacobs (2013, p. 52) consegue mostrar que no processo de urbanização de cidades ocorre a prática de dividi-la em território. Essa cidade reurbanizada “despreza a função fundamental da rua e, com ela, necessariamente, a liberdade da cidade”.

A crítica aborda como o uso dos espaços das calçadas nas cidades tradicionais é composto por sua desordem e do complexo uso dos espaços que compõe os movimentos e mudanças que se referem a vida na cidade, na qual os

³⁴ CALDEIRA (2000) traduz esse termo como enobrecimento.

indivíduos e grupos se confluem em uma dinâmica ordenada. Não se trata de simplicidade de ordem, mas de como os elementos que compõem esses espaços provocam combinados efeitos sobre a cidade. Jacobs (2013) se refere aos usos das calçadas das cidades e sua dinâmica como princípio básico de um urbanismo que promove a integração da segurança pública e o espaço público.

Retomando as formações de uso, vejo que a centralidade e a formação da paisagem de poder se estabelecem no processo de centralização e reapropriação dos espaços da cidade, a partir da concentração do uso de determinada atividade. As políticas públicas fazem com que o uso desses espaços seja para uma apropriação determinada. A centralização reforça e forma a paisagem de poder. Isso é o conjunto do ambiente e a imposição de um modo social de uso com inscrições arquitetônicas e afirmação simbólica da camada social que tem o correto uso do lugar (LEITE, 2007, pp. 61-64).

Essa reestruturação dos espaços da cidade industrializada se apresenta com contínua articulação do ingresso do sistema capital na produção de seus espaços. A questão de modernização é o adensamento da cidade para diversas localidades na possibilidade de encontrar uma área para a produção de novos espaços. Esses processos tornam obsoletas as regiões no sentido do sem valor econômico. Isso significa que os negócios no modelo de urbanização não acompanham a estrutura pública de sua realização. A urbanização não é um modelo para a sociabilidade possível nos espaços urbanos, mas uma forma de ampliação hegemônica dos espaços.

O processo de fragmentação dos espaços para a “nova” urbanização é a sua reapropriação. Se no século passado a urbanização estava diretamente relacionada com a industrialização nos espaços da cidade, é nesse século que iniciamos os lugares industriais com uma nova transformação através de sua degradação e posterior valorização. Esse processo se baseia na expansão do território da cidade como estratégia de produção das novas fronteiras econômicas. A pressão das empresas sobre o Estado é grande, fazendo com que toda a operação sobre as leis de zoneamento seja negociada entre estado e empresas. O Estado agiliza a construção e formatação da região degradada para a construção de novas zonas residenciais. Em contrapartida as empresas realizam um “investimento” na infraestrutura da região como forma de compensação ao Estado por construir acima

do coeficiente permitido. Essa crítica está diretamente relacionada com a *Vida e Morte de Grandes Cidades* proposta por Jacobs (2013, pp. 258-263) pois a autora critica a forma da “poluição visual e auditiva” que causa o ordenamento do *mesmo tipo* de uso e mostra a necessidade das cidades formarem um grande espaço de desordem, sem imposições de distritos e restrições de uso. A cidade torna-se um espaço onde a diversidade gera usos desconhecidos e imprevisíveis e pode tornar o lugar desconhecido em espaços de experiências que *jamaiz* seriam descobertos pela ordenação de uso dos espaços.

Esse tipo de operação de ordenamento mascara um sentimento que produziu o desenvolvimento social da região. A população que existe nesses lugares acaba por ser excluída do processo de sociabilidade nesses espaços pois “as estratégias hegemônicas promovem um arrasamento da vida social desses lugares, revelando o aprofundamento da fragmentação do espaço e da vida cotidiana neles, impondo como conteúdo central da urbanização contemporânea da metrópole” (PADUA, 2015, p. 89).

A exclusão social é feita pela simbolização do consumo nos espaços. Essas condições impõem barreiras que definem o espaço de socialização e os direitos (leis) aos ritmos de uso dos espaços da cidade. São direitos que promovem a dominação das práticas socioespaciais na produção das relações cotidianas dos cidadãos, inscrevendo e formalizando os códigos de condutas através de práticas urbanísticas de muros e grades. Há também o uso de outro poderoso instrumento simbólico de segregação espacial e social: o controle legal, ou seja, o controle normativo em que se restringe o uso do espaço público ao mesmo *tempo* em que tenta promover a segurança pública pela lei de restrição ao espaço de cultura.

O engajamento político territorial é esvaziado, as distâncias de aproximação social são estereotipadas e criada com preconceitos, estar em determinado território da cidade é ser excluído da forma de seu “real” uso. A realidade construída pelos indivíduos é definida por suas experiências de uso e a dimensão política é a negociação por dominação. Tudo isso se passa diante dos discursos que se proliferam na criação dessas *novas* zonas residenciais, em que a imposição desses muros impõe um espaço reduzido para pedestres. Tanto nos condomínios verticais como nos horizontais, a criação de zonas de consumo interno faz com que a cidade esteja limitada. O condomínio é a sua *microcidade* dentro daquele espaço. É um

espaço fechado na própria cidade em que se vive, mediante o pagamento para a administração privativa do lugar e de um espaço determinado para convivência.

Trata-se de uma negação do direito à cidade, na forma de esvaziá-la e fragmentá-la em seus espaços. A vida urbana deve carregar as múltiplas possibilidades das conquistas dos indivíduos em sua história e emancipação. A cidade não é mais aquele espaço de socialização plural. Seus espaços são determinados para funções específicas e reguladas, pois o consumo nesses espaços é o seu cerimonial, revelando o espaço da cidade como sentido coagido para a realização social (PADUA, 2015).

A eliminação dos espaços e da padronização que provoca alterações na vida pública urbana se refletem nos espaços públicos através de formas antissociais com a tendência de privatizar esses espaços como o requisito único para amenizar suas possibilidades de usos. É a partir da determinação de condutas ou de códigos de comportamentos que vão desde roupas a serem usadas bem como produtos a serem consumidos que os espaços das cidades são restritos para a manifestação cultural e social. Como um exemplo, na cidade de Porto Alegre, a prefeitura cedeu para a iniciativa privada o Auditório Araújo Viana. Diante daquele espaço e do seu entorno, as empresas compraram painéis de publicidade que forçam as formas de comportamento e consumo de seus produtos, com ofertas que vão desde pedidos para que a juventude não abuse de drogas (tanto lícitas como ilícitas) até modelos de vestuário a se usar. O impacto dessas medidas sob as formas sociais é uma padronização dos indivíduos que podem permanecer e interagir nesse ambiente. Outro aspecto são as placas que sinalizam e estabelecem os horários normativos para utilização dos espaços públicos urbanos e que reforçam alguns argumentos, tal como o do Secretário de Segurança Pública do Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 2015, Wantuir Jacini, que justificou o aumento do número de violência contra crianças e mulheres como sendo o resultado da elevação de mulheres que estão trabalhando para prover para a família³⁵.

Assistimos a partir dessa globalização dos espaços a formação de uma *Cidade proibida* (DAVIS, 2009, p. 239), um local com formação de megaestrutura, e sistemas de circulação constantemente povoados. Essas aglomerações fazem com que o espaço seja determinado pelo uso específico da própria cidade e pela conduta

³⁵ <http://www.sul21.com.br/jornal/para-secretario-da-seguranca-mulheres-tem-parte-da-responsabilidade-pela-violencia/>

de uso. Davis discorre sobre o padrão de eliminar a circulação para fazer com que a mistura de multidão não seja possível, a não ser uma multidão selecionada e devidamente aplicada para seu correto uso. A sociabilidade e a igualdade social não são mais possíveis em uma cidade que estabelece e condiciona seu *real* uso.

Espaços culturais são regulados para a interação pública e a exclusão é mais viável do que a inclusão. A marginalização e a ilegalidade do uso são as estratégias públicas para conferir aos espaços da cidade o controle da(s) contracultura(s). A regulação pública é a causa da exclusão do espaço comum como espaço público. Se para utilizar determinado lugar há regras a serem seguidas, a imposição de regras também gera a transgressão. No entanto, transgredir é ser taxado de criminoso, é sofrer a repressão institucional e social.

Mostrando como uma distinção oculta, seja de pensamento, ações ou ideias, esses arranjos tornam o estabelecido como habitual sobre as culturas, hábitos e sociedades. A ideia de contrapor a realização afirmativa das identidades culturais das culturas urbanas mostra que a manifestação da cultura contemporânea nos espaços se torna uma imagem de afronta ao estabelecido naquele espaço. O elemento simbólico dessa linguagem adquire associações aos opostos no contexto que vivemos e experienciamos o ambiente, o espaço, os usos e as cidades. Estabelecer fronteiras é convencionar e reconhecer que os outros não se encontram no tempo e lugar do espaço.

O elemento simbólico envolvido nos contextos culturais das cidades metropolitanas aponta para variações de suas expressões e comunicações. Tornam a experiência dos espaços e seus usos em verdadeiros elementos de suas associações “não-convencionais” aos contextos que aparecem no próprio uso desses lugares, tornando-se sua extensão de uso ou seu contra-uso.

3.4 A EXPERIÊNCIA URBANA COMO CONTRA-USO

O *contra-uso* do lugar está diretamente ligado ao engajamento de se ir contra a organização do modelo de utilização dos espaços da cidade, criando uma prática transgressora. Trata-se de ir contra a organização social da cidade sem que se esteja limitado nas interações entre os indivíduos no mercado de troca e consumo. A

construção de um conhecimento compartilhado de uso e *contra-uso* é a experiência humana de um envolvimento cultural e espacial da cidade.

Como experiência de um espaço cultural no espaço urbano, o *contra-uso* é o transitório ao uso apropriado e impõe a comunicação do indivíduo ao seu estranhamento consigo e o outro em uma sociabilidade, fragmentação e instabilidade da cidade e do território contemporâneo. Tratam-se de reflexões sobre as atividades criadoras entre transformação, simbolização e imaginário através do imobiliário e dos equipamentos disponíveis no espaço urbano. Essa é uma experiência que implica na manifestação de sua arte de fruição no espaço e tempo contra os símbolos e figuras que determinam a organização do espaço na cidade. Os *contra-usos* dos espaços movem a cidade para uma possibilidade de reconfortar os próprios significados de uso da cidade. Seja na forma de pichação, no andar de skate ou de bicicleta, no correr ou no vagar sem rumo. Persistir no *contra-uso* da cidade é retornar ao território para que esse seja um local de sociabilidade e não mais uma função de uso de força do controle social para a limpeza social, em uma sociedade cada vez mais exclusiva ou, como Lefebvre (2001, p. 117) afirma, o direito à cidade na insurgência de anunciar “indiretamente, como tendência de fugir à cidade deteriorada e não renovada, à vida urbana alienada antes de existir ‘realmente’”.

Pela *gentrification* se tem o processo de realizar a privação relativa do uso e consumo dos espaços decorrentes da reurbanização da metrópole, locais onde a degradação urbana está relacionada com a degradação humana. A separação invisível da cidade se encontra na afirmação de que *ser pobre é ser criminoso*, o que ultrapassa sua própria significação. Como Wacquant (2008, p. 88) aponta, o gueto e sua “poderosa *máquina de identidade*” contribuem para um espírito de rebelião e excentricidade cultural que fascina todas as classes sociais.

A integração desses atos são as possibilidades de afirmações em uma cidade que inclui e separa seu limiar. A sociedade é separada entre quem pode consumir e quem não pode consumir, enquanto as agências de controle estatal se apropriam dessas afirmações para que o processo de especulação imobiliária possa ser condicionado. O aumento da criminalidade é apresentado como a degradação do espaço urbano e assim a criminalização avança com forças nesses lugares e a força de controle social é totalizada.

O controle da cidade pelo poder legal caracteriza a *violência* na composição dos espaços da arquitetura moderna, em que se cria novos espaços enquanto se segrega os velhos, ao mesmo tempo que o direito à cidade é posto como abstração de uso dos indivíduos que estão inscritos nesses espaços de sociabilidade. Na ânsia de utilização e morte desses espaços surgem as emoções compartilhadas pelas diversas subculturas e suas identidades locais ou a composição de seu *não lugar*, traçando novas rotas e artes que reivindicam direitos em uma constante *transgressão* da ordem imposta. O seu não lugar é a indefinição do identitário, relacional e histórico que a modernidade promove no estranhamento do indivíduo (AUGÉ, 1994)

O *contra-uso* do espaço situa-se em cada uma das apropriações com suas novas atribuições. Transformar o espaço é formar novos reconhecimentos sociais no contexto de mudanças no uso a que se destina. A construção do uso, correspondente na apropriação do *contra-uso* do espaço é sua reprodução arquitetada diante da manifestação cultural nas ruas da cidade. Legitimar essas fronteiras que estabelecem o uso dos espaços públicos urbanos pode vir a significar a criação de espaços culturais imprevistos, livres dos controles da configuração sociais, no que Jacobs (2013, p. 440) atribui à necessidade de promover usos diferentes entre as ruas e os planos arquitetados pelo urbanismo para evitar a monotonia da cidade. Evidente que a autora está se referindo às estratégias a serem adotadas pelos arquitetos e urbanistas. Já na nossa proposta de *contra-uso* a sua manifestação a partir da cultura urbana explora, inscreve e circula nos espaços das cidades.

A gestão do usos dos espaços é um dos poderosos processos de sintetização da violência e sua significação nos espaços culturais das cidades que se organizam sobre a exposição corporal em que a violência é mais sentida de forma simbólica do que na sua real experimentação. Lucas Melgaço (2010) na tese de doutorado sobre as formas de securização urbana analisou os espaços urbanos como uma formação de militarização, como tendência de construções de espaços urbanos na segregação espacial, isso é na forma como as mudanças na arquitetura da cidade ocorrem em razão ao medo da violência irreal em processos de securização. Essa é a composição nas psicoesferas do medo, nas quais o medo é distribuído na modalidade da violência irreal no cotidiano vivido para “promover um controle

indiscriminado das ações e movimentos, uma verdadeira disciplinarização dos corpos” (MELGAÇO, 2010, p. 108).

Assistimos as modificações dos espaços urbanos e das estruturas de controles que usam câmeras de segurança (vídeo monitoramento), luzes de presença, identificação de disparo de armas de fogo, entre outros. Esses são os elementos presentes para combater a violência e o crime nos espaços das cidades contemporâneas. A construção e a presença dessas tecnologias também são estratégias de controle e vigilância que caracterizam a exclusão e repressão social. Para Hayward (2004), a proliferação dessas práticas para “mostrar” segurança com exclusão são o clássico exemplo da moderna disciplina de segurança que recaptura o espaço de perigo para sua forma e função. Mais precisamente, ao apresentar os ambientes controlados por essas tecnologias, operam a *inclusão* do espaço (o espaço de uso) não a exclusão, pois promovem e moldam as condutas nesses perímetros para *dentro* e não *fora* do perímetro. Os efeitos dessas estratégias de segurança são exemplos que ocorreram nas cidades desde o século dezenove como as condições de higiene disciplinar e a vigilância cívica (HAYWARD, 2004, p. 139).

Se a vida nos espaços urbanos tem essas possibilidades de compreensão sobre as variedades de problemas que exclui e também inclui, o controle sobre as formas sociais e espaciais devem ser analisado e contestado em suas configurações sobre o espaço cultural e as resistências grupais para contestar a cidade e seu direito para a abertura da esfera pública democrática.

Encontrando as desigualdades sociais como uma das características marcantes da sociedade brasileira, a sociabilidade nas cidades diante a criação dos *enclaves fortificados* que Teresa Caldeira (2000) relata e Sennett (2014) argumenta como declínio social, exercem com a mudança estrutural dos espaços públicos a força dominante dos espaços privados estabelecem seu espaço físico e social. Contestar as negativas de realizações práticas nos espaços urbanos envolve a análise de sua possibilidade que surge em *contra-uso*. Ou seja, surge como resistência urbana contra a opressão de classes e na hegemonia cultural que se transformam diante dos espaços públicos que “acabaram sendo relegados à concisão de territórios abandonados, percebidos como áreas de tensão e perigo” (CALDEIRA, 2012, p. 33) ou como bem descreve Lefebvre (2001, p. 118):

Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retomar à tarde o mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte.

Isso passa por um reconhecimento da imposição que as autoridades empregam no tradicional controle social para eliminar os diferentes aspectos que o uso dos espaços públicos pode apresentar em suas inscrições sobre a cidade. As transgressões realizadas nesses espaços não causariam espantos se as autoridades públicas aceitassem essas manifestações culturais sobre o espaço público.

Enquanto o controle social é direcionado para os espaços públicos na intensificação dos esforços padronizadores de uma sociedade cada vez mais plural, não conseguiremos uma compreensão crítica sobre os padrões mais amplos das relações entre os grupos que utilizam os espaços urbanos como ação criativa das suas identidades em busca de um estilo de vida alternativo. Analisando a *parafuncionalidade* dos espaços, Hayward (2004) diz que são espaços o local onde as estratégias de controle foram “abandonadas” na tentativa de moldar o tempo e o espaço, em que objetos materiais de descarte são empilhados e acumulados. Esses espaços parafuncionais já não seguem a *lógica* de controle moderno já que são espaços sem significado para a cidade.

These functionless, evidently non-modernist, parafunctional spaces also represent the exact opposite of discipline. Not only do they lack any formal surveillance mechanisms, they are also typically devoid of any mechanical or human systematized watching. In short, parafunctional spaces represent the abandoned, anonymous and seemingly meaningless spaces within our midst - the places on the (metaphorical) edge of society (HAYWARD, 2004, p. 140).

Esses espaços de parafuncionalidades são *verdadeiros* espaços onde o skate encontra seus momentos de possibilidades insurgentes na cidade. Veremos mais sobre esses espaços em associação com o skate nos capítulos a seguir. Um dos principais desafios no uso dos espaços pelos skatistas está na própria concepção de uma arquitetura hostil promovida pelo urbanismo. O artigo publicado pela Revista

on-line “Outras Palavras”³⁶ reforça os argumentos sobre o direito à cidade em que a visão de alternativa de seus espaços descrito por Lefebvre (2001) são reflexões para redefinir as formas, funções e estruturas da cidade em suas relações econômicas, políticas e culturais das necessidades sociais inerentes à sociedade urbana. Essa gestão dos usos dos espaços públicos torna significativo o controle das culturas urbanas na gestão de seus usos, para intencionarem seus elementos simbólicos básicos, de reconhecimento ou representações.

Retomando as características dos espaços de parafuncionalidade é como apresentamos a *Dogtown*. Na tentativa de moldar uma cidade moderna, delimitada e segregada, as suas formas contemporâneas de cidade foram exploradas pelo skate ao usar os diques de água que secaram, as piscinas e as ruas que produziram espaços vazios. A parafuncionalidade aborda esses espaços, bem como os objetos descartados nesses lugares, tais como sofás, pedaços de madeiras ou outros objetos que a população se desloca de um ponto da cidade e encontra esses locais desprovidos de vigilância sanitária e controle das normas de civilidade.

Isso mostra que até hoje os mecanismos institucionais de controle social não se mostraram efetivos em sua função de eliminar e moldar as normas de condutas sociais e do crime. O efeito foi o *contrário*, estimulou as culturas de resistências nos espaços públicos urbanos e revigoraram as identidades culturais. A partir disso devemos realizar uma conexão crítica entre os elementos que hoje definem as culturas transgressivas nos espaços de *contra-uso* e que oferecem o desejo de oposição às restrições institucionais dominantes como manutenção social e cultura de ordem, para que seus estilos de resistências não virem um fetiche de moda. Como Hayward (2004) assinala, é preciso encontrar uma religação entre espaços e usos com seu *contra-uso*.

To re-link 'space' and 'use' in one unequivocal functionality is thus a project of semiotic disambiguation - the attempt to close down an object/place's spatial reference so that it has only one unique meaning. Seats are *only* for sitting on, not for sleeping, skateboarding, partying or busking on. Under this rubric, controlling crime becomes as simple as mapping place, function and meaning, so that the rational utility-seeking subject no longer has to deal with any form of complexity whatsoever. However, as anyone who takes the time to walk or cycle through the city will surely tell you, city spaces are rarely, if ever, equivocal (HAYWARD, 2004, p. 140).

³⁶ <http://outraspalavras.net/posts/arquitetura-hostil-as-cidades-contraseres-humanos/>. Acesso em abril 2016.

Lefebvre (2001, p. 77-78) indigita que o momento crítico ao redor do processo de urbanização é um período em que a transformação da urbanização da cidade urbana é golpeada por descontinuidades da estrutura social, baseada na troca que a sociedade urbana anuncia no conjunto da disposição do território, na industrialização e na urbanização em escalas globais como “aspectos essenciais da ‘socialização da sociedade’”. Na distinção entre esses pontos sobre o espaço da cidade, a cultura não deve ser uma invenção nesses espaços de usos. Ela é o seu contra-uso e está prescrita em sua própria necessidade de devaneio ao analisar seus significados nos espaços das cidades contemporâneas, ou seja nas necessidades culturais que a sociedade demonstra a partir do que as suas culturas exprimem livremente com suas perspectivas sobre e através das modulações do cotidiano urbano (LEFEBVRE, 2001), tal como os ciclistas, skatistas, corredores e motociclistas que têm desafiado as aplicações contestadas das leis em cada cultura urbana que se manifesta coletivamente e transforma as ruas em um festival de identidades culturais, como veremos mais adiante com a leitura dos skatistas nos espaços da cidade.

Nesse trabalho, não estamos constituindo o “contra-uso skatista” conforme Nelson Diz e Luciano Hermes da Silva (2014)³⁷ pretendem argumentar como sentidos de espaços subutilizados pela cultura do skate para ressignificação material e simbólica daquilo que se apresenta como aspecto oposto simbolizado. O contra-uso exposto aqui é enquanto símbolo usado de modo não convencional de suas propriedades físicas ou semiológicas. Outra ordem de ressignificação do uso dos espaços públicos é apresentada entre as diversas culturas urbanas pela *arte* como fruição e drama de meditação sobre a vida e da sociedade urbana (LEFEBVRE, 2001, p.116). Significa que sua invenção cultural (devaneio) é o ato e a forma de inspiração ao apreender e descobrir seus diversos significados de usos pelos contra-usos que possam figurar entre umas e outras.

Veremos mais sobre esse tópico no capítulo a seguir, entre questões que envolvem um deslocamento pelos espaços das cidades pelos skatistas e alguns símbolos que representam a si mesmos e outras culturas urbanas como o "pixo", o hip-hop e o grafite que são formas temporárias de apropriação do tempo e do espaço nos quais as forças culturais são capazes de mostrar a transformação dos

³⁷http://www.cbq2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403971542_ARQUIVO_ArtigoCBGFinalizado.pdf

espaços através de atividades de livre fruição da cidade. Fala-se de atividades insurgentes sobre o espaço que impossibilitam o domínio das culturas, a uma vez que a ciência juntamente com a arte apresenta as características que marcam as épocas, pois nos espaços plurais das cidades “o coletivo é diferenciado ao mesmo passo que o individual é coletivizado” (WAGNER, 2015, p. 125).

Ele age em conformidade explícita com um ideal ou uma expectativa coletiva quanto ao modo como as coisas ‘devem ser feitas’, construindo seu contexto segundo linhas que correspondem a uma imagem compartilhada do moral e do social. Pode-se descrever sua ação dizendo que ele “segue as regras” ou tenta explicitamente ser moral, mas de modo ele coletiviza sua ação. Isto é, ele controla seu ato de acordo com um tipo de modelo que significa a “conjunção” de sociedade e moralidade, construindo consistência e coesão social (WAGNER, 2015, p. 129).

O controle e o seu efeito como aspecto principal para caracterizar o contra-uso dos espaços estão na própria ação humana cultural que se diferencia de seu modo de agir e importa em seus momentos que simbolizam contra, ou conjuntamente, os aspectos convencionais de usos. A percepção é inerente à ação humana e está nas consequências motivacionais da invenção da cultura. Assim, ao partir dessa exposição, a análise dos skatistas na cidade é a questão para tecer os aspectos com que a sua cultura enfrenta espaços de sociabilidade cada vez mais restritos e privatizados.

Portanto, as ações de skatistas entre os aspectos de contra-uso dos espaços segue o contexto de ampliar a função coletiva de sua ação, transformando os espaços das cidades com suas performances desafiadoras entre si e as barreiras que a arquitetura da cidade impõem sobre as formas culturais que asseguram e afirmam uma existência de separação. O *status* no modo de pertencer ao direito à cidade como visibilidade das expressões culturais nos espaços públicos urbanos. O contra-uso se torna um ambiente recriado esteticamente nos espaços das cidades, seja em sua cultura, seja como ação moral de seus grupos que resultam em modos diferentes de pertencer às convenções ordenadas no mundo cotidiano.

4 CIDADE, SKATEPARK – ALÉM DA ESQUINA: ETNOGRAFIA DA RUA, DOS ESPAÇOS

Ao analisarmos a cidade, seus espaços e representações presentes nas suas estruturas a partir da cultura nos espaços públicos contemporâneos, possibilitamos que a pesquisa avance em seu olhar etnográfico com os diversos temas para a compreensão do fenômeno urbano. Desses pressupostos encontramos a perspectiva de uma etnografia de rua, dos espaços onde temos a possibilidade de *encontrar* o cenário em que a globalização molda as estruturas urbanas e consolida suas dinâmicas culturais.

Esse plano de pesquisa identifica os skatistas em seus locais de encontros, trocas, dinâmicas, arranjos e trajetos, sendo estes os meios dos quais os skatistas participam com sua experiência da emergência cultural que significativamente apresenta os espaços urbanos em um “novo” modelo de interação pública. A invenção criativa da cultura no contexto a que se estendem as formas técnicas, as regras em momentos particulares, ou as não convenções resultam na ampla produção da cidade sobre nossas formas de socialização e seu processo de constituição da sociedade em seu espaço determinado, compartilhando as expectativas de controle e de culturas dentro das ações prévias a que estamos associados. Como afirma Magnani (2002, p. 17):

É neste plano que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamentos, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.

Essa etnografia de espaços produz a modalidade que Magnani compreende como de *passagem*. Ao percorrer a cidade e seus espaços em encontro com os personagens, hábitos, conflitos e expedientes que encontramos nas relações de cidadão, percebe-se a coletividade dos espaços públicos urbanos e como são criados no contexto cultural que não se enxerga pelas características sociais e culturais. Estes elementos etnográficos possibilitam construir um modelo de análise dos códigos sociais que transformam suas expressões culturais para dentro do contexto de suas ações nos espaços das cidades ou como Magnani (2002) chama: as *manchas*. Pensa-se assim essas ordens culturais que são deslocadas do

binarismo entre centro e periferia, em compleição de áreas contínuas do espaço urbano. Deste modo, as diferenças culturais presentes no cotidiano geral adquirem funções de circulação (*pedaço*) dos pedestres, dos carros, do consumo e da ordem permitem observar práticas que nesses espaços se apropriam e estabelecem relações de regras e sociabilidades. Forma-se um processo de cidade globalizada e o espaço que opera indiretamente sobre a manutenção da ordem cultural.

O lugar é identitário, de inscrição e relativo ao espaço. No entanto, nesse espaço, o lugar não tem como afirmar ou definir o identitário, a inscrição e a relação espacial, já que a cultura globalizada promove nesses não-lugares ocupações a-históricas. É à medida que a cultura se inventa em seus espaços que ela é um desenvolvimento identitário dos lugares, seja como passagem ou espaço de pesquisas antropológicas. O não-lugar é o lugar além de sua forma pura, que se recompõe e reconstitui o processo de inscrição, identidade e relação a que os espaços são convertidos nas cidades através das ruas, calçadas, prédios, objetos e carros (AUGÉ, 1994, p.73).

O espaço em pesquisa a partir da experiência urbana tem na cidade a orientação coletiva da própria cultura particular. A cultura urbana do skate se manifesta em um caráter convencional da sua *contra-invenção* por meios dos controles que a diferenciam. O skate se desponta em sua visibilidade de atos que atuados como transgressivos se oferecem como pertencimentos criminosos ou de não-pertencimento, nos quais a sua invenção motivadora o coloca como uma cultura transgressiva nos espaços públicos urbanos. O cotidiano e os processos de invenções culturais se expõem nas tensões entre as dialéticas sociais e culturais de apropriações diferenciadas em um mesmo território urbano. A cidade globalizada, “vívda e representada por sua dimensão plural, híbrida e multirracal, se (re)apresenta, então, como verdadeiras manchas que se interpenetram na intencionalidade das ações de seus atores e seus agentes [...]” (ROCHA; ZIMMERMANN; NUNES; KUHN JR; PEDDE, 2016).

Nos espaços públicos apontamos a visibilidade do aspecto que coloca uma barreira imaginária e simbólica que foi ultrapassada pelo andar de skate. O seu modo de significado não quer dizer que a cultura do skate nos espaços públicos tenha uma diferenciação deliberada contra outros aspectos de sua ordem coletiva nos espaços públicos das cidades globalizadas. O skate faz nesses ambientes as

suas motivações não ao estabelecer sua ordem cultural, mas ao perpetuar sua invenção além das tradições através da continuidade cultural da sua mudança que amplia as percepções de linguagem, espaço, tempo e imagem. O skatista através de sua individualidade e do seu particular³⁸ sobre o mundo retém e reconhece os seus aspectos através de sua malha, ou rede, a que se desafia entre os espaços públicos. Estamos pensando na relação com a cidade, em que os espaços públicos sustentam e orientam nossas relações convencionais e em que mantemos essas orientações para efetivar a experiência urbana contemporânea.

A motivação abrangente na cidade e no skate em seus contextos convencionais apresenta o espaço público apenas enquanto forma econômica vazia para a construção da dinâmica cultural urbana contemporânea, tal como na análise de Magnani (2002), na qual a construção de um olhar antropológico sobre estudos das cidades pode nos fornecer uma compreensão das práticas envolvidas e contestadas nos ritmos do *skateboarding*. Na articulação dessas distinções convencionais, a cultura opera a dialética procedimental de um todo identificado para se tornar progressivamente mais distinta e independente, constituindo a sua individuação, na qual a invenção pode atuar na experiência dessa individuação, motivando os enigmas da convenção que criamos a partir da ação do mundo que sustenta a estrutura da vida pública. Aqui se envolve muito mais do que uma equação para distinguir as estruturas presentes nas culturas urbanas. Cogita-se uma relação maior, em comum, com todos os mecanismos de interação entre a sociedade e a cidade, considerando o espaço individual e coletivo da “cultura” na sua invenção formada em cada uma das estruturas coletivas de suas experiências com o outro no espaço dessa relação. Esse *olhar de perto e de dentro* é o que possibilita a etnografia dessa cultura urbana em sua experiência de transitar/explorar a cidade, estabelecendo seus encontros, lazer e cultura. É a observação desses dois momentos e dois atores que compõem a cultura no espaço: o skate e o cenário da cidade.

Ao realizar a leitura anterior sobre a cidade moderna/contemporânea, há a possibilidade de se encontrar essa expressão de estilo de vida na qual a sociedade é impactada pelas mudanças estruturais e sociais. Em um artigo sobre skate, Snyder (2011) realizou uma pesquisa sobre a subcultura da atividade na cidade de

³⁸ A experiência urbana do skatista com o ambiente espacial onde realiza o ato de andar de skate.

Los Angeles (EUA), no ano de 2008. Durante essa pesquisa ele usa a teoria da subcultura para explicar a formação da carreira de skatistas. A forma como um skatista se envolve com o ambiente urbano e o uso do espaço para despontar como um emprego. Assim, os skatistas são submetidos a diferentes desafios para realizarem vídeos e fotos que serão disponibilizados para revistas especializadas de skate, apresentados como propaganda dos patrocinadores (roupas, tênis, bebidas).

É provável que os skatistas sejam definidos como um grupo de jovens que promove atos ilícitos nos espaços das cidades. Isso é reforçado com um estigma de que suas estéticas corporais que estão disponíveis como atividades criminosas ou como atos que reforçam essa identidade, já que o consumo de álcool e drogas ilícitas, mais o “vandalismo” do andar de skate são instados para a cultura juvenil.

O termo subcultura usado por Snyder (2011) para explicar a carreira de um skatista, se assimila aos enclaves urbanos criados pelas políticas públicas e econômicas que ocorreram na cidade de Los Angeles. Muitas dessas formas levaram a criação de alguns parques para a utilização do skate, fazendo com que a relação do skate com a cidade se desse na figura de um passatempo, assim esvaziando suas responsabilidades de interação social entre skatistas e a cidade. Ressalta-se ainda que o skate em locais públicos de Los Angeles é proibido e criminalizado. Os skatistas devem se utilizar de espaços construídos pelo poder público ou pela iniciativa privada para sua prática.

Diante disso a subcultura do skate promove alguns atos que “forçam” skatistas a desafiarem os espaços das cidades como alternativa de sustento em suas carreiras. As imagens que os skatistas realizam com as filmagens ou fotografias de suas habilidades em diversos pontos dos centros urbanos é um processo de produção profissional dessa subcultura que tem como pressuposto a designação e distribuição do skate como produto da cultura urbana, criando oportunidades de carreira aos participantes dessa subcultura.

A questão da subcultura mostra como a cultura que tenta “espalhar” seu ato como vandalismo nos espaços das cidades, não se mostra afirmativa pois, conforme Snyder (2011) compreendeu, ao atrair mais pessoas para sua subcultura o skate fornece uma oportunidade de carreira para esses indivíduos.

Nessas observações considero que, pelo tempo que os skatistas se localizam em diversos lugares, eles visam a apropriação temporária dos espaços e não uma

dominação. Os gestores públicos associam com frequência o uso do skate com o vandalismo e por isso constroem pistas públicas. Na teoria subcultural, o vandalismo está nos significados diários utilizados pelo discurso público e as políticas públicas, além dos argumentos que retratam cada subcultura transgressiva como um “mal”, máfia, hiperativo, primitivo e/ou selvagem. Assim essa fundamentação aponta que o significado do humano desviante – na cultura – está em os diferentes desvios sociais que representam específicos problemas e soluções (FERRELL, 2001).

Devemos aqui retomar o estudo dos skatistas em análises para descobrir as hipóteses sobre o observar as cidades com suas teorias e evoluções sociais. Testá-las através da análise de problemas para expor e avaliar essas hipóteses. Magnani (2002, p. 18) considera que a etnografia de *passagem*, ou de rua como propomos, desenvolve o recorte analítico construtivo do enfoque da antropologia urbana, “diferenciando da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia”. Essa estratégia permite a descrição sobre os espaços em seu nível organizacional da cidade tardo moderna. A pesquisa de campo configura para a ampliação de compreender o outro dentro dessa visão do mesmo.

4.1 SKATISTAS NO SENADO FEDERAL

Apontei nesse trabalho algumas situações em que o Brasil passa em termos de protestos e investigações contra sua classe política. Igualmente, no início da realização das pesquisas de campo, com a ajuda da Rede Social *Facebook*, essas reconfigurações dos espaços mostraram a que estamos sujeitos nesse mundo globalizado. Os espaços do corpo sanguíneo alcançam os espaços do corpo digital.

Em 12 de maio de 2016, o Senado Federal brasileiro afastou a presidente Dilma Rousseff, eleita em 2014. Em meu *Facebook* compartilhei uma foto montagem na qual os skatistas estavam “andando” dentro do Senado, com o título de “Senadoskatepark eu apoio”.

Imagem 07 – Figura 03



Fonte disponível em: <https://www.facebook.com/vitorpamplonal/posts/10206561471011557>

A ideia era a mesma que o *post* original dessa foto. Mostrar que a subcultura do skate poderia dar um melhor destino para as funções dos políticos. Há nesse sentido um momento de anarquismo, mas sem se referir às condições políticas dos skatistas.

O compromisso de invenção cultural no espaço virtual tem uma profunda relativização da convenção, salientando um problema quando a *relação entre elas* apresenta esforços pessoais como objetificação das situações coletivas. A minha afirmativa parte do princípio em que as pessoas apoiavam a saída da presidente, via impeachment, condicionando o grupo contrário como pessoas de “esquerda” e eles de “direita”. Pois bem, essa simples montagem foi o suficiente para perceber que os skatistas e sua cultura são apontados como pessoas de “esquerda”, marginais que querem *vandalizar* o Senado. Mantive a discussão no *post* para tentar compreender *onde* está caracterizada essa afirmativa sobre os skatistas. Não encontrei, mas percebi a presença de termos como “não respeita o próximo”, “a família”, “a escola” e “o país”.

Acredito que tal conflito seja motivado pela questão de personalidade em que a vida pública é colocada na preocupação da cultura. Ou seja, a sociedade constrói seu modelo de vida em torno desse mundo interpretativo, o qual *objetifica* suas ações e controles. Ao enfrentarem os espaços onde a visibilidade do outro não pode ser controlada, coagida ou prevista, a segurança de nossas ações deve partir para o momento que possa justificar essas distinções sociais. A perda de “poder” sobre o

indivíduo urbano, entre os novos espaços a quais estamos sujeitos, impõe à preocupação coletiva de moralidade como controle e interpretação social. Ou, como acusamos no aspecto de *contra-uso*, o controle normativo se desloca para o espaço de interação pública, já que a Rede Social se torna o local de interação.

A cultura, como invenção que constitui o espaço, não tem como discipliná-lo e controlá-lo. A conexão que a convenção faz entre as diferenças sociais invoca a motivação pessoal para romper com a ordem moral da sociedade. Skatistas produzem seus atos *coletivizantes* além dos controles convencionais. Por isso que a discussão tentou motivar a adequação de sua cultura como capacidade de executar uma maneira de alcançar e sustentar os problemas sociais na sociedade. Consiste-se de questões de diferenças culturais que não se adequam ao espaço.

4.2 SKATE, MARGINAL!

No Brasil há um programa de televisão que acompanha diversos grupos de skatistas nos *picos*. Esse programa passa com exclusividade no canal por assinatura *Off*. Chamado de “Programa Olho de Peixe”³⁹, ele acompanha principalmente skatistas brasileiros em diversos locais do mundo, fazendo com que a divulgação do skate esteja disponível para skatistas e simpatizantes. Um dos principais meios de gravação desse programa é a exploração da cidade. Os skatistas não são filmados, exclusivamente e principalmente, em pistas destinadas para a prática do skate. Os *videomakers* e fotógrafos acompanham os skatistas no dia-a-dia, contando sobre os principais locais nas cidades em que a prática de skate pode ser explorada.

Ao assistir a esse programa e com a interpretação feita por Snyder (2011), é possível observar que a questão de classe – seja da favela, da classe média, trabalhadora, ou da pobreza urbana – não é um fator determinante para despertar o talento do skate ou o suporte familiar. A tecnologia do mundo moderno tem um impacto sobre a juventude que ao acessar um vídeo, fotografia ou ao observar um skatista na rua, tem acesso às oportunidades para construir uma carreira como skatista.

³⁹ <http://www.programaolhodepeixe.com/site/>

Podemos considerar que esse é o momento em que os skatistas estão reafirmando diversos códigos nos espaços urbanos. A ascensão de uma prática subcultural nos espaços da cidade mostra como as autoridades e as políticas públicas estão mais interessadas em intervir nas subculturas para estigmatizar seus comportamentos e lugares. A situação estética pessoal não é mais um componente objetivo de sua subcultura, mas sim tratam-se de ações e locais de pertencimento que os definem como *indesejáveis*.

A apropriação temporária, ou sua passagem, é mal vista pela população. Para realizar uma incursão de campo, Rasta me enviou uma mensagem avisando que vai saltar da escadaria da igreja Nossa Senhora da Conceição em Viamão/RS. Não há nenhum registro de que algum skatista já tenha realizado esse salto. O dia está excelente, um pouco frio, mas com sol, o que possibilitava boas fotos. Fomos em um grupo de quatro pessoas, caminhamos pela praça e tiramos fotos. Aguardamos para “ganhar” confiança. Rasta sobe [caminha com seu skate] até a frente da igreja, analisa a possibilidade de erro da manobra. Então, ele se prepara para saltar, mas acaba caindo do skate. Faz uma nova tentativa enquanto senhoras que saíam da igreja conversam conosco e incentivam a fotografia. Elas presumem que estamos realizando o registro *da Igreja*. Elas não viram o skatista.

O barulho do skate atrai o olhar de jovens que aguardam o desfecho do salto. Os comerciantes se postam nas portas de seus estabelecimentos com “cara de poucos amigos”. Percebo que não gostaram de nossa presença. Rasta salta e consegue.

A foto não ficou legal. Ele volta e eu percebo que o segurança da igreja observa Rasta pela janela. Ele devolve o olhar e com educação pede para tentar saltar novamente. O segurança concorda, mas o salto não é completado. Mais uma insistência enquanto o segurança olha firme. Pedimos licença e com a concordância realizamos a última foto. No entanto, precisávamos de mais três saltos para acostumar o skatista e o foco.

Era meio de semana e o espaço público que integra a escadaria da igreja é usado pelas poucas pessoas que vão realizar suas preces. Este espaço público fica constantemente vazio e sem circulação da população durante quase todo o tempo de nossas rotinas diárias.

Saímos a caminhar, rindo e parabenizando Rasta pelo salto realizado. Os comerciantes mantinham olhares firmes de desaprovação. Pode-se considerar que a subcultura do skate emerge como forma de resistência à hegemonia cultural e à imposição de formas de condutas dos seus praticantes, do estilo de vida dissimulado e das condições regulamentadas para andar de skate. O resultado é o conflito da invasão dos espaços pelos skatistas para que a subcultura seja desenvolvida de forma imaginativa e os lugares de uma forma ilícita com significado espacial (FERRELL, 2001).

“Skate é crime e vai continuar sendo. Ele é *Rock 'n' Roll*, não é modinha, é *destroyer* e radical. Se tiver que criminalizar como fizeram em São Paulo, que seja!” Assim Funeral terminou nossa conversa. O sentimento que apresentou o skatista mais jovem que encontrei mostra que a resistência à indústria cultural está presente no grupo skatista, não somente pelos visuais, mas pelas posições anárquicas. Eles não querem que a sociedade molde neles os padrões culturais midiáticos, não se veem como um produto a ser idolatrado. Isso reflete que as injunções proibitivas das atividades nos espaços públicos das cidades sobre as subculturas estão diretamente relacionadas com a teoria da formação das classes perigosas.

A mídia tenta passar a imagem de uma cultura ilícita, como podemos analisar nessa capa da *Revista IstoÉ* de 01/05/2013, edição 2267:

Imagem 08 – Figura 04



Fonte: capa revista “IstoÉ”

A capa retrata um skatista marginal, representado pelo porte de uma arma em punho e as roupas sem nenhum logo de marca, com um moletom canguru na cabeça escondendo seu rosto. Essa publicidade levou a própria confederação brasileira de skate (CBSK) a divulgar uma nota condenando esse tipo de atitude da mídia⁴⁰. A nota mostra o tamanho da indústria do skate e o volume de negócios gerados por ela, em uma tentativa de apresentar o skate como um esporte que tem impacto no sistema financeiro mundial e minimizando a sua imagem transgressiva ao mostrar que o skate é um trabalho e tem mercado.

Contudo, o significado com que a mídia tentou retratar esse skatista é um sentimento do qual os skatistas se apropriaram como significado subcultural. A formação das subculturas com a estratificação social é um misto de moralismo com descrição, sem omitir a teoria. Uma abordagem maior dessa filosofia tem início entre os anos 1950 e 1960, com os trabalhos de Albert Cohen e Richard Cloward (no campo da delinquência) e Gresham Sykes e Erving Goffman (estudos sobre as instituições totalitárias) (FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008). Esses estudos apontam para as características que a subcultura tem na sua organização entre a circulação do legal e ilegal e nos processos de significação cultural que atuam e existem nas sociedades capitalistas.

Mencionamos esses trabalhos surgidos nos anos 50 como os pressupostos das respostas aos problemas das minorias marginalizadas em suas estéticas culturais, em que condicionam o delito como uma opção coletiva do grupo subcultural. A delinquência é resposta e solução cultural compartilhada para os problemas criados pela estrutura social. As políticas públicas se envolvem entorno do policiamento e do controle dos espaços públicos que está direcionado para a formação cultural que se manifesta nos diversos níveis de interação comunitária, fazendo com que a noção de subcultura no desenvolvimento da teoria subcultural esteja claramente ligada ao desenvolvimento da noção de cultura como antropologia cultural e social.

Deviant behavior is viewed as a meaningful attempt to solve the problems faced by an isolated or marginalized group; it is necessary, therefore, to explore and understand the subjective experiences of subcultural members. Culture in this anthropological sense constitutes the innovations people have

⁴⁰ <http://www.campeonatosdeskate.com.br/2013/05/14/capa-da-revista-isto-e-edicao-2267.html>. Acesso em janeiro 2016.

evolved in collectively confronting the problems of everyday life (FERRELL; HAYWARD; YOUNG, 2008, p. 34).

Ao fazermos referências teóricas durante essa pesquisa de campo, pretendemos mostrar que não estamos tomando por objetivo mostrar as definições de delinquente ou do que seria delito e muito menos caracterizar a subcultura do skate como processo de associação para violação da norma social. Estamos mostrando que ao tentar estabilizar e legitimar cientificamente a figura do skatista através das teorias da criminalidade se quer consolidar a imagem do seu comportamento como *status* típico e como na imagem da revista um jovem de nossa sociedade com comportamento transgressor. Algo como skate é crime e *todo* skatista comete transgressão à norma. Modelos subculturais são comunicados por seus comportamentos e representam “, portanto, a reação de minorias desfavorecidas e a tentativa, por parte delas, de se orientarem dentro da sociedade, não obstante as reduzidas possibilidades legítimas de agir, de que dispõem” (BARATTA, 2002, p. 70).

Não pretendemos apontar nesse trabalho dualidades de controle social e resistência cultural dos skatistas, mas sim compreender as mudanças que se articulam na sociedade, na história da construção da cidade tardo-moderna, no espaço urbano e no skate como invenção cultural articulada entre seus atos conflituosos com os modelos jurídicos contemporâneos de controle. O crime não está somente na definição dada pelo Estado, mas também na própria imposição normativa sobre os atos culturais.

“Fora que, tipo, eu não acho ruim essa história de skate é coisa de maloqueiro. Na real, eu não vejo o skate como coisa de maloqueiro. Mas eu acho que o skate é M-A-R-G-I-N-A-L”. Com essas palavras Funeral define o skate. O Skate um sentimento de extrapolar a raiva, no qual o brigar com alguém que se sente incomodado com a presença do skate na rua é uma ação necessária para se extrapolar o sentimento. Funeral me lembra que “pixar” o local é a mesma ação de andar de skate: “Pixar, isso é marginal, tipo, é skate. Skate é marginal e é maloqueiro, foda-se”.

Não se trata de uma tentativa de compreender ou aprofundar o sistema de normas sociais, o sistema penal ou sua função na sociedade democrática. Antes disso, foca-se no refletir sobre a concepção da subcultura na sociedade e seus

valores de socialização, reconhecendo que a tendência de controle do skate em sua forma subcultural é mais uma tentativa de apresentar o uso do skate no espaço urbano como uma ameaça ao desenvolvimento da cidade. Esse uso do controle dos espaços tem produzido a antítese do resultado pretendido e que ignora a relação do skate com o espaço urbano. Diante disso, não devemos basear exclusivamente o skate na teoria subcultural, pois ficaríamos limitados ao processo descritivo de seus níveis econômicos e suas condições no processo de criminalização de suas condutas sociais, ignorando a história que os moldou nos espaços das cidades.

Devemos estar atentos ao processo que descreve o skate como marginal, da mesma maneira apontada por Snyder (2011) ao realizar a pesquisa sobre os skatistas como prática subcultural e o paradoxo que o controle social produz na tentativa de dissimular a existência dessa cultura nos espaços das cidades. O skate se torna cultura de resistência nos espaços públicos urbanos.

Ferrell (2001) aponta a manifestação do skate como prática contracultural, uma posição que queremos estabelecer na qual o skate também pode ser visto como uma forma de deslocamento contrária ao uso de automóvel ou do uso de skate nas praças e locais públicos, trazendo uma forma diferente de utilização dos espaços da cidade.

Ferrell (2001) apresenta as ruas como uma forma de exclusão política dentro dos signos que servem para codificar a possibilidade de uso do espaço cultural. As formas de uso desses espaços são codificadas para que eles tenham vigilância e controle rigoroso sobre as gestões de risco e o consumo, se qualificando e codificando a previsibilidade ordenada em tal espaço, tal qual Funeral apontou na relação de skate com "pixo".

Os skatistas teriam essa possibilidade de interagir com as condições de disponibilidade das ruas atualmente e questionariam se devemos realmente apontar o skate como hobby juvenil? Não como *hobby*, mas como a constituição da imagem transgressiva com que a mídia tenta retratar os skatistas na identificação do marginal no espaço público.

O skate analisado por Ferrell (2001) aponta para a possibilidade de realizar a construção da identidade cultural alternativa, já que ao se “lançarem” na rua os skatistas encontram diversas contraculturas e subculturas que podem vir a ter uma similaridade em sua vida diária, tais como os “punks”, moradores de rua e

pichadores. No entanto, reconhece-se que algumas ações dos skatistas tem uma profunda ligação subcultural, visto que certas placas (*signs*) fazem com que se apresentem a proibição de andar de skate em determinados locais. Esses signos implicam na reconfiguração do espaço público, criando uma batalha cultural nas formas de uso desses espaços. Como consequência, os skatistas invadem os espaços para manter a subcultura do estilo, na forma imaginativa de reforço dos lugares na forma ilícita de significação espacial. Isso permite que o processo cultural que define o skate como ato criminal esteja no próprio discurso de autoridade. Ambos discursos designam e definem o contexto da cultura nas cidades nesse processo de globalização.

A percepção desses significados culturais é retratada no diálogo com Funeral. Ele lembra que o skate é arte. Skate é destruição, como em um famoso *slogan*: *Skate and destroyer*⁴¹. Isso quer dizer que o skate é muito além de um esporte ou de uma técnica. Skate é uma atitude anti autoridade, um movimento que define o skatista como ele mesmo, no significado de música, arte e das formas de se vestir e de permanecer na cultura urbana do século XXI.

Ao separar as formas particulares que definem as práticas culturais de resistências em oposição aos processos de poder, a atividade cultural é a continuação da oposição à ordem da cultura e a destruição da ordem pela arte. O funcionamento dos espaços públicos pela interferência das culturas urbanas apresenta as práticas transgressoras como arte de compreensão dos significados da cultura urbana e aqui o skate tem uma profunda missão a partir daquilo que Adorno (2001, p. 215) reduziu em uma expressão aponta: “A missão da arte é, hoje, introduzir o caos na ordem”, a maneira de ser “original” diante dos espaços que tentam incorporar condutas padronizadas para um “bom” funcionamento da cidade, do espaço.

Representar a arte contra a ordem da cidade é a tarefa do skate que se opõe a onda conservadora que se sobrepõe sobre a cultura urbana. O skate é crime, marginal e de maloqueiro. O skatista não está mais produzindo o lado trabalhador da cultura de consumo no sentido em que precisa aumentar sua capacidade de produção para os agentes da lei. Ser skatista é ser reprimido perante essa ordem, como no vídeo disponível na *web* no qual policiais da Prefeitura de São Paulo

⁴¹ <http://www.skateanddestroy.com/>. Acesso em janeiro 2016.

reprimem os skatistas que estão andando em uma praça. No vídeo⁴², é possível ouvir um “agente da lei” proferir a seguinte frase: “Você não trabalha porra nenhuma, você é um vagabundo que fica andando de skate, seu arrombado!”

Andar de skate não tem nenhuma outra relação com a conservação do habitar a praça que não seja com sua arte de neutralização: neutralizar a cultura, o espaço e o habitar. É por isso que o skate constrói e destrói. Ele é a arte de sua maneira que resiste em monetizar e mercantilizar os reais espaços urbanos. A insurgência nesses espaços é a livre exposição que assume a verdadeira expressão de ser autêntico e criativo em sua experiência urbana contemporânea na qual “fixam os limites de vida uma e colaboram assim na destruição da arte, que é a sua salvação” (ADORNO, 2001, p. 66).

Andar de skate em um lugar significa diversas vezes destruir esse local, estragá-lo. Skatistas relatam que já andaram em locais onde quebraram paredes, seja com as marcas de andar, seja para conseguir moldar a parede ou o obstáculo para a prática do skate. “Me deu pena”, disse um skatista. “Querendo ou não eu destruí o local, mas é uma consequência daquilo que se faz”. É a consequência do processo de andar de skate. Burn e Funeral fazem uma comparação com a pessoa que dirige um carro sob influência de álcool e estraga uma mureta ou o *guard rail* da estrada. A foto⁴³ abaixo é um exemplo do que os skatistas relatam.

Imagem 09 – Foto 05



Fonte: ClicRBS

⁴² <https://youtu.be/ePZ1bGUdXtE>. Acesso em janeiro 2016

⁴³ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/02/pelas-ruas-carro-sobe-mureta-da-avenida-joao-pessoa-na-capital-2408138.html>. Acesso em janeiro 2016.

O questionamento deles foi: cobra-se o dano do motorista ocasionado por seu ato? A questão também seria se ao conturbar o trânsito as pessoas proferem a mesma raiva ou pedem as mesmas providências das autoridades para reprimir o motorista?

Os skatistas têm consciência de que seus atos vão deixar marcas ou danos em locais que não são destinados à sua prática, mas eles não negam esse ato, pois “fica claro ali que tu destruiu o lugar”. Esse é o ponto que Burn considerou como paradoxal, pois ao “quebrar o local nós também vai lá e constrói (sic). Só que por outro lado eu te digo, o skatista é muito mais criativo que muita gente. Sabe?!” Sim, eu sei. Parece que essa destruição criativa de Bakunin está incorporada na forma anárquica do skate. A “paixão pela destruição” como vimos e questionamos anteriormente. Essa destruição é a arte de romper a ordem para qualificar o espaço urbano como um espaço público.

4.3 MATRIZ

Em um dia quente de verão, me desloquei com a minha máquina para o centro de Porto Alegre, sozinho, sem combinar um encontro com nenhum skatista. Levando em consideração que o skate não tem espaço “fixo” de prática, ele é definido pela própria reunião do grupo que estabelece os picos a serem utilizados e explorados. Aproximar-se de um grupo de skatistas é uma tarefa ao mesmo tempo complexa e fácil. A primeira facilidade de contato foi na proximidade de uma “famosa” praça pública de Porto Alegre onde skatistas estão presentes durante os fins de semana. A praça *Matriz* é como se estivesse no coração de Porto Alegre. Uma praça que tem todo seu estilo de arquitetura barroca. Prédios das autoridades públicas estão conectados ao local de circulação da população. A Matriz se refere à edificação de uma Igreja Católica, com os prédios dos poderes da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Teatro São Pedro e pelo Palácio da Polícia Civil.

Cercada por árvores e no centro com esculturas de bronze e o monumento a Júlio de Castilhos. Identificar os grupos sociais presentes nesses dias não se mostrou necessário para essa pesquisa, já que os frequentadores da praça são

praticamente pessoas em circulação. Se há presença de outros grupos que se distinguem dos skatistas, esses são poucos e já têm “uma certa previsibilidade” dos atos dos skatistas. Ninguém se importa com suas presenças, manobras, ruídos e atos. Algumas atividades notadas nessa visita são pessoas portando o chimarrão, pintando algumas folhas de papéis, conversando e jogando futebol. Nessa época havia um grupo de sem-teto acampados na praça, mas nada que apresentasse algum conflito ou repulsa entre os frequentadores.

A identificação dos skatistas com o local de prática na praça está ao notar a sua própria arquitetura. Construída com detalhes em mármore e piso de cimento queimado com várias escadarias, as estruturas propiciam aos skatistas diversas manobras com precisão e segurança. A foto que segue é a vista que se tem da direção oeste da cidade. No prédio à esquerda de quem vê a foto está o Palácio da Polícia.

Imagem 10 – foto 06



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Os skatistas estavam filmando, olhando suas fotos e bebendo suco de fruta que adquiriram na região. Sentados em um canto, me aproximo realizando fotos. Me dirijo em direção à uma “roda”, onde estão preparando um *baseado*⁴⁴. Durante essa interação, não houve suspeitas por eu chegar no ponto e não conhecê-los, nem impossibilitou de me oferecerem o *baseado*. Devidamente recuso esse momento de

⁴⁴ Cigarro de maconha.

socialização, mas me apresento como um estudante que pesquisa o skate no espaço público. Um deles responde “maneiro *bro*⁴⁵. só chegar”.

Moradores de rua estão no entorno da praça, ocupando o local há um bom tempo. Para muitos skatistas essas interações com as diversas condições das ruas envolvem-se com as diferenciações sociais que podemos encontrar em uma praça. Em alguns momentos havia circulação de pessoas que estavam se deslocando entre um ponto da cidade para outros lugares.

O aspecto que resulta entre a identificação dos espaços ou a semelhança das pessoas que se encontram nos arredores é a representação entre a prática dominante do cotidiano, seja como apropriação seja como cidadão que na clivagem, ou na diferenciação, se posta entre esses limites culturais e identificamos as relações entre as pessoas que se reconhecem ou compartilham a presença de outros cidadãos nesses espaços. Portanto, ao fazer “ponto de esquina” durante a média de 3 horas, seja assistindo as manobras dos skatistas, conversando e analisando, ou contemplando o movimento da cidade em um domingo de verão durante o pôr do sol, é possível observar aquele espaço da cidade como local de lazer, de deslocamento ou de devaneio. Assim, presto atenção às manobras dos skatistas de forma gratuita, entre os mesmos diálogos que assistiria nos programas de televisão, mas com um impacto maior sobre mim, já que é possível incorporar a experiência sobre os aspectos dos espaços da cidade e dos skatistas.

Estamos diante da observação de *arranjos*, sua relação com que se articulam com o espaço e também com o *pedaço* onde é possível ter a presença regular dos cidadãos que ali se encontram como referência espacial (MAGNANI, 2002, p. 20). Assim identifico os skatistas relaxando em seus cantos, indiferentes a circulação de pessoas, carros da polícia e a mim. Eles continuam suas manobras sem se sentirem importunados por eu estar realizando fotografias e me colocando ao lado deles para realizar minhas observações.

Essas próprias representações que dispõem esses skatistas, com atitudes e estilos de vida própria, inclusive por se tratarem de sua maioria jovem construindo suas representações de identidade nos espaços das cidades constitui uma visão na qual o skate nesses espaços é mais uma forma de lazer, como modo de usufruir da cidade em suas formas de sociabilidade. Seus estilos de vida construtivos são

⁴⁵ Abreviação de *brother* para designar amigo próximo; irmão.

reforçados por a despreocupação com a minha presença, mantendo diálogos e atitudes. É quase como se a identificação entre eles fosse a filmagem das manobras com celulares para posteriormente disponibilizarem nas redes sociais. Eles fazem desses vídeos análises sobre as formas de andar e desafiam-se entre si a realização de manobras. Isso me faz lembrar a descrição da troca de informações imediatas (MAGNANI, 2002). A rede *on-line* permite uma interpretação da infraestrutura global com que as cidades estão conectadas. Essa questão é essencial para os skatistas por permitir entre eles o apoio de espalharem-se como elemento da cultura em determinado ponto de prática ou no espaço.

Em um diálogo, o skatista mostra para mim que ele consegue identificar o local em que se realiza uma manobra de skate apenas observando essa mesma manobra, o estilo e um pouco do fragmento da paisagem. A identificação do espaço de contra-uso é marcante para eles: “Mas eu tenho certeza que se ele fosse lá andar naquele lugar, ele não ia conseguir dar nenhuma manobra que ele consegue.” A manobra no espaço que se conecta é conseguir romper as barreiras entre conseguir andar em cada ambiente e superar, através da exploração, o ambiente para evoluir no skate. A conectividade promovida pela tecnologia permite que outros skatistas também possam se deslocar para determinado ponto e buscar formas de competitividade e de realizarem manobras de skate nesses espaços.

Voltando para a praça da Matriz, eu realizei um breve enquete sobre questão de autoridade pública na prática do skate nesse local. Queria saber se os skatistas são incomodados pelas pessoas ou pelas autoridades públicas, através de pedidos para saírem do espaço e se deslocarem para outro lugar para andar de skate. Ambos skatistas afirmam que por estarmos no fim de semana, o pico já é conhecido como um local de encontro entre os skatistas. Isso identifica a desnecessidade de esclarecer as características das formas sociais que se observam na praça da Matriz. Os comportamentos sociais nessa praça mostraram-se como uma interação entre os diferentes usuários e grupos que a frequentam.

Questiono também se em outros lugares, que não são picos conhecidos, eles são criticados ou afastados. Dizem que sim, “dependendo de como estamos fazendo barulho”. Ou seja, se os skatistas estão socializando com som alto, já que ao realizarem manobras eles soltam gritos, palavrões e o próprio skate também provoca ruídos ao deslizar na realização de manobras. Isso demonstra que a identidade

carregada pelo skatista é de um transgressor. Sua entrada nos espaços da cidade é sempre dada como um indivíduo que vai destruir o espaço e que não respeita o espaço enquanto “público”. Observa-se que a apropriação dos espaços na cidade emerge de uma imaginação sobre as diferenças sociais, fazendo com que os skatistas sejam vistos como pessoas que trazem inseguranças para determinados ambientes, pois eles estão “danificando” o ambiente urbano, sendo vistos como estranhos aquele espaço, já que não é um local para sua cultura ou para prática do skate.

Certamente que minha observação se originou de uns fins de semanas, mas essa é uma praça que não é utilizada (regularmente) pela população durante a semana para fins de encontro ou socialização. Deste modo, o skate nesse ambiente público que não estava sendo utilizado pela população se molda como ponto de diferença cultural que ajuda a reforçar a fragmentação do espaço a partir da prática do skate, impondo um novo olhar sobre os diversos obstáculos que a arquitetura criou na construção da praça.

O espaço da arquitetura da praça ao ser explorado pelos skatistas representou uma contradição com os cidadãos e os aspectos de uso que definem a praça e seus monumentos ao redor. A perspectiva de postarem seus corpos entre o skate e a arquitetura, transforma aquela praça enquanto um espaço público que não faz sombra aos aspectos de exclusão e diferenciação socioespacial. A diferença é estimulada no desafio dos skatistas em seus corpos e a representação é feita pelos próprios estilos visuais, já que a maioria não está usando roupas que destacam suas marcas ou logotipos de moda. Cada um tem seu estilo, seja com roupas rasgadas e tênis surrado ou camisetas destacando grupos de *rock 'n' roll*. Ainda não há lei que impeça o uso desses espaços pelo skatistas.

O cimento queimado sem irregularidades, assim como o mármore que proporciona o deslizar do skate de forma rápida e segura, apresentam com seu desgaste natural e o desgaste pelo uso do skate uma compreensão de que os skatistas não estão ali para danificarem o ambiente público, mas sim para a sua expressão involuntária sobre os espaços públicos da cidade.

Imagem 11 – Foto 07



Fonte: arquivo pessoal do autor

Em uma visão em 360° da praça, ela possibilita não somente andar de skate na sua parte central, mas todos os obstáculos que ela dispõe oferecem uma excelente oportunidade de uso aos skatistas. O estilo do skatista que não está preocupado com a exposição do corpo como mercadoria, mas como expressão artística, é retratado pelas suas vestimentas. Suas roupas retratam pouca, ou nenhuma, estampa identificando a indústria do skate porque eles não se importam com as marcas de roupas estampadas. Em sua maioria usam tênis rasgados, camisetas pretas de rock e calças *jeans* desbotadas, um reflexo de algumas posições anárquicas que sua identidade assumiu através do *punk*. O skatista tem sua socialização carregada não no estilo visual ou de consumo. Eles estão diretamente conectados aos desafios sobre os obstáculos, bem como à troca de informações sobre manobras e novos desafios.

4.4 DE VIAMÃO, AO IAPI, PARA O HUMAITÁ

Regiões centrais têm se apresentado como locais de fácil acesso para o encontro entre os skatistas. Recorrendo à pesquisa de Bastos (2012. p.64), os skatistas relatam que a procura por uma região acessível e com estruturas que permitiam a prática do skate é como se ocorresse a “descoberta” da praça Matriz em Porto Alegre. Ao apresentar o aspecto do skatista na Cidade de Porto Alegre, Bastos conseguiu uma etnografia na qual os skatistas da década de 90 relataram que andar de skate começa nas ruas, calçadas e imediações de suas residências, para em seguida, passar a frequentar outros lugares que possibilitam a prática.

A prática do skate consiste em circular, não apropriar. Assistindo aos programas sobre skate, visualizando revistas, verifica-se que os skatistas circulam, exploram e se deslocam em diversos locais de uma cidade e para outras cidades de uma mesma região metropolitana, de outro estado e até de outro país. Essa é a composição do espaço cultural e social de pertencimento como skatista. Aqui configura-se uma hipótese bastante pessoal minha, mas para refutá-la lembrei de onde tenho meu local de moradia e socialização, principalmente ao residir perto do centro de uma cidade da região metropolitana do Rio Grande do Sul. Caminho quase todos os dias pelo centro de Viamão, um centro que compreende um pequeno corredor de 1,5 quilômetro de extensão, uma “avenida” (que mais parece uma rua larga) de mão única, com “entrada” a “saída” em uma rodovia estadual (RS040), e que tem como fim a lateral da Igreja Nossa Senhora da Conceição, uma das mais antigas do Rio Grande do Sul, construída em 1741.

A extensão da avenida é bastante peculiar, pois durante muito tempo ela não teve essa característica de caos que rege os centros urbanos. Ela sempre foi uma região de circulação calma e tranquila. Ocorre que com o crescente desenvolvimento urbano que acompanha o Brasil nas últimas décadas, o aumento populacional e a circulação na região aumentou consideravelmente. Se entre os anos 1998 a 2008 era possível circular de skate nessa parte de forma tranquila e sem ser importunado, ultimamente a circulação é um desafio para pedestres, ciclistas e skatistas. Com uma simples observação dos espaços em disputa, percebe-se que circular na rua, na calçada ou entre os automóveis se tornou uma “guerra” por território.

Imagem 12 – Foto 08



Fonte: *Facebook* Caixa D'Água Skate Park.

Voltando ao skate, os skatistas promoveram um ponto de encontro nessa região. O ponto está situado praticamente no meio do trajeto da avenida, com um excelente local de referência, uma caixa de água da Companhia Estadual de Água (CORSAN), uma estrutura branca com cerca de 20 metros de altura e com inscrições azuis. Em volta dessa estrutura há uma praça com pequenos quiosques de vendas de produtos vindos da China e de outros países, chamado de camelódromo. A praça conta com um excelente piso liso para a prática do skate e por sua proximidade com os principais bairros da cidade, interligados pelo ponto de ônibus, os skatistas se reúnem no final do dia e nos fins de semanas. A maioria é composta por jovens entre 14-25 anos. Eles criaram uma página no *Facebook* para trocarem informações e postarem fotos das manobras realizadas naquele local, nomeando esse espaço da cidade de “Caixa D’Água Skatepark”.

Isso mostra que os skatistas estão sempre em circulação para realizarem suas inscrições. Os seus espaços são buscas espontâneas que produzem locais de encontro e passagem para o desafio de andar de skate, ou seja, referenciando o pedaço nos arranjos que por seus membros e códigos manifestam “reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 20).

Imagem 13 – Figura 05



Fonte: perfil no *Facebook*: “Caixa d’água skate park”

Eles circulam entre os carros e chegam nesse ponto. Durante seus encontros, usam os diversos moldes que a arquitetura e o urbanismo desenvolveram, estabelecendo a rua e a calçada para os pedestres, fazendo com que os skatistas usem o meio-fio da calçada para realizar as manobras. Considerando que a realização das manobras nesse desnível provoca reações contrárias dos pedestres, eles construíram um pequeno instrumento para ser colocado como obstáculo, constituído por uma barra de ferro com um metro de comprimento, apoiada com tripés. A barra simula um corrimão de escada e ali eles realizam o *grind*.

Foi nesses encontros de observação que fiquei fascinado com a interação com os trabalhadores ao redor da praça, que não demonstram se preocupar com a presença dos skatistas, bem como com os taxistas que tem seu ponto ao lado. A interação me fascinou pela representação do deslocamento na cidade, uma vez que o ponto de encontro traz diversos atores que interagem entre si. Essa observação de perto mostra que antigas e novas formas de entretenimento e encontros, estabelecem, revigoram e exercitam “aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade” (MAGNANI, 2002, p. 20).

O olhar de perto possibilitou um olhar de dentro, pois foi nesse local que conheci o skatista Guimê e perguntei se ele andava somente nesse ponto em

Viamão. Ele respondeu que não, que preferia ficar circulando entre um e outro lugar e até mesmo em outras cidades. Assim partimos para uma pista pública na cidade de Porto Alegre, a IAPI.

A IAPI é uma das segundas pistas públicas construídas pela administração municipal de Porto Alegre para a prática exclusiva de skate. Essa pista está entre a Zona Leste e Zona Norte da cidade que hoje é uma região com presença de grandes investimentos imobiliários. É possível constatar que ao redor o predomínio de edifícios residencial, mas ali também se encontra um dos mais antigos condomínios residenciais do continente⁴⁶.

Nesse ponto de encontro os skatistas chegam logo nas primeiras horas do dia. Já pela manhã, às 10 horas, cheguei com outro skatista e nos deslocamos até um ponto em que se reúnem para trocar algumas informações sobre os "rolês" do dia anterior. Em uma grande troca de relatos sobre manobras e algumas dificuldades que encontraram para andar de skate, como quedas, encontrei vários skatistas que andam em Viamão.

Durante o dia inteiro chegaram mais skatistas, principalmente os mais jovens que estavam saindo da escola. Conforme o contato com alguns, a maioria sai das aulas e passa o dia ali. Outros andam até certa hora, depois vão almoçar e retornam às 16 horas. Os que ficam durante o almoço adquirem alguns lanches no comércio da região. Compram sucos de frutas e sentam nas escadarias. Lembra-me que da informalidade que eles estão se interagindo, acabam por formalizar um comércio paralelo. Não é raro encontrar skatistas negociando alguns produtos de skate, como tênis, *shapes*⁴⁷, *trucks*⁴⁸, rodas, camisetas e produtos que eles conquistam em campeonatos ou que os patrocinadores fornecem a eles.

A IAPI é uma pista construída com diversas formas simulando a arquitetura da cidade, tais como corrimões, escadarias, ladeiras, bancos, meios-fios. Esse ambiente é a tentativa de criar "um espaço único" para os skatistas. O ambiente também reflete a cidade, com "pixos" e grafites espalhados por suas paredes, obstáculos e muros.

O local pode ser considerado uma praça pública, pois no fim do dia começam a chegar diversas famílias que levam seus filhos para andar de skate e aproveitam o

⁴⁶ <http://www.sul21.com.br/jornal/maior-e-mais-antigo-condominio-do-continente-iapi-guarda-parte-da-historia-de-poa/>

⁴⁷ Tábua principal do skate.

⁴⁸ Eixos que fixam as rodas do skate.

ambiente como ponto de encontro entre amigos. Muitas meninas e meninos entre 15 e 23 anos aparecem para se encontrar e também para namorar. A prática do skate no universo feminino ainda é de baixa aceitação, com poucas mulheres andando naquele ambiente. Observo que quando uma mulher começa a andar de skate, a sua presença não destaca o machismo dos skatistas. Eles as incentivam a andarem e a desafiarem os obstáculos. Não presenciei diálogos contra as mulheres nesse meio, muito menos tentativas de assédios.

Uma das imagens que mais se destacou nesse ambiente, foi a inscrição grafitada da palavra “ruas”. Ao encontrar diversos skatistas de Viamão percebi que o skate tem uma circulação constante no ambiente urbano e o skatista está sempre em contato com os diversos pontos das cidades.

Imagem 14 – Foto 09



Fonte: arquivo pessoal do autor. Skatista não identificado.

Essa inscrição se destaca pela própria força que estabelece: o sentimento do ambiente em que o skatista se coloca. Como podemos notar na foto, o ambiente da pista é elaborado com diversos obstáculos que simulam um espaço urbano, ainda mais com os prédios que circundam a pista IAPI. A etnografia do espaço mostra o olhar das cidades e seus territórios, assim como os frequentadores que não se reconhecem por vínculos do dia-a-dia (como bairros ou vizinhança), mas como

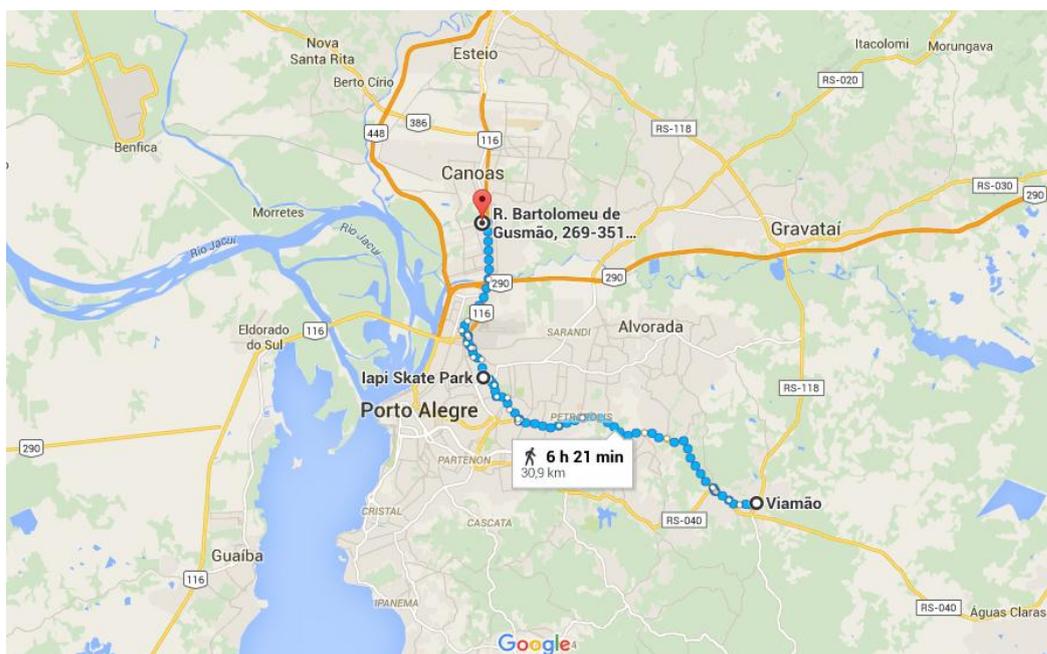
“portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 2002, p. 22).

A inscrição “rua” me chamou a atenção, pois em uma passagem pelo bairro Humaitá, em Porto Alegre, um bairro que está na divisa com a cidade de Canoas, próxima ao aeroporto Salgado Filho e da estação de trem, foi possível notar a mesma inscrição em um muro de uma casa que faz divisa com uma praça abandonada, na qual há somente o chão de concreto e alguns aparelhos de diversão infantil abandonados. Como no dia em que estava de passagem não foi possível parar para tirar uma foto, voltei em outra oportunidade à região, mas a inscrição já tinha se perdido, pois o muro foi derrubado. No entanto, as cores e seus gráficos eram idênticos ao que se encontra na IAPI e isso também reforça a cultura do grafite, tal como a do skate, que são apropriações temporárias de lugares e não sua dominação.

Constituem-se deste modo dominações anônimas dos espaços urbanos. Andar de skate é uma forma de pertencer a determinado espaço simbólico e não um problema social emergente na alteração da ordem pública (CORNEJO; CERDA; VILLALOBOS, 2012). Com isso é possível perceber que os skatistas fazem o deslocamento em vários pontos das cidades, utilizando diversos espaços públicos que na maioria se encontram abandonados, seja pelo poder público ou pela própria população da região.

Abaixo temos um exemplo visual de como é o deslocamento dos skatistas na(s) cidade(s). Com a ajuda do *Googlemaps* é possível visualizar o trajeto que os skatistas fazem nos deslocamentos entre um ponto ao outro. Imaginar e explorar as diferentes formas de interação nesses espaços e como os skatistas abordam suas visões dos locais permite que muito além de deslocamento das margens para o centro, o deslocamento seja o modo de se envolver com o espaço e as transformações que a arquitetura da cidade impôs sobre seus moradores.

Imagem 15 – Figura 06.



Fonte: Googlemaps

O skate nesses espaços de deslocamento pela cidade é o inevitável uso indiscriminado dos espaços, responsável tanto pela dinâmica cotidiana como pelo seu reconhecimento no interior de localização espacial. Aqui se faz referência ao skate não entre seu lazer pela cidade, mas como modo de vida sem conotação política nas formas de sociabilidade. Não se trata de estabelecer conceitos para as condições com que se destinam espaços, territórios, trajetos e manchas, ou até mesmo a categorização de nativo ou cidadão. Aponta-se aqui as vastas formas de compreender a composição da cidade em seus “picos” para sociabilidade e o reconhecimento em um mundo que cada vez mais inclui e exclui pela indiferença. Em que o território do skatista está na sua passagem, na sua forma de flâneur, andar e deslocar-se pela cidade, entre as ruas, os pontos de prática do skate e suas residências. Contestar esse significado objetificado na construção de modelos de controle dos espaços urbanos pode ser visto na manifestação gráfica realizada pelos skatistas na pista do IAPI. A grafia “RUAS” constitui a construção imaginística da cultura do skate como reconhecimento do ponto de vista cultural. O local de sua cultura manifesta-se nas ruas, nos espaços públicos.

Se a forma de criminalização não é suficiente em suas atividades, dentro dos espaços públicos e privados os skatistas estão acostumados a serem ilegais e a encontrarem no dia-dia informações nas quais a sua prática não é bem vista pela

população. Exemplo disso é a placa que a Prefeitura Municipal de Porto Alegre colocou diante da pista do IAPI proibindo o uso da quadra em determinados horários. Isso mostra que os skatistas sofrem a criminalização até mesmo em pontos que foram desenvolvidos e colocados como significado da subcultura carregada por eles.

Imagem 16 – Foto 10



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Cada vez mais, se encontra na crescente e permanente criminalização no próprio ambiente em que skatistas uma amostra de como as estruturas de controle normativo nos espaços públicos indicam uma definição estrutural de vida nos espaços das cidades. As políticas públicas exigem dos skatistas uma estrutura normativa para que eles sejam aceitos nos espaços das cidades, fazendo com que o ambiente espacial nos quais estão presentes sejam reflexos de suas manifestações.

Podemos observar a partir dessa foto com Rasta (imagem 17) a pista de skate com bancos, corrimões, ladeiras que simulam tanto o mobiliário urbano como sua paisagem tem aspecto de rua. O skatista apresenta o seu estilo de vida alternativo urbano, tendo como fundo a pista de skate IAPI, o retrato da cidade, com seus “pixos” e grafites.

Imagem 17 – Foto 11



Fonte: arquivo pessoal do autor. Skatista Rasta

Podemos conceber a luta daqueles que idealizam uma identidade como resistência dos usuários do skate pela preservação dos espaços públicos da cidade, em que cada subcultura é posta em seu “mapa de controle” através da criação de parques públicos de skate. BORDEN (2001) tem uma visão de que os conflitos e contestações nas praças públicas sempre estarão em choque com a arquitetura da cidade, pois há uma diversidade de pessoas que também querem buscar outras formas de usufruírem desses pontos públicos, seja fazendo barulho com seus skates, seja buscando um lugar para leituras de suas filosofias e até mesmo para a possibilidade de moradia. Isso não mostra a forma de circuito (MAGNANI, 2002), mas o encontro entre o espaço e a cidade como possibilidade de devaneios.

4.5 A *DOGTOWN* É NA MARINHA DO BRASIL

As formas com que as cidades se apresentam em interação global, ou a globalização dos espaços como anteriormente discorremos, apresentam como as culturas urbanas são condicionadas pelas políticas públicas na constituição dos espaços de socialização. Se Snyder consegue apontar essas configurações dos skatistas em uma região que tem uma forte presença da sua cultura sendo que na Califórnia os skatistas têm o mar (Oceano Pacífico) próximo de suas residências, ou seja se não der para surfar, vamos dar um "rolê"⁴⁹.

⁴⁹ Rolê é o ato de andar de skate.

As cidades globais se deslocam agora desse sonho californiano para a cidade de Porto Alegre/RS. A capital do Rio Grande do Sul, está em uma distância de 150 quilômetros do litoral banhado pelo Oceano Atlântico. Apesar disso, conta com uma variedade de adeptos da prática do skate e do surf.

O skate e sua simulação como surf tem destaque nas cidades. Seus locais são as pistas públicas e privadas para a sua prática. As estruturas de concreto simulam as piscinas que os skatistas invadiram décadas atrás na Califórnia, só que agora elas ganharam uma reformulação para sua própria prática. Na cidade de Porto Alegre se encontra umas das maiores pistas do estilo *circuito*⁵⁰ no Brasil. A pista está localizada no Parque Marinha do Brasil, um parque público com diversas modalidades para práticas esportivas, onde se construiu uma pista em que o skate simula as formas do surf. Advogados, médicos, engenheiros, fotógrafos, professores e muitas outras pessoas se encontram nessa parte da cidade. Antes do nascer do sol, ou noite *adentro*, esse pico de Porto Alegre é um encontro entre aqueles que incorporaram a imagem de skatista em função do surf.

Na imagem que apresento, o skatista que está deslizando no Parque Marinha é um advogado que nas horas vagas anda de skate. As inscrições de “snake or die” se referem ao formato da pista, um “S”, ou a imagem da maneira como uma cobra se locomove. O “S” permite que o skate ganhe velocidade, tornando a queda perigosa. Há também a pintura de uma onda, na tentativa de apresentar o surf na sua simulação do skate, em um local distante do mar.

Imagem 18 – Foto 12.



Fonte: foto cedida pelo skatista.

⁵⁰ Prática de skate em pista determinada.

No *Marinha* há um estilo variado de skatistas, diversos formatos de skates são usados na prática, considerando que os que melhores se adaptam ali são os *old school* e os *long-board* (*shapes* com dimensões maiores que o *street* e rodas maiores e mais macias), ganhando velocidade e dinâmica em sua prática. A representação desse circuito é muito similar ao ambiente de praia, que constata com o próprio estilo de skate que ali se anda um estilo de *skate surfstyle*.

No pôr-do-sol de “Poa” entra em contato com o rio “nas costas” da pista Marinha e seu altar, a pista elevada, revela-se como uma duna praiana. A sensação de estar na pista do Marinha é a mesma de estar no litoral, tornando-se a válvula de escape de quem surfa, mas não tem a possibilidade de se deslocar até o litoral diariamente. *Baseado* enrolado, sentado na ponta da pista, observando as manobras, o estilo *skate surf* está presente em seus frequentadores. Roupas leves, que sempre retratam um estilo praiano, as gírias e as pessoas. Se a rotina da cidade está incomodando, basta dar um *rolê* no Marinha.

Assim, *Doctor* e *Crazy* saem do consultório médico e do escritório de advocacia para aproveitar esse breve momento antes de retornarem para suas casas. Andar de skate é fugir do tédio da rotina, cada um com seus estilos, cada qual representando momentos distintos da Pista do Marinha. O *Old School* é aquele que anda no Marinha desde sua construção, enquanto o *Novo* é o skatista que se espelha no velho, inspirando-se em cada uma das gerações que ali se encontram. O estilo é bem aquele da *Dogtown*, a legítima fluidez que representa o estilo surf.

Enquanto local público, ao seu redor os frequentadores são vários. Há nesse local um estilo de *localismo* um sentimento de pertencimento ao espaço, tal como havia em *Dogtown*. O píer de Santa Mônica estava abandonado e a aventura do surf além da parte *rica* da Los Angeles era como uma onda sob os escombros do píer localizado em *Dogtown*. Para que não houvesse a superlotação de surfistas, o famoso *crowd*, o espírito do companheirismo era diário para que forasteiros não invadissem os locais. Desse modo, a frase “*local only*” se tornou um lema de confiança entre eles. O localismo permite tudo, desde agressões pessoais, vandalismo e até intimidações dentro do mar ou na pista de skate. Esse é o reflexo da Califórnia, na composição de uma identidade local, o famoso “bairrismo” do gaúcho.

4.6 UM BROOKLIN NO VIADUTO DA JOÃO PESSOA

“Exato, o skate é esse esporte urbano que vai se incorporando em sua vida. Ele se torna o seu estilo de vida na cidade!”. Esse foi uma das frases que *rolou* durante uma conversa embaixo do viaduto da João Pessoa, em Porto Alegre. Brown me explica que montou na internet um “Skate Mapa”. Esse projeto visa aproximar todos os skatistas que andam de skate nos espaços públicos, apontando novos obstáculos, picos e manobras que podem ser realizadas em um deslocamento pela cidade de Porto Alegre/RS.

Um dia de sol e temperatura amena, os skatistas se reúnem durante o sábado no viaduto da João Pessoa, o “Brooklin”, para andar de skate e se encontrarem. Esse pico tem uma grande influência do *DIY (Do It Yourself)*⁵¹. Estranho o nome e percebo que muitos dos *picos* que os skatistas exploram na cidade levam um nome que referencia aos EUA ou Inglaterra. Tudo indica que o modelo de explorar a cidade e construir suas pistas envolve o movimento de autonomia do *DIY*. Esse movimento que caracterizou com os *Punks*, na Inglaterra, ao editar e produzir suas próprias músicas, bem como no trabalho de divulgação. Também é caracterizado por um rompimento com a indústria fonográfica dominante na década de 60 e 70 (REYNOLDS, 2013).

Brooklin é uma pista de skate “construída pelos skatistas para os skatistas”. Sua localidade é um local de interação embaixo do viaduto da Avenida João Pessoa/POA, próximo à Faculdade de Direito da UFRGS⁵² e do Parque da Redenção. Ali nesse pequeno lugar, sempre que eu passava por perto, quase nada se podia observar de passagem, mas com um pequeno esforço, nota-se que é um local de refúgio dos moradores de rua e andarilhos. No entanto, mesmo quando os skatistas estão andando, não há conflitos.

A construção do Brooklin tem diversas histórias, mas a maioria leva ao skate como uma das culturas urbanas que melhor se integrou ao espaço, começando com a realização de um campeonato de skate em 2010. Para o evento, foi solicitada uma autorização da Prefeitura Municipal que permitisse a construção de dois obstáculos embaixo do viaduto para promover o campeonato de manobras (*best tricks*). Durante o campeonato, o skate e a cultura *hip-hop* encontram nesse espaço um excelente

⁵¹ Termo para, em tradução livre, “Faça você mesmo”.

⁵² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

local para interagirem como duas culturas de rua urbana. Durante o evento havia o som mecânico do hip-hop e uma oficina de grafite, ou seja, a integração entre diversas culturas urbanas.

Após o campeonato, houve uma reivindicação por parte do movimento CUFA⁵³ para se instalar no local. A partir disso, o skate nesse espaço teria que ter “licença” da entidade para andar. Quadras foram demarcadas para diversos esportes e movimentos culturais como o hip-hop e o rap. No entanto, o movimento durou pouco tempo, fazendo com que os skatistas voltassem para o lugar, bem como os moradores de rua.

O viaduto foi tomado pelo lixo e pelos odores das necessidades fisiológicas dos moradores de ruas que ali se instalaram. Então os skatistas começaram a limpar, sem “enxotá-los”, pois eles utilizavam os obstáculos do imobiliário urbano que estavam montados nesse lugar. Aos poucos os skatistas foram juntando uma “vaquinha” para construir algumas rampas e obstáculos de forma que esse espaço constituísse uma pista de skate pública.

No início houve conflitos com os moradores nas residências próximas, afinal o barulho do skate e os gritos das manobras incomodava. Os moradores de ruas também se incomodaram no início, porém, conforme relatos, aos poucos foram vendo que o local se tornara limpo e a prefeitura instalara banheiros químicos nas proximidades. Com isso moradores de rua e skatistas convivem sem conflitos. Inclusive, os skatistas são solidários com os sem-teto, distribuindo roupas e alimentos.

A construção de um lugar skatável nesse ambiente urbano que se apresenta na interação com os espaços das cidades mostra que os viadutos são considerados um “fracasso da cidade e uma admissão de incompetência por parte de seus planejadores.”⁵⁴ No entanto, os skatistas são os exploradores desses espaços, dando novas significações e dinâmicas sociais. Os skatistas têm uma excelente visão sobre os espaços das cidades que do nada se integram com suas formas de sociabilidade, uma vez que “o skatista enxerga a cidade de um jeito diferente”, de acordo com Burn. Esse é o sentimento do *DIY*. “Eu gosto de montar obstáculo, eu tenho graduação em engenharia de materiais, assim eu gosto de trabalhar com

⁵³ Central Única das Favelas.

⁵⁴ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/02/itamar-melo-a-fissura-de-porto-alegre-por-viadutos-e-uma-perversao-sexual-4965210.html>

coisas que me permitem andar de skate” – contou-me Burn. Andar e encontrar espaços nas cidades “que possam serem utilizados para andar de skate acaba fazendo com que o esporte seja a integração da nossa vida com o ambiente urbano”. “O skate te incorpora, te dá esse sentimento de pertencimento, por isso criei o *skate maps*. Para que todos skatistas possam compartilhar esses momentos.” O diálogo que Burn e Brown tiveram comigo foi como se cada um completasse as frases um do outro, isso em conversas e dias distintos.

Assisti ao documentário do *Canal Off, Califorfun*. O programa mostra a história do skate na Califórnia. Em um desses episódios foi mostrada a cidade de *San Diego*, onde os skatistas começaram a construir uma pista de skate embaixo de um viaduto. Esse local de arquitetura contemporânea se apresenta como nenhuma visibilidade/possibilidade de socialização entre os indivíduos e mostra que com uma doação de cada skatistas é possível construir um local para a prática de skate. Conforme relatos, algumas ordens foram acordadas entre as autoridades locais e os skatistas, por exemplo, não é permitido “*pixar*” a pista, não pode haver *grafite* e rabiscos, bem como é proibido o consumo de drogas em suas adjacências (tanto lícitas como ilícitas), um cenário completamente diferente do Brooklin porto-alegrense.

Em Porto Alegre, é possível a integração do skate com todas as culturas urbanas. Na imagem a seguir (imagem 19) veremos o Brooklin com um skatista na rampa que foi construída entre um muro que já existia, enquanto a barra de ferro a frente simula um corrimão, um dos primeiros obstáculos colocados. Ao fundo alguns moradores de rua e na parede da direita “*pixo*” e *grafite* do movimento hip-hop.

Imagem 19 – Foto 13.



Fonte: arquivo pessoal. Skatista não identificado

Brooklin: o nome do local não me é estranho, já ouvi em algum outro país. Existe um bairro nos Estado Unidos da América que é chamado por esse nome. Fica em Nova Iorque, o Brooklyn – com “Y”. Para conhecer mais sobre o local, recorro à internet e logo em que pesquiso sobre ele e a sua conexão com o skate sou direcionado ao “Programa Olho de Peixe” disponível em sua própria página da internet e ao episódio “Conhecendo Brooklyn⁵⁵”. Ao assistir ao episódio, compreendo que a imaginação criativa dos skatistas é compartilhada pela exploração da cidade. A possibilidade de envolver e desenvolver manobras em ambientes *sem* significados para a arquitetura e o poder público é cada vez mais explorada por skatistas, através da breve forma de se deslocar até o ponto de encontro para andar de skate. A ordem e os obstáculos determinam a conduta para usar esses espaços das cidades, o que não impedem os desafios que os skatistas estão criando.

No próprio programa assistimos a tentativa feita por um guarda de barrar o ato de andar de skate em determinado ponto. Tudo indica que é um patrimônio “público”, mas restrito à sua condição normativa pública. Isso mostra que a arquitetura do desenvolvimento urbano sempre cria locais de contra-uso ou de parafuncionalidade. HAYWARD (2012), em recente artigo, oferece uma possibilidade de discussão sobre o espaço social da cidade, em sua dimensão geográfica, no

⁵⁵ <http://www.programaolhodepeixe.com/site/conhecendo-o-brooklyn/>. Acesso em 14/07/2016

intuito de apresentar a relação do espaço cultural no qual estamos inseridos com a dinâmica de percepção do fenômeno urbano na modernidade e sua representação da vida na metrópole. Trata-se da representação do poder e das relações sociais que são transformadas pela interação e integração das diversidades sociais nos espaços das cidades e como essas relações estruturais e culturais podem ser pesquisadas pela Criminologia.

Uma das discussões apresentadas é a da parafuncionalidade, que é o espaço na cidade que não tem uso algum para o ambiente e são resíduos que a arquitetura constrói, mas ficam em sua forma sem uso e de vigilância por parte da população e das autoridades. São espaços em que há descarte de sofás e armários que a população não sabe onde colocar e acabam por abandonar em locais em que não há vigilância estatal ou da própria vizinhança. Um exemplo desses espaços está presente no relato de Xuxu sobre “explorar o incerto”. Ele com seus amigos foram a locais abandonados na cidade de Pelotas e encontraram uma construção abandonada. Nesse espaço, havia vários objetos descartados pela população, já que não há vigilância. Encontraram um sofá velho que serviu tanto como obstáculo para o skate quanto possibilitou o descanso dos skatistas durante a exploração. Outro exemplo é encontrado diante do convite feito por Rasta para invadir uma fábrica abandonada em Viamão, pois sempre que ele passa por esse lugar observa a construção de excelentes obstáculos para andar de skate.

Andar de skate é explorar, o mesmo explorar que Rasta e Xuxu possibilitaram apresentar na interação do skate com as cidades e lugares em busca de desafios. Com esses skatistas percebi a necessidade da modificação dos espaços e da busca por novos desafios, além das pistas de skates produzidas, já que o ato de andar em pistas modeladas para o skate, segundo eles, “enjoa”. Nas palavras de Xuxu: “O que se faz na pista é da pista, o que se faz da rua é o skate”. Isso quer dizer que o skate só existe porque a cidade permite uma interação entre skate e espaço. Explorar o incerto, como em uma matéria para uma revista na qual Xuxu participou. “Eu fui até a Bolívia, no meio do nada. Nem imaginava que lá teria lugar para andar de skate!”, o lugar *skatável*. “Acabei encontrando uns picos, (mas é) claro que a polícia pediu para eu não abusar.” Isso é o skate transforma o lugar e inventa a cultura no espaço das cidades. Uma vez que a globalização aproximou cidades e suas arquiteturas, o skate permitiu romper o tédio do lugar, do padrão e da ordenação.

CONCLUSÃO

Com o trabalho discorrido entre antropologia, sociologia, geografia e urbanismo, o pensamento que o conduziu entrelaçou essas questões sobre o que podemos exemplificar que a cidade constrói e destrói. Esse trabalho continua. Ao apresentar desde sua introdução as tensões principais para construir esse trabalho, recorro às ações sociais que transformam os sentidos e as arenas políticas nos espaços das cidades nesse século XXI. Diante desses conflitos *ocultos* nos espaços de experiência urbana contemporânea, a cidade urbana fragmenta todas as relações sociais que ficam perdidas na história em seu processo de destruição. Buscamos compreender o processo de conexão do imaginário urbano de uma cidade ideal, da Modernidade ao estilo de Europa da metade do século XIX e início do século XX.

O espaço da cidade ideal não desapareceu no imaginário urbano durante esse avanço das estruturas da globalização dos espaços. A partir desses aportes teóricos apresentados por Martina Löw (n/d), encontramos uma *proliferação* de espaços em lugares alternativos para a diversidade cultural e social. A globalização formalizou distintas culturas, incentivando experiências nos espaços públicos urbanos que desafiam novas e diferentes pesquisas de antropologia e sociologia urbana.

Analisar explicitamente a cidade é constituir a produção de seus espaços, analisando a problemática do *ideal* de cidade que são escorados pelas requalificações dos lugares e dos espaços. É a partir do contexto etnográfico apresentado na introdução que nos deparamos com questões sobre culturas urbanas, espaços de usos e contra-usos e conseqüentemente o tipo ideal de cidade construída a partir da experiência urbana contemporânea do skate, essa cultura que coloca o global e o local como reconquista dos espaços públicos urbanos.

O skate encontrou novas possibilidades de experiência urbana contemporânea a partir de sua vontade de *romper* com as condições de experienciar o espaço. Assim o skate com suas inscrições e circulações pela cidade permite observar os espaços das estruturas urbanas não como espaços que fragmentam padrões ou enfatizam comportamentos. Como podemos analisar pelas imagens dos skatistas em pontos das cidades, aponta-se para as identidades culturais nos espaços públicos em uma dinâmica cultural e de sociabilidade no diálogo

estabelecido entre a etnografia e a experiência urbana contemporânea. Lembrando que os processos de globalização das cidades aproximam-se dos mecanismos institucionais de controle social e estes não se mostraram efetivos em sua função de eliminar as culturas de resistências nos espaços públicos urbanos. Mostra-se o efeito contrário: eles revigoram as identidades culturais.

Os muros das cidades condicionam espaços que separam e excluem. A tarefa dos skatistas nesses espaços de contra-uso recriaram a experiência urbana em vias de dissolver seu cenário político, público e também de condições de utopia da cidade. O *flâneur* skatista retoma reflexões sobre esses espaços vazios, dando-lhes intensidades e outras estruturas de significados. O espaço torna-se mobilizado para a cultura contemporânea. A experiência de espaço pelo skatista tece ligações globais entre as cidades, articulando os problemas e conjuntos que criam respostas para nossas condições de pertencer aos espaços urbanos. Essa experiência da antropologia urbana se dispõe a estudar os grupos sociais e suas práticas que se inscrevem “na trama da cidade”, em que os espaços e a cidade são articulações de suas insurgências (MAGNANI, 2002, p. 25).

O espaço múltiplo da cidade moderna tardia se posta como uma vasta dimensão social e cultural. Há diversos estudos que abordam à grafia nos muros da cidade, à poesia de seus sons e ruídos; apresentando-nos a uma atuação que é *não* delimitada enquanto metodologia de pesquisa antropológica. As inscrições das imagens da cidade é a sua relação com o espaço público nos modelos de produção das identidades urbanas aos espaços culturais que abordam a estética de uma cidade metropolitana. Identificar suas atuações e contra-usos apontam as características e dinâmicas das cidades globalizadas e a prática do skate como cultura capaz de redefinir os modelos espaciais que formalizam o modelo de cidade *ideal*.

No desenvolvimento desse trabalho, em suas partes finais, entre a pesquisa de campo propriamente abordada, compreendemos que o envolvimento cultural do skate com os espaços públicos parece cada vez mais ligado com as políticas públicas de controle e a aparência de um “autêntico” espaço urbano. A existência dos espaços urbanos se apresenta para um breve deslocamento pessoal amplamente colocado em linguagens normativas que representam segurança,

civilidade, consumo e comércio, estando os sujeitos culturais restritos às suas invenções.

A interação cultural dos skatistas nesses espaços, sua manifestação como cultura e invenção de significados promovem aquilo que as políticas públicas e as autoridades consideram como criminosos promovendo a destruição da ordem cívica e moral da cidade, já que seus atos são convidativos para atos de violência e criminalidade. Além disso, como vimos no início do trabalho, há um movimento de pessoas e coletivos que estão se engajando para uma abertura democrática aos seus pertencimentos nos espaços públicos das cidades. Com seus ativismos que se espalham em novas redes tecnológicas, lutam pela preservação de seus direitos. Não se trata de uma luta por esses espaços, mas pela abertura espacial contra a ordem econômica, política e social de dominação cultural. Ao aprofundar essa compreensão sobre o espaço urbano e a cultura do skate, a invenção da cultura é também a continuidade crítica da sociedade.

“O skate não cria distância”. Essa frase sugere aquilo que temos visto nesse trabalho. O skate envolve todos os coletivos, todas as possibilidades de encontro nos espaços das cidades. Ele alcança e comunica as revoluções culturais que se insurgem na globalização das cidades e no ambiente urbano como cultura e exercício da experiência que transforma os valores da sociedade.

A insurgência se encontra no *flanêur*, no "pixo", na bicicleta, no movimento *Occupy*, no skate. Constitui o potencial político que a partir das artes expressa e denuncia as realidades estabelecidas, os objetos que constituíram a sociedade na cidade. Estaríamos diante da *arte e revolução* que Herbert Marcuse (1973) descreveu no esforço da revolução cultural como meio de romper o domínio opressivo da técnica reproduzida sobre a consciência social, dependendo do exercício da arte e de sua linguagem como insurgência, como política e busca da justiça social.

O skate grita “RUAS”. Ele diversifica o ambiente no próprio espaço cultural que estamos comunicando. Transcende-se em suas imagens e linguagem entre grupos privilegiados e não privilegiados. Dizem os skatistas que o seu estilo “é contra a sociedade e seus padrões”, realizando no espaço uma forma de abraçar os caminhos nas cidades, invocando seus estilos e performances como desafios ao explorar esses espaços públicos cada vez mais restritos e padronizados. O espaço

das cidades restringe os momentos de sociabilidade e através dos skatistas insurgem nesses espaços a ampliação de *liberdade* e o alargamento da diversidade.

A natureza da cidade é seu espaço. A cidade é uma criação que possibilitou a expansão de integração de diversas formas de sociabilidade. Trata-se das relações nas esferas públicas integralizando-se com os diversos ritmos dos espaços públicos das cidades. Nessa perspectiva, o skate é uma significativa cultura engajada com a interação social produzida por esses espaços, fluindo contra os arranjos arquitetônicos de ordem, de autoridade e controle, corroendo esses suportes e obstáculos que se tornam o desafio de integralizar o próprio espaço.

O skate como esporte constrói profissionais que para manterem suas carreiras como esportistas realizam diversas manobras em ambientes urbanos e privados. No entanto, nesse complexo mundo capitalista, o skate também produz adeptos que desafiam as manobras produzidas no âmbito esportivo e as realizam nos ambientes públicos como ato de pertencimento cultural e social. Provavelmente os skatistas são definidos como um grupo de jovens que promovem atos ilícitos nos espaços das cidades e isso é reforçado com o estigma que suas estéticas corporais estão disponíveis para atividades criminosas ou atos que reforçam essa identidade.

Vimos que basta estar na rua, na incorporação de ocupar os ambientes públicos que os espaços de exclusividades e privilégios se tornam cada vez mais impostos como estrutura de ordem e justiça. Portanto nesse trabalho podemos considerar que esse é o momento em que os skatistas estão reafirmando diversos códigos, que apesar de reduzidos pela arquitetura da cidade em espaços urbanos têm aspectos de construção de experiência diante da exclusão espacial que a sociedade intenta como locais de poder. Nesse caso, o ambiente urbano se conecta pelas tecnologias do urbanismo das cidades globais. A universalização cultural, as agregações de população e a criação de *guetos* são reconfigurados pela possibilidade de apresentar os skatistas como pertencimento social e cultural contra as técnicas de dominação do espaço de sua cultura. O skate exercita a experiência urbana na interpretação da sociedade e cultura no espaço da cidade. Isso pode considerar que a cultura do skate emerge como forma de resistência à hegemonia cultural e à imposição de formas de condutas de seus praticantes e o estilo de vida dissimulado, com condições regulamentadas para andar de skate.

Como analisamos, o skate apresentou que a cultura e o seu estudo não estão restritos a localização geográfica. A partir da influência globalizada do mundo, os coletivos culturais se manifestam entre os diversos atores que compõem a sociedade. Suas influências não são apenas localizadas, mas refletem uma possibilidade de abertura criativa dos espaços públicos, não apenas como modelo de ativismo político, mas como integração social e política nas quais a violência não alcança o modelo de justiça social, mas a justiça social é posta como experiência política sobre a existência de culturas nos espaços plurais das cidades. A insurgência como experiência urbana é a própria cultura urbana na representação do indivíduo em suas relações coletivas, além do estabelecimento de classes ou lugares.

Os skatistas encorajam o deslocamento entre os espaços das cidades, se movimentam além do consumo e restrições da criatividade. Nas cidades preenchem os espaços que não se definem como processos de coletividade. Seja em baixo do viaduto, em uma praça, ou até mesmo no meio-fio da calçada, o contato cultural é experimentado em suas margens espaciais. Esses lugares emergiram da criatividade e inovação cultural, deixando de lado o processo de *fabricação* do medo do contato humano.

Skatistas nos espaços públicos passam a produzir possibilidades insurgentes nas fronteiras espaciais da vida urbana rotinizada. Não se trata de uma cultura localizada, mas de suas experiências que produzem conexões globalizadas, resistindo aos controles legais dos espaços impostos pela ordem econômica e política. Harvey (2014) lembra mudança dos espaços das cidades e da modificação das potencialidades no uso dos espaços públicos.

Antes do surgimento dos carros, porém, as ruas geralmente o eram – um lugar de socialização popular, um espaço para as crianças brincarem (tenho idade suficiente para me lembrar que era onde brincávamos o tempo todo) Contudo, esse tipo de comum foi destruído e transformado em um espaço público dominado pelo automóvel (estimulando as administrações urbanas e tentar recuperar alguns aspectos de um comum anterior “mais civilizado”, criando espaços exclusivos para pedestres, cafés nas calçadas, ciclovias, miniparques como espaços de lazer etc.) (HARVEY, 2014, p. 147).

A criação de um *espaço comum* que não imponha seu aspecto privado ou qualquer outro aspecto de apropriação pessoal encontra-se na Casa Mágica. A possibilidade de compartilhamento social plural, na qual a figura de classe, do

espaço *gentrificado*, da periferia, do bairro é o local em comum. É indiferente para quem transita nesse local. Seu espaço promove uma comunidade inclusiva, ou se deslocando até pistas de skate privadas, a integração cultural vai além de saber andar de skate, mas de compartilhar a possibilidade de desafios de suas ações, da própria prática de experiência urbana.

Quem sabe que ao experimentar cada um desses atos skatistas, junto a eles, consegui me aproximar da estética cultural dos espaços urbanos, entre devaneios de dar um "rolê" de skate ou no constante uso da bicicleta para o meu deslocamento diário. É explícito que cada vez mais percebo as diferentes identidades nos espaços públicos nas cidades, onde os "pixos", moradores de ruas, vendedores de ruas, estão além do processo de constituição binária de suas reivindicações e conflitos. Cada vez mais fica evidente que o processo de padronização das cidades é uma imposição de ordem espacial pelas políticas públicas na regulação de nossas prosaicas rotinas.

Assim essas questões dos significados de experiência urbana podem vir a serem compreendidas nos significados culturais dos espaços das cidades que resistem além de suas emoções ou questões de significado técnico. Sua insurgência é contra essa desenfreada expansão do controle jurídico e social. Essa é a estratégia que chamamos de gentrificação ou financeirização do território.

O skate nesse trabalho aponta que a política de normatização dos espaços públicos urbanos para os skatistas vai além de atos descritos como vandalismo, crimes contra a ordem ou depredações. Sugere uma invenção contracultural de liberação dos espaços públicos como criação de um modelo de cidade inventiva e aberta. Pensemos em uma exploração etnográfica como "Brooklin", em Porto Alegre. Qual seu significado, mesmo como linguagem? Em Nova Iorque, nos Estados Unidos, há um bairro chamado Brooklyn. Esse bairro é considerado pelos skatistas um "verdadeiro" espaço multicultural, onde a diversidade se encontra. Nesse espaço, o skate se inventa e explora os espaços que a arquitetura moldou, suas praças, seus bancos, suas esculturas, etc. Embaixo de um viaduto encontramos a mesma proposta de modelar o espaço para a prática do skate. Não estamos diante das identificações de *mancha*, *trajeto*, *pedaço* e *circuito* que Magnani (2002) desenvolveu para descrever as formas de apresentar a paisagem urbana. O skate

diversifica essas noções como seu ritmo próprio de “pertencer” a cidade como *flâneur*.

O espaço urbano não pode ser um local delimitado para a experiência cotidiana e pessoal e o skate, como também aponta Machado (2014), não é somente identificável em pontos definidos da cidade. Ele circula, explora, modifica e procura momentos *possíveis* de sua relação com a cidade. Essa cidade em que o espaço marca diferenças espaciais de pertencimento e de usos. A experiência urbana contemporânea pelo skate favorece o espaço, tanto dentro como fora, onde as questões macro suscitam cenários em que a ordem moral e política da sociedade são impostas sobre cada aspecto espacial de pertencimento cultural.

Na cena *post-punk* que envolve essas conclusões se encontra a semelhança desse estilo musical que emergiu diante da desolação das rotinas na cidade Manchester (Inglaterra) quando surgiu um *boom* de projetos para reurbanizar a cidade que era considerada umas das primeiras cidades urbanizadas do mundo moderno. A imagem de ruínas que se estabeleceu entre esses jovens foi contada em músicas de resistência quanto aos aspectos negativos que a cidade estabeleceu. Isso forma a ruptura em que a cultura urbana “válida” é aquela que emerge da classe pobre, não havendo manifestações quando existem casos de ascensões econômicas a quais os países globalizados estão sujeitos (REYNOLDS, 2013).

A composição da rotina nas cidades globalizadas no século XXI possibilita a existência do espaço público à insurgência do skate que estabelece e quebra essa ordem, como uma nova forma de afirmação de identidades dos sujeitos na cidade⁵⁶. É essa curta história do desenvolvimento da metrópole na modernidade que torna a necessidade de compreender a inscrição das culturas na cidade em cada um dos aspectos em que ela desenvolve. Levar essa crítica estrutural em que as cidades globalizadas se estabeleceram no sistema, aponta para a experiência urbana contemporânea que possa apresentar formulações políticas sobre a cultura e a sociedade, pois as cidades contemporâneas “propiciam a criação de novos padrões de troca e de espaços para a sociabilidade e para os rituais da vida pública” (MAGNANI, 2002, p. 26).

A insurgência do skate nos espaços das cidades simboliza a relação que a

⁵⁶ Nesse sentido LINCK (2011) vê a possibilidade da transgressão *uma rebeldia necessária*.

cultura e a sociedade podem estabelecer com a libertação da condição do homem em sua participação plena. Tanto dentro como fora da cidade exilada pelos seus espaços, a insurgência do skate na cidade encontra no espaço urbano o compromisso de apontar o direito à cidade e suas leis como despidos de legalidades, mas como imposições morais que exploram e privam os indivíduos em suas invenções culturais de desenvolverem suas atividades potenciais. A atividade urbana deve ser compreendida e desenvolvida diante da sociedade e suas relações com seus sistemas de justiça e política.

Andando com os skatistas aprendi a direcionar minhas observações sobre os aspectos arquitetônicos que são elaborados nas cidades. Desde a construção de uma escadaria até o pequeno muro que delimita o jardim; o espaço é promovido pelo skate entre a imaginação transformativa da experiência e a contestação das regras das cidades no seu significado espacial ordenado. O espaço está em conflito com suas mudanças, administrado conscientemente seja nas desigualdades ou nas categorias sociais. O skate vem a “acionar” essas ações conflituosas como insurgência possível sobre o espaço da cidade contemporânea, formando possíveis conjuntos urbanos que constituem a experiência urbana (MOGNIN, 2009, p. 266).

Em forma de *insight* venho a compreender não só a experiência de espaço e insurgência cultural, mas a crítica às políticas de controle, de lei e ordem, na qual a partir da globalização as cidades sofrem de suas imposições legais. Culturas se reinventam contra a ordem moralizante de um mundo que cada vez mais tenta ser binário e é aqui, após um longo período nas Ciências Sociais que consigo, enfim, mostrar as necessidades críticas para o (des)envolvimento de explorar os contras-usos dos espaços públicos urbanos em suas articulações com as culturas que exploram esses espaços, o estudo crítico sobre as questões culturais urbanas que compreende as transições que ocorrem nas sociedades contemporâneas diante das modificações dos espaços públicos e suas influências sobre a vida na cidade. De uma forma ou de outra a cultura está a gritar “RUAS”.

Cabe ressaltar que esses estudos devem ultrapassar as afirmações práticas do desenvolvimento e envolvimento das instituições para que os “comportamentos criminosos” não sejam “forjados” no moderno sistema de política criminal. Procurar desvelar como as insurgências das práticas culturais na modernidade tardia são representações coletivas das culturas urbanas e interações entre classes e

personalidades, na quais a ordem e os significados representam as possibilidades criativas e inventivas de seus atos e *ultrapassam* as definições formalísticas que a sociologia urbana e do desvio escolhem na demarcação e meios de operação do ato criminoso. Cada época relativiza e se propõe a ser útil para explicar suas definições de categorias sobre *atos* criminosos.

Skatistas me aproximaram da cidade e reinventaram a poesia dos muros em seus espaços de conflitos e desordem. Fui além do *campo romântico* de pesquisar o skate e sua cultura, pois é essa experiência urbana que favorece a insurgência nos espaços das cidades e torna “possível uma ‘libertação’ que passa simultaneamente por um lugarejo, por um espaço de habitação, mas também por uma mobilidade que entrelaça o individual e o coletivo” (MOGNIN, 2009, p. 315).

Em uma espécie de *coda* participei de um sarau com amigos pesquisadores, artistas e poetas em um pequeno bar da Cidade Baixa, em Porto Alegre. Assim me lembrei do capítulo quarto desse trabalho, momento no qual o olhar etnográfico refaz todo o sentimento de *estar* no ambiente urbano. Nesse sarau, na poesia a questão principal estava no aspecto da cidade, onde ela [cidade], com aparência de caixa, produz sentimentos de conflitos, incertezas e tédios; interpretando e reinventando a cultura em seu espaço. O caminhar etnográfico dessa tese *inscreveu* a circulação cultural do skate, remetendo à lembranças da *Dogtown* Californiana até a cidade de Porto Alegre, apontando para como a interação entre cultura urbana e espaço público são fatores que tornam visíveis as reivindicações dos espaços como elementos de experiências que não encontram os limites impostos por ordens ou poderes.

Encontro a Casa Mágica, um lugar em permanente construção e modificação para andar de skate. Rasta coloca no Facebook um “desabafo” sobre o oportunismo político. Reclama da aproximação de pessoas com intenções políticas para divulgarem seu pensamento anárquico e modo de viver. “Eu quero ter meu ganha pão com a Casa Mágica, mas não será me vendendo ou aliando-se com oportunistas que alcançarei meus objetivos”. A Casa Mágica é a resistência contra a influência do modo de vida capitalista. Rasta reclama que já foi “seduzido” por empresas que promovem o skate, mas utilizaram a sua imagem para a venda de produtos, esquecendo o significado do skate e do skatista para a cultura. Ele também diz que há no skate uma resistência aos padrões sociais e à inclinação

política da esquerda *versus* direita. Essas são análises que demandam uma maior compreensão desses fenômenos, como bem aponta Gabriel Feltran (2015), que são cenários sociais e políticos que se movem para “direções ainda desconhecidas”. Parece que cada vez mais pesquisar o contexto das cidades e seus espaços representa movimentos sociais que se originam nas culturas contemporâneas que interconectam lugares com as ilusões de unificações. Desse modo, pesquisar o local como influência da globalização nos espaços das cidades envolve modelos de resistência anárquica na pesquisa sobre culturas, momentos em que a ordem cultural é a imposição e o que resta é o caos cultural. Assim, ilustra que questões sobre os espaços públicos das cidades são aberturas para insurgência culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2001.
- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Trad. Graça Índias cordeiro. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- ALVES, Glória. “Transformações e resistências nos centros urbanos.” *In: Crise Urbana*. Org. Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: Contexto, 2015. Pp. 143-154
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. *Pelas mãos da criminologia: o controle penal para além da (des)ilusão*. Rio de Janeiro: REVAN, 2012.
- ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Tradução Sérgio Lamarrão. Rio de Janeiro: REVAN: Instituto Carioca de Criminologia, 2008. (Pensamento criminológico; 15).
- ANTUNES, Ricardo; POCHMANN, Marcio. “A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil.” *in: Produção de pobreza e desigualdade na América Latina* [orgs. CIMADAMORE, Alberto; CATTANI, Antonio David]. Porto Alegre: Clacso, 2007.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- BENINGER, Rosana. *População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais/ Rosana Beninger (org.)*. Brasília: UNFPA, 2010.
- BARATTA, Alessandro. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução á sociologia do direito penal*. 3. ed. Tradução de Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Revan; Instituto Carioca de Criminologia, 2002.
- BASTOS, Billy Graeff. “Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”.” *Dissert. Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do movimento humano*. Escola de Ed. Física da UFRGS: Porto Alegre, 2006. Orientação de Marco Paulo Stigger.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BEATO, G. “The Lords of dogtown.” *SPIN magazine*. March, 1999. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ca/alva3/spin.html>
- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BECKER, Howard Saul. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. 2ª Edição, São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

BÖES, Guilherme M. *Droga e Mídia: uma análise da campanha “Crack nem pensar”*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 216. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/48d206_c4848ca3b6bf4e4db2899baf9a3e888.pdf.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.

BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BORDEN, Iain. “A performative critique of the city: the urban practice of skateboarding, 1958-98’.” *In: The city cultures reader*. Malcom Miles, Tim Hall e Iain Borden (eds.). Londres: Routledge, 2000.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. “Novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo.” Trad. Claudio Alves Marcondes. *Inscrição e circulação*. Rev. Novos Estudos - CEBRAP, n.94, novembro 2012. Pp. 31-67.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34: EDUSP, 2000.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. 1ªed. São Paulo: editora G. Gilli, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “A reprodução do espaço urbano como momento da acumulação capitalista.” *In: Crise Urbana*. Org. Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: Contexto, 2015. Pp. 25-35.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim F. Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CORNEJO, Miguel; CERDA, Gamal, VILLALOBOS, Alejandro. “El skate uma practica deportiva de transversalidad sociocultural en los jóvenes chilenos: los jóvenes de Concepción – Talcahuano Chile.” *In: Skate e skatistas: questões contemporâneas*. [org. Leonardo Brandão e Tony Honorato]. Londrina: UEL, 2012.

DAMATTA, Roberto. “Recordações de como me deparei com e tentei compreender o espaço por meio de uma sociologia”. *Tempo social*, revista de Sociologia da USP, v. 25, n. 2. São Paulo, 2013.

DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo: escavando o futuro de Los Angeles*. Trad. Marco Rocha e Renato Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DINIZ, Nelson; SILVA, Luciano Hermes. O skate e a produção social do espaço público. *Anais do VII CBG*, VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória, 2014. Disponível em:

http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403971542_ARQUIVO_ArtigoCBGFinalizado.pdf

DIVAN, Gabriel Antinolfi. *O grito vem da rua*. <http://gabrieldivan.wordpress.com/2011/05/30/o-grito-vem-da-rua/>. Acesso em junho 2011.

DUTENKEFER, Eduardo. “Representação do espaço geográfico: mapas dasimétricos, anamorfoses e modelização gráfica.” *Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)* - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-25022011-115539. Acesso em: 2016-10-08

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos culturais: uma introdução.” In: *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 4ª Edição. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. pp.133-166.

FABRIS, Annateresa. *Fragmentos urbanos: representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

FELTRAN, Gabriel. A disputa política nas periferias. Entrevista de Marina Amaral. *A pública*. São Paulo, jul. de 2015. Disponível em: <http://apublica.org/2015/07/a-disputa-politica-nas-periferias/>.

FERRELL, Jeff. “Morte ao método: uma provocação.” In: *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* – Vol.5 – nº1 – JAN/FEV/MAR 2012 – pp.157-176. Tradução de Salo de Carvalho e Simone Hailliot.

FERRELL, Jeff. “Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural.” Trad. Salo de Carvalho e Simone Hailliot. In: *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 18, n.82, jan-fev, 2010. São Paulo: RT, 2010.

FERRELL, Jeff. *Tearing down the streets: adventures in urban anarchy*. New York: Palgrave, 2001.

FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. *Cultural criminology: an invitation*. Londres: SAGE, 2008.

FERRELL, Jeff; HAMM, Mark. “The true confessions: crime, deviance, and field research.” *Ethnography at the edge: crime, deviance, and field research*. FERRELL, Jeff; HAMM, Mark. (Org.) Boston (EUA): Northeastern University Press, 1998.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre urbana e degradada*. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.

FOUCAULT, Michel. “De espaços outros.” Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. *Estados Avançados*, n. 27 (79), 2013.

FREHSE, Fraya. “Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos de urbanização”. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 16, n. 1 (2016a).

FREHSE, Fraya. “A rua no Brasil em questão (etnográfica).” *Pluralidade urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismo*. Org. Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016b. Pp. 197-223.

FREHSE, Fraya. “O espaço na vida social: uma introdução.” *Estudos Avançados*, n. 27 (79), 2013.

FRÚGOLI JR. Heitor. *Espaços públicos e interação social*. São Paulo: Marco Zero, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva/Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende [et. al.]. 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. Trad. Magda Lopes. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HAYWARD, Keith. “Five space of Cultural Criminology.” *The British Journal of Criminology*. (2012) 52 (3), pp. 441-462.

HAYWARD, Keith. *City limits: crime, consumer culture and the urban experience*. Londres: The Glass House Press, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. “Notas sobre o espaço público e imagens da cidade.” *Revista Arquitectos* n. 110.02. 10, jul. 2009.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martinsfontes, 2013.

KATZ, Jack. Time for new urban ethnographies. *Ethnography*, v. 11, Issue 1, april 2010, pp.25-44. Disponível: <http://journals.sagepub.com.ez94.periodicos.capes.gov.br/doi/abs/10.1177/1466138109346999>

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

LATOUR, Bruno. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2ª ed. Campinas: Editora UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2007.

LEFEBVRE, Henri. “A produção do espaço.” Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (Do original: *La production de l’espace*. 4a.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Primeira versão: início- fev. 2006. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf. Acesso em outubro 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LINCK, José Antônio Gerzson. “Criminologia e transgressão: um laço entre movimentos culturais contemporâneos.” *Tese (Doutorado em Ciências Criminais)* – Fac. Direito PUCRS – Porto Alegre, 2014.

LINCK, José Antônio Gerzson. “Malandro quando morre vira samba: criminologias marginais de Madame Satã a Mano Brown”. *Criminologia Cultural e Rock*. Org. Salo de Carvalho, Moysés Pinto Neto, Marcelo Mayora. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

LÖW, Martina. “O spatial turn: para uma sociologia do espaço.” Trad. De Rainer Domschke e Fraya Frehse. *Tempo social, revista de sociologia da USP*. V. 25, n.2, novembro 2013. Pp. 17-34.

LÖW, Martina. “A sociologia do espaço: bases e objetivos.” *Simpósio: Passado e presente da globalização*. Salvador-Bahia: Goethe-Institut, n/d. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/6558982-STANDARD.pdf>. Acesso em setembro 2016.

MACEDO, Márcio. “Hip-Hop SP: transformações entre cultura de rua, negra e periférica (1983-2013).” *In: Pluralidade urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismo*. Org. Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016. Pp. 23-53.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2014.

MAGNANI, José Guilherme C. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, fev. 2002.

MALUF, Sonia. “A antropologia reversa e nós.” *Ilha Revista de Antropologia*, v.12, n.1,2 (2010). Pp. 41-58.

MARCUSE, Herbert. *Contra-revolução e revolta*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARINHO, Marilêne Auxiliadora. “Resistências e contra-usos do espaço público frente às estratégias das políticas de embelezamento urbano – o caso do Largo de Coimbra em Ouro Preto/MG.” *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, Vol. 5, número especial, p.105-123, abr.2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MOURA, Rosa. “Arranjos urbanos-regionais no Brasil: uma análise com foco em Curitiba.” *Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Geografia*, curso de Doutorado em Ciências da Terra, UFPR, 2009.

PADUA, Rafael Faleiros de. “Espaço de desindustrialização na urbanização contemporânea da metrópole.” *Crise urbana*. Org. Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: Contexto, 2015. Pp. 85-103.

PACHECO, Leonardo Turchi. Resenha: De “carrinho” pela cidade. *Campos*, v.15, n. 2 (2014).

PARK, Robert Ezra. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.” *O fenômeno urbano*. Org. Otávio Guilherme Velho; Trad. Sergio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PEIRANO, Mariza. “Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada).” *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. Antropologia (volume 1). Org. Sergio Miceli. São Paulo: Editora Sumaré. Pp. 225-266.

PERIUS, Oneide. *Walter Benjamin a filosofia como exercício*. Passo Fundo: IFIBE, 2013.

REYES, Paulo. *Projeto por cenários: o território em foco*. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

REYNOLDS, Simon. *Postpunk: romper todo y empezar de nuevo*. 1ª ed. Trad. Agustina Marchi e Matías Battistón. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja Negra, 2013.

RIBEIRO, Fabiana Valdoski. “Produção contraditória do espaço urbano e resistências.” *Crise Urbana*. Org. Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: Contexto, 2015. Pp. 171-186.

RIGATTI, Décio. “Espaço da cidade e estruturação social.” *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Org. Wrana M. Panizzi; João F. Rovatti. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura de POA, 1993.

RISÉRIO, Antônio. *A cidade no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ZIMMERMANN, Clóvis; NUNES, Margarete Fagundes; KUHN JR., Noberto; PEDDE, Valdir. “Metropolização – Políticas públicas, múltiplas perspectivas de análise.” *Gestão e desenvolvimento – Revista do ICASA*. Vol. 13, n. 1, 2016. Pp. 04-06.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Circulo do livro, 1992.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. “O retorno do território.” *Território: Globalização e fragmentação*. Org. SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de.; SILVEIRA, M. L São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 15-20.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. “Los espacios de la globalización.” *Anales de geografía de la Universidad Complutense*, nº13, 69-77 – Ed. Comp., Madrid, 1993.

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: HUCITEC, 1982.

SANTOS, Milton. “Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método.” *Boletim Paulista de Geografia*. 1977, pp. 81-99.

SASSEN, Saskia. “Occupying is not the same as demonstrating”. *Global thought*: Columbia University. 2012. Journal article from CGT faculty members. Disponível em: <http://cgt.columbia.edu/wp-content/uploads/2014/01/Occupying-is-not-the-same-as-demonstrating.pdf>. Acessado por: <http://www.saskiasassen.com/PDFs/publications/Occupying-is-not-the-same-as-demonstrating.pdf>.

SASSEN, Saskia. “The global street comes to Wall Street”. *Possible futures: a project of the social science research council*. Nova Iorque, 2011. Disponível em: <http://www.possible-futures.org/2011/11/22/the-global-street-comes-to-wall-street/>

SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização: Estado, economia, cidades globais e as redes digitais*. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SASSEN, Saskia. "A new geography of centers and margins: summary and implications". *The city reader*. Org. Richard T. Legates and Frederic Stout. New York: Routledge, 1997. Pp. 70-74.

SECCHI, Bernado. *Primeira lição de urbanismo*. São Paulo, Perspectiva, 2012.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Trad. Marcos Aarão Reis. 3ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. RJ: Jorge Zahar, 2006.

SNYDER, Gregory J. "The city and the subculture career: professional street skateboarding in LA." *Ethnography: SAGE journal*. Disponível em <http://eth.sagepub.com/content/early/2011/10/26/1466138111413501.full.pdf+html>. Acesso em dezembro de 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ainda além do medo: filosofia e antropologia do preconceito* [recurso eletrônico]. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

STRATHERN, Ann Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Trad. Iracema Dulley, Jamilyne Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: UNICAMP, 2010.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Bauru, SP : Edusc; Belém: EDUPFA, 2005.

VELLOSO, Rita. "Apropriação, ou o urbano-experiência." *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 189.05, Vitruvius, fev. 2016. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949>. Acesso em março 2016.

VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real*. Trad. Paulo Roberto Pires. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosc Naify, 1ª ed., 2015.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2008.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 2ª reimpressão, 2015.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente*: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan; Instituto Carioca de Criminologia, 2002.

OUTRAS FONTES

Filme:

Dog Town and Z-Boys: Onde tudo começou. EUA: Alliance Atlantis, 2001.

Sites na internet:

<http://www.programaolhodepeixe.com/site/>

<http://www.programaolhodepeixe.com/site/conhecendo-o-brooklyn/>

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/02/itamar-melo-a-fissura-de-porto-alegre-por-viadutos-e-uma-perversao-sexual-4965210.html>

<https://www.google.com/maps>

<http://www.sul21.com.br/jornal/maior-e-mais-antigo-condominio-do-continente-iapi-guarda-parte-da-historia-de-poa/>

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/02/pelas-ruas-carro-sobe-mureta-da-avenida-joao-pessoa-na-capital-2408138.html>.

<http://www.skateanddestroy.com/>

<https://youtu.be/ePZ1bGUdXtE>

<http://www.campeonatosdeskate.com.br/2013/05/14/capa-da-revista-isto-e-edicao-2267.html>.

<http://outraspalavras.net/posts/arquitetura-hostil-as-cidades-contra-seres-humanos/>

<http://www.sul21.com.br/jornal/para-secretario-da-seguranca-mulheres-tem-parte-da-responsabilidade-pela-violencia/>

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/12/e-livre-mas-e-nossa-a-reacao-de-manifestantes-de-copacabana-com-a-presenca-de-skatistas/>.

<http://vista.art.br/edicoes/2013/08/vista-049/>

<http://images2.fanpop.com/image/photos/9900000/Lords-of-Dogtown-2006-nikki-reed-9937749-1220-661.jpg>

<http://www.westland.net/venicehistory/>